



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

FELLYP GABRIEL DE SOUSA PEREIRA

**OS PROCESSOS DE (RE)ELABORAÇÃO DE GÊNEROS NO *FACEBOOK*:
UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS DISCURSIVAS NA *FANPAGE* DO
SENSACIONALISTA**

FORTALEZA

2018

FELLYP GABRIEL DE SOUSA PEREIRA

OS PROCESSOS DE (RE)ELABORAÇÃO DE GÊNEROS NO *FACEBOOK*:
UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS DISCURSIVAS NA *FANPAGE* DO
SENSACIONALISTA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística. Linha de pesquisa: Práticas discursivas e estratégias de textualização.

Orientadora: Dra. Maria Margarete Fernandes de Sousa.

FORTALEZA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

P491p Pereira, Fellyp Gabriel de Sousa.

Os processos de (re)elaboração de gêneros no Facebook : um estudo sobre as práticas discursivas na Fanpage do Sensacionalista / Fellyp Gabriel de Sousa Pereira. – 2018.
118 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2018.

Orientação: Prof. Dr. Maria Margarete Fernandes de Sousa.

1. Práticas discursivas. 2. Reelaboração de gêneros. 3. Facebook. I. Título.

CDD 410

FELLYP GABRIEL DE SOUSA PEREIRA

OS PROCESSOS DE (RE)ELABORAÇÃO DE GÊNEROS NO *FACEBOOK*:
UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS DISCURSIVAS NA *FANPAGE* DO
SENSACIONALISTA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística. Linha de pesquisa: Práticas discursivas e estratégias de textualização.

Orientadora: Dra. Maria Margarete Fernandes de Sousa.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Margarete Fernandes de Sousa – Orientadora
Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof. Dr. Lucineudo Machado Irineu – 1º Examinador
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Prof. Dr. Júlio César Araújo – 2º Examinador
Universidade Federal do Ceará – UFC

AGRADECIMENTOS

Peço licença, nesta seção da dissertação, para que eu possa utilizar a primeira pessoa do singular e fazer os meus singelos agradecimentos a todos aqueles(as) que estiveram presentes na minha luta dentro do Mestrado na Universidade Federal do Ceará – UFC. Confesso que estudar nesta instituição era um sonho, pois, na minha época da graduação, eu tive inúmeros professores que tiveram suas formações continuadas na UFC e, eles me foram um centro de inspiração e sabedoria. Sendo assim, é com muito amor e carinho que faço alguns agradecimentos.

- Em primeiro lugar, agradeço a Deus por esta oportunidade que me foi concedida, pois sem a sua bênção, nada disto que aconteceu na minha vida seria possível.
- Ao Mestre Jesus Cristo, pois me sinto protegido toda vez que enuncio o seu santo nome em minhas orações. Com certeza, ele é a maior inspiração de vida para todos aqueles que estão encarnados nesta matéria.
- À Nossa Senhora Aparecida, pois ela é a mãe de todas as mães, a eterna Padroeira do Brasil.
- À minha família, que sempre esteve ao meu lado, dando-me forças e incentivos para que eu possa continuar meus estudos com louvor e paz. Não tenho como esquecer o que vocês fizeram por mim. Cada um de vocês teve um papel fundamental na minha conduta: Fernando Gabriel, meu pai, sempre exercendo a sua autoridade e me impondo limites; Hortência Gabriel, minha mãe, sempre me dando apoio, incentivos e amor; Adenildes Gabriel, minha tia, sempre me dando conselhos, força e boas energias.
- À minha eterna orientadora, Dra. Maria Margarete Fernandes de Sousa, a qual me acolheu como um filho acadêmico na UFC. Sem sombra de dúvidas, amei ser orientando desta mãezona que sempre me deu ótimos conselhos e puxões de orelha quando eu precisei. Amo muito você, Meg.
- À minha eterna professora Dra. Maria Elias, chamada por mim, carinhosamente, de Atena. Esta é uma mulher guerreira, zangada e

amorosa que amei conhecer na minha vida acadêmica. Quem estuda na UFC e não paga a cadeira de Métodos com a Atena, pode ter certeza que nunca entenderá o verdadeiro sentido de uma pesquisa ser “relevante, oportuna e necessária”. Amo muito você, Atena.

- À professora Dra. Mônica Magalhães, que, além de ser uma pessoa muito dedicada e amorosa com todos os seus alunos, ela me deu ótimos conselhos e saídas para minha pesquisa. Nas minhas aulas, costumo dizer que tenho orgulho de ter sido aluno da maior linguista viva da atualidade. Amo muito esta professora que me serviu de inspiração para minha vida de professor.
- Ao professor Dr. Júlio César Araújo, que, além de ser grande amigo e conselheiro, é uma inspiração para aqueles que seguem o caminho da pesquisa em Linguística. Júlio, eu tenho certeza que nossa amizade é do astral superior, pois você é um membro do Santo Império Juramidam. Nunca vou me esquecer das nossas conversas sobre espiritualidade e mediunidade. Amo você, caboclo.
- Ao professor Dr. Kilpatrick Campelo, pois, quando se fala em didática e ensino de língua portuguesa com maestria, eu jamais irei me esquecer desta fera que fez parte da minha vida acadêmica. Sem sombras de dúvidas, o professor Kilpatrick foi um dos caras que mais admirei na minha vida acadêmica.
- Ao professor Dr. Alcione Correia, pelas primeiras orientações na minha vida acadêmica. Tenho muito orgulho de ser amigo desse professor que sempre se mostrou muito atencioso e humilde com os seus alunos. Outra inspiração que tive.
- Aos meus alunos do Colégio Antares, do Colégio Santa Rita e do Colégio São Lucas, dedico-lhes também estes agradecimentos, pois muitas vezes entrei em sala de aula cansado e estressado, mas sempre com muito amor e carinho para ensinar com muita paz o que venho estudando na minha vida. Gratidão pela compreensão e pelo respeito.
- A toda irmandade do Santo Império da Igreja Céu do Ceará. Confesso que aprendi muito com vocês, amei todas as amizades verdadeiras que fiz em Fortaleza, sem dúvidas, eu as levarei comigo para sempre.

- Ao queridíssimo Eduardo Xavier, pois este ser divino sempre deu atenção merecida e respeitosa aos alunos do PPGL da Universidade Federal do Ceará. Só tenho a agradecer pela sua paciência, responsabilidade e assiduidade. Gratidão de verdade pela sua amizade, nobre guerreiro.
- Ao CNPq, pelo apoio financeiro, sem o qual esta pesquisa não poderia ter ido adiante. Gratidão pelas fiéis bolsas ao longo desses dois anos de Mestrado.

RESUMO

O trabalho em questão tem por objetivo geral analisar as práticas discursivas das postagens na *fanpage* do Sensacionalista no *Facebook*, considerando a intertextualidade intergenérica dessas práticas, suas manifestações em *remixes* e *mashups* e as *affordances* do ambiente virtual. Em virtude disto, conduzimos nossa linha de investigação nas concepções teóricas de gêneros do discurso e suas (re)elaborações (BAKHTIN, 2011), nos fenômenos de intertextualidade intergenérica estudados no escopo da Linguística de Texto (KOCH, 2007, 2009; KOCH; ELIAS, 2008), nas práticas de *remix* e *mashups* (NAVAS, 2010; BUZATO ET.AL, 2013) e, por fim, no conceito de *affordances* (GIBSON, 1986; SILVA, 2015). Além disto, com relação ao percurso metodológico, em primeiro lugar, elencamos a *fanpage* do Sensacionalista no *Facebook*, para fins de análise, com base em quatro critérios, isto é, por ser uma *fanpage* que: i) possui mais de 1 milhão curtidas; ii) apresenta uma regularidade de postagens semanais; iii) apresenta conteúdo institucional com mais de três anos de criação; iv) apresenta como um dos critérios temáticos centrais a grande depressão do governo de Dilma Rousseff. Em segundo lugar, analisamos cinquenta postagens que também foram selecionadas com base em quatro critérios, saber: i) ter, no mínimo, mil curtidas; ii) possuir, no mínimo, mil compartilhamentos; iii) apresentar discussões (interações de participantes) com base no tema piloto da postagem; iv) ter sido postada a partir da data de primeiro de janeiro de 2014 até o dia primeiro de janeiro de 2017, correspondendo, no total, a três anos de práticas discursivas na referida *fanpage*. Em terceiro lugar, ainda sobre a metodologia, decidimos utilizar a etnografia virtual ou a netnografia (HINE, 2004; KOZINETS, 2010; MARTINS, 2011) para descrevermos tanto as *affordances* da *fanpage* quanto as *affordances* da postagem. Sobre os resultados da pesquisa, constatamos que os processos de intertextualidade intergenérica que ocorrem no interior desses *posts* propiciam mesclas entre diferentes gêneros discursivos, a saber: as notícias, os comentários, os anúncios e as histórias em quadrinho. Foi constatado ainda que as práticas de *remixes* e *mashups* são novas estratégias de textualização que subvertem os textos na *internet*. Além disso, as análises evidenciaram que a interação do homem com as *affordances* do ambiente

digital possibilita a (re)elaboração de gêneros discursivos, como foi o caso das chamadas de notícias. Por fim, ao final da pesquisa, confirmamos que as postagens do Sensacionalista são práticas discursivas que assumem a forma dos diferentes gêneros discursivos que já existem nas diferentes esferas sociais, os quais são (re)elaborados no suporte multisemiótico da *fanpage* no *Facebook*.

PALAVRAS-CHAVE: Práticas discursivas. Reelaboração de gêneros. *Facebook*.

ABSTRACT

The work in question has the general objective to analyze the discursive practices of the posts in the Sensacionalista's Facebook fanpage, considering the intergeneric intertextuality of these practices, their manifestations in remixes and mashups and the affordances of the virtual environment. In this way, we conduct our research in the theoretical conceptions of discourse genres and their reformulations (BAKHTIN, 2011), in the intergeneric intertextuality phenomena studied in the scope of Text Linguistics (KOCH, 2007, 2009; KOCH; ELIAS, 2008), in the practices of remix and mashups (NAVAS, 2010; BUZATO ET.AL, 2013) and, finally, in the concept of affordances (GIBSON, 1986; SILVA, 2015). In addition, with respect to the methodological course, first of all, we list a Sensacionalista's fanpage on Facebook, for analysis purposes, based on four criteria, that is, as a fanpage that: i) has more than 1 million tanned ; ii) presents a regularity of weekly posts; iii) annals created with more than three years of creation; iv) presents as one of the main central indicators a great deal of Dilma Rousseff's government. Secondly, we have analyzed fifty posts that were also selected based on four criteria: i) having at least a thousand tanned; ii) have at least one thousand shares; iii) present discussions (participant interactions) based on the pilot topic of the post; iv) be posted from the date of January 1st, 2014 until January 1st, 2017, corresponding in total to three years of discursive practices in said fanpage. Third, still on the methodology, we decided to use virtual ethnography or netnography (HINE, 2004; KOZINETS, 2010; MARTINS, 2011) to describe both affordances of fanpage and affordances of postage. On the results of the research, we found that the processes of intergeneric intertextuality that occur within these posts provide mixtures between different discursive genres, namely: news, comments, announcements and comics. It was also verified that the practices of remixes and mashups are new textualization strategies that subvert texts on the internet. In addition, the analyzes showed that the interaction of the man with the affordances of the digital environment makes possible the reformulation of discursive genres, as was the case of the news calls. Finally, at the end of the research, we confirm that the posts of the Sensationalist are discursive practices that take the form of the different discursive genres that already exist

in the different social spheres, which are reformulated in the multisemiotic support of Facebook fanpage.

Keywords: Discursive practices. Reformulations of genres. Facebook.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Esquema sinóptico das intertextualidades intergenéricas.....	31
Figura 2 – Remix estendido.....	33
Figura 3 – Trailer do filme Keoma.....	34
Figura 4 – <i>Remix</i> reflexivo.....	35
Figura 5 – Mashups de serviço agregativo.....	36
Figura 6 – Mashups de serviço integrativo.....	37
Figura 7 – <i>Mashup</i> de conteúdo regressivo.....	38
Figura 8 – Tipos de remixes enquanto produtos.....	40
Figura 9 – Amostra da <i>fanpage</i> da ex-presidente Dilma Rousseff.....	52
Figura 10 – O ambiente virtual desenhado da <i>fanpage</i>	95
Figura 11 – As <i>affordances</i> internas da <i>fanpage</i>	97
Figura 12 – As <i>affordances</i> da postagem.....	99
Figura 13 – O <i>link</i> como uma <i>affordance</i> dos <i>posts</i>	101
Figura 14 – A imbricação de esferas sociais no <i>post</i>	103
Quadro 1 – Os dois tipos de <i>affordances</i>	56
Quadro 2 – Síntese analítica.....	83
Quadro 3 – Esquema sinóptico dos <i>Mashups</i>	86
Quadro 4 – As estratégias de transcendência textual em <i>posts</i>	91

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 PERCURSO TEÓRICO.....	22
2.1 Os gêneros do discurso e as intertextualidades intergenéricas.....	22
2.2 As práticas de <i>remix</i> e <i>mashups</i>	32
2.3 As <i>affordances</i> e as práticas discursivas.....	41
3 PERCURSO METODOLÓGICO.....	49
3.1 O Método de abordagem e o tipo de pesquisa.....	49
3.2 Delimitação do universo da pesquisa.....	51
3.3 O processo de coleta de dados.....	53
3.4 Procedimentos de análise.....	54
4 PERCURSO ANALÍTICO.....	58
4.1 As intertextualidades intergenéricas.....	58
4.2 As práticas de <i>remix</i> e <i>mashups</i>	75
4.3 As <i>affordances</i> e as práticas discursivas.....	93
4.3.1 As <i>affordances</i> do ambiente desenhado.....	94
4.3.2 As <i>affordances</i> da postagem.....	99
5 CONCLUSÃO.....	106
5.1 Afinal, o que é uma postagem (ou um <i>post</i>)?.....	107
5.2 Afinal, o que são práticas discursivas e reelaborações?.....	108
5.3 Sugestões de continuidade da pesquisa.....	109
REFERÊNCIAS.....	112

1 INTRODUÇÃO

Em sociedade, realizamos várias práticas discursivas¹ em diferentes esferas da sociedade que fazem emergir diferentes gêneros discursivos², sejam eles nas modalidades oral ou escrita. Se formos a uma igreja católica no domingo à noite para assistirmos a uma missa, por exemplo, percebemos que vários textos organizam o andamento de tal prática discursiva: as canções de louvores cantadas por todos é um gênero discursivo, a homiliada ou sermão que o padre profere, fundamentado na bíblia, também é um gênero, bem como os salmos e os evangelhos.

Se formos a uma igreja do Santo Daime, em qualquer lugar do Brasil, outras práticas discursivas também desencadeiam uma série de usos de gêneros. Podemos perceber que são os gêneros discursivos que organizam sessões de trabalho espiritual, como é o caso dos hinos, os quais se aproximam de poemas cantados e que possuem características como, musicalidade, rimas, melodias, elementos místicos e uma regra estilística de como ser cantado. Todas estas formas textuais que emergem da esfera religiosa possuem suas próprias estruturas composicionais, seus estilos, seus conteúdos temáticos, seus propósitos comunicativos, suas funções sociais, suas historicidades, sua ação social tipificada, suas relatividades e suas regularidades. Em síntese, para qualquer espaço para o qual o ser humano se deslocar, ele vivenciará diferentes práticas discursivas envolvendo a linguagem que resultarão em gêneros discursivos.

Quando investigamos um gênero discursivo, estamos analisando não só formas textualizadas que apresentam um tripé bakhtiniano (estrutura composicional, estilo e tema), mas também, uma entidade linguística com um alto poder simbólico de ação enunciativa, persuasão e geração de sentidos que

¹ Em consonância com Marcuschi (2008), entendemos práticas discursivas como um conjunto de eventos e ações que são legitimadas por gêneros (orais e escritos) em situações tipificadas e recorrentes da vida humana. Estas práticas, no sentido bakhtiniano, acontecem no interior de uma esfera específica da atividade humana.

² Convém destacar que nesta dissertação não pretendemos entrar na seara terminológica que diferencia gêneros textuais, gêneros discursivos ou gêneros do discurso, pois não é relevante para nosso trabalho. Sendo assim, chamaremos apenas de gêneros discursivos indiscriminadamente; porém, para aqueles que necessitam de uma discussão sobre o assunto, sugiro consultar Rojo (2005), Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas.

visam atingir algum propósito comunicativo carregado de intenções por parte de um enunciador, este sendo um ser humano que visa criar propósitos e desenvolver ações em sociedade utilizando-se de textos para isto.

Os gêneros discursivos já foram objeto de análise de vários pesquisadores (ARAÚJO, 2003; MARCUSHI, 2010; XAVIER, 2010; ALVES, FILHO, 2011) os quais deixaram um significativo legado sobre este tema, inclusive sobre os gêneros que passam por (re)elaborações de natureza digital, que, possivelmente, teriam se desenvolvido no interior de uma esfera digital, concepção que vem sendo rediscutida por Araújo (2016). Segundo o autor, o conceito de esfera digital não se sustenta em um estudo de base epistemológica bakhtiniana, pois o postulado teórico de Bakhtin (2011) defende a existência de esferas da atividade humana como geradora de gêneros e a *web* não possui a instância concreta para gerar enunciações, porém, os gêneros podem sair das esferas sociais e se (re)elaborar no ambiente virtual com a intervenção de humanos que interagem com computadores. Com base nisto, adotamos a posição da não existência de esferas digitais, em consonância com Araújo (2016). Ainda assim, podemos dizer que o que acontece de fato é o surgimento de gêneros que saem das diversas esferas sociais e se adaptam em ambientes digitais sem perder a sua forma intacta de sua contraparte impressa, como é o caso dos artigos científicos. Outros, por sua vez, estão em constantes processos de (re)elaboração e, conseqüentemente, estão sendo mesclados e/ou imbricados com diversos gêneros em plataformas digitais por decorrência das disponibilidades técnicas³ que são oferecidas por este meio de possibilidades quase que infinitas. Sendo assim, podemos dizer que estes gêneros discursivos estão em um *continuum* tênue da emergência à standardização.

Ainda no escopo dos estudos sobre gêneros discursivos, alguns autores como Alexandre (2012) e Castro (2012), apropriaram-se em seus trabalhos do termo *affordances* para suas pesquisas no *Twitter*⁴, no entanto, este conceito foi apresentado, primeiramente, por James Gibson (1986) em seus estudos

³ De acordo com Navas (2010) e Buzato et al. (2013), um dos meios utilizados é o *remix* e *mushup* que são técnicas de recorte e bricolagem de textos que estão sendo trazidos para o escopo da linguística como uma possível estratégia de transtextualidade.

⁴ <https://twitter.com/login?lang=pt>.

dentro do campo da Psicologia Ecológica. Ele discorreu sobre interação dos animais em seu habitat natural, porém, hodiernamente, o termo foi estendido por Silva (2015) em suas discussões sobre como os seres humanos interagem com o ambiente desenhado para aquisição de língua estrangeira em ambientes de aprendizagem virtual, ou melhor, a autora se debruçou no campo da interação humano-computador.

Com base nisto, Alexandre (2012) e Castro (2012) consideraram, em seus trabalhos, respectivamente, que “os perfils *Fakes*” e “as páginas de instituição de ensino superior” no *twitter* são gêneros digitais que se formam pela interação dos humanos com um conjunto de *affordances* e que são constituídos estruturalmente como um conjunto de *affordances*. Porém, não assumimos, como eles, este ponto de vista, pois entendemos que as páginas que os autores codificam como gêneros digitais não passam de perfils fabricados por um *síte* de rede social (RECUERO, 2016) chamado *Twitter*. Sendo assim, se não existe esfera digital, não existem gêneros digitais e esta terminologia torna-se inconsistente. Ademais, estes trabalhos são importantes para a nossa pesquisa, pois nos levam a refletirmos e problematizar sobre as emergências e as (re)elaborações de gêneros em suportes digitais. Então, com base nisto, convém dizer que ainda não existe uma teoria de gêneros discursivos digitais (um conjunto de hipóteses a ser verificadas mais um método coerente de análise) que delimite, defina, problematize e produza uma explicação exaustiva e não contraditória de natureza científica que venha a provar que as páginas criadas dentro de um *síte* de rede social sejam classificadas como gêneros digitais.

Os gêneros discursivos que surgem em ambientes digitais vêm sendo estudados no meio acadêmico, como é o caso levantado por Lima-Neto (2009) que investigou os *scraps* do *Orkut*, tomando-os como gênero, ponto de vista com que discordamos, porque o que ele chamou de *scrap* é o que chamamos de reelaboração de gênero, ou seja, todo anúncio ou comentário que era publicado dentro do *síte* de rede social do *Orkut* era chamado de *scrap*, quando na verdade estávamos diante de gêneros discursivos que eram transpostos e/ou reelaborados dentro do *scrap*, o qual era uma espécie de postagem. Em virtude disto, seria mais conveniente defender que o *scrap* tinha características funcionais de uma prática discursiva.

Além disso, autores como Marcuschi (2010), Lima-Neto (2014) e Araújo (2016) consideram que os gêneros discursivos que circulam em mídias digitais na contemporaneidade são conhecidos gêneros que outrora já existiam em esferas sociais e, agora, eles estão passando por fenômenos que vão das intertextualidades intergenéricas às (re)elaborações, ou melhor, eles saem da esfera social para os ambientes virtuais. Com isto, o fenômeno das mesclas com outros gêneros, devido às possibilidades que os recursos digitais proporcionam, deixou o fenômeno mais produtivo, ou seja, mais recorrente, pois um gênero sai de uma esfera da sociedade para entrar no ambiente de circulação digital para, de lá, imbricar-se e/ou absorve outros gêneros para dentro de si, como foi o caso do *scrap* no *Orkut* que foi estudado por Lima-Neto (2009), como já mencionamos. Porém, será se o mesmo *scrap* que emergira no *Orkut* emerge atualmente nos *posts* de *fanpages* no *Facebook* com as mesmas peculiaridades? Defendemos que não, pois se trata de *sites* redes sociais diferentes e com funcionalidades diferentes.

Esses estudos em ambientes virtuais nos motivam e reforçam a necessidade de discutir e defender mais um ponto de vista sobre os gêneros discursivos, pois a era digital vem a cada dia proporcionando mudanças e/ou evoluções significativas nas estruturas sociais e comportamentos dos indivíduos que, conseqüentemente, recaem também nos textos, pois não podemos desconsiderar o lado sociocultural e sociocognitivo dos gêneros discursivos na vida das pessoas. Sendo assim, as demandas sociais que surgem na sociedade e pela sociedade são solucionadas com gêneros discursivos orais e/ou escritos que podem ser transpostos ou reformulados em postagens de sites de redes sociais.

Os eventos comunicativos (re)elaborados e veiculados nos *posts* do *Facebook* configuram-se como um objeto de estudo complexo, pois essas práticas discursivas viabilizadas pela postagem do *Facebook* podem resultar em diferentes mesclas tanto de linguagens (verbais e não verbais) quanto de gêneros e se utilizar de práticas de recortes e bricolagem que chamamos, em consonância com Narvas (2010) e Buzato et al. (2013), de *remix* e *mashup*. Estas são estratégias de textualização que visam atender ao propósito comunicativo satírico com efeito de discurso jornalístico, como é o caso dos *posts* na *fanpage* do Portal Sensacionalista, o qual é uma prática discursiva, ou

seja, o objeto de estudo desta pesquisa. Sendo assim, os gêneros discursivos que são vinculados nos *posts* do *Facebook* assumem uma alta forma relativamente estável em decorrência do seu suporte de manifestação, tornando, assim, difícil a missão de se caracterizar a sua forma genérica mais prototípica, o que não nos impede de buscar as suas regularidades, assim como os seus desdobramentos. O interessante de se observar é que as (re)elaborações acontecem tanto nos *posts* centrais como nos *posts* secundários que chamamos de metacomentários, os quais são oriundos dos *posts* centrais e mantêm com eles coerência de conteúdos e sentidos que são construídos com quem interage com os textos que são postados.

Ainda sobre as práticas discursivas na internet, o domínio e a compreensão das *affordances* nas (re)elaborações dos gêneros discursivos influenciam na forma como as pessoas se organizam, afinal, os propósitos comunicativos e as ações enunciativas estão vinculados aos textos que se (re)elaboram nos *posts* do *Facebook* para atender às demandas sociais. Os *posts* da *fanpage* do Sensacionalista no *Facebook* vêm sendo usados frequentemente como uma *affordance* variada e restritiva que visa atender a uma série de diversas práticas discursivas das quais emergem diferentes gêneros discursivos com diferentes formas e em processos evolutivos bem diferentes e diversificados (uns mais estandardizados e outros em processos de estandardização). Dessa maneira, vimos nos últimos anos, diferentes práticas discursivas que surgem em *posts* de *fanpages* no *Facebook* com propósitos comunicativos diversos, ações sociais múltiplas, temas diversificados, estrutura composicional diferente e uma linha tênue de forças centrípetas e centrífugas atuando em confronto no estilo do gênero e no estilo do produtor do gênero; mas também, vimos que existem *fanpages* no *Facebook* que utilizam os seus *posts* com apenas um único propósito comunicativo, como por exemplo, o propósito satírico, o qual é utilizado na página do portal Sensacionalista no *Facebook*.

Se entendermos que os gêneros discursivos possuem ação significativa com a linguagem, conseqüentemente, teremos ações realizadas por inúmeros gêneros discursivos mesclados que emergem através de reelaborações em *posts* de *fanpages*, por exemplo, alguns que possuem o objetivo de informar fatos verídicos; outros, com o objetivo de satirizar, difamar, autopromover,

ironizar costumes, vender produtos e produzir humor. Sem dúvida, estes gêneros (re)elaborados de natureza verbo-visual são gêneros que possuem uma ação social simbólica muito forte e de alto poder de disseminação de notícias e reportagens satíricas que podem gerar diferentes interpretações no interlocutor, dependendo do nível de letramento dos usuários que interagem e se apropriam das possibilidades disponíveis pelas redes sociais para realizar uma leitura coerente dos diferentes tipos de ações desses *posts* do *Facebook*.

Portanto, quando pesquisamos essa temática dos gêneros discursivos no contexto digital, constatamos o aspecto relevante desta pesquisa, pois, dentre outros aspectos, suscita a possibilidade de se reconhecer e se discretizar a (re)elaboração de gêneros do seu suporte de manifestação, como também, a sua função social frente aos produzidos⁵ no que diz respeito à percepção, aceitação e reconhecimento de tais formas de ações sociocomunicativas como gênero. Sendo assim, esta pesquisa visa contribuir para o estudo dos gêneros discursivos, principalmente, os que emergem no *site* de rede social do *Facebook*, discutindo assim, até que ponto um novo gênero surge e qual a natureza do seu *locus* de manifestação.

Com base nisto, este trabalho é oportuno, porque podemos discutir, primeiro, quais os gêneros discursivos que estão em processos tênues de standardização com base em uma concepção bakhtiniana de (re)elaboração. Além disso, podemos esclarecer que as ações linguísticas dos gêneros (re)elaborados no interior dos *posts* em *fanpages* no *Facebook* não tornam essas páginas gêneros discursivos, afinal, as pessoas ou instituições se apropriam dessa ferramenta digital para agir socialmente; em segundo lugar, visa confirmar a hipótese de que as postagens não são gêneros discursivos digitais, mas sim, práticas discursivas que veiculam diferentes gêneros e os imbricam para atender a diferentes propósitos comunicativos e, em terceiro lugar, levantar uma problemática teórica das mesclas de gêneros proposto por Lima-Neto (2009) no ambiente virtual, pois, será se as mesclas pesquisadas pelo autor no *Orkut* possuem as mesmas peculiaridades das que se

⁵ O termo “produzidos”, nesta dissertação, refere-se àqueles que além de produzir os gêneros discursivos em postagens no *Facebook*, também os consomem na mesma medida em que os produzem. Isto é típico dos leitores que estão conectados em rede de *internet*, os quais interagem uns com os outros por meio de computadores.

manifestam no *Facebook*? Compreendemos que não, porque estamos diante de dois *sites* de redes sociais com configurações e funções diferentes.

Ainda assim, em fulcro desta pesquisa, podemos questionar se a classificação proposta pelo autor é coerente com o que dizem os dados ou se há um fenômeno maior e mais complexo que precisará de uma teorização adequada nas relações existentes nessas imbricações de gêneros no *site* de social do *Facebook*. Vale ressaltar que, além das motivações teóricas existentes, há uma motivação prática, pois os resultados desta dissertação podem contribuir para uma explicação de gêneros discursivos como ferramentas de ensino para o letramento em *e-textos* (textos eletrônicos) que estão se disseminando cada vez mais nesta contemporaneidade, afinal, vimos que hoje em dia as pessoas com idade mais avançada, assim como as crianças, vêm se utilizando e aprendendo a manusear os computadores para atender exigências que aparecem em suas vidas, como também, apropriando-se dos gêneros discursivos, nos quais há propósitos comunicativos e ações simbólicas de linguagens.

Desta maneira, pensando no que já vem sendo discutido em outras áreas da Linguística, como por exemplo, a Linguística Textual que vê os gêneros como um evento comunicativo, uma unidade significativa complexa com alto poder discursivo de cunho organizacional e argumentativo; delimitamos a nossa pesquisa no estudo das práticas discursivas que vêm sendo utilizadas por milhões de pessoas através de intertextos e práticas de *remixes* e *mashups* como estratégias de textualização na produção de gêneros discursivos emergentes que, na maioria das vezes, são gêneros já conhecidos que são apenas (re)elaborados nos *posts* do *Facebook* e lá adquirem uma estrutura genérica peculiar do próprio *site* de rede social do *Facebook*. Ademais, esta pesquisa é de suma importância até mesmo para trabalhos posteriores que podem discorrer sobre essa temática da (re)elaboração de gêneros discursivos em outras *fanpages* e, quem sabe, no futuro, poderão confrontar os resultados que são aqui apresentados no final desta pesquisa com os de outros *sites* de redes sociais.

Sendo assim, delimitamo-nos, teoricamente, nesta dissertação, nos pressupostos dos gêneros do discurso e da (re)elaboração de gêneros discutida em Bakhtin (2011); nas concepções da Linguística de Texto

defendidas por Koch e Elias (2008), Koch (2009), Cavalcante (2010) e Custódio-Filho (2010); nos conceitos de transtextualidade percorridos por Genette (2010); nos estudos das emergências de gêneros discursivos tratado por Marcuschi (2010), Xavier (2010) e Lima-Neto (2014); nos conceitos de *remix* e *mashup* defendidos por Navas (2010) e Buzato et al. (2013); nas noções de *affordances* defendida por Gibson (1986) e Silva (2015) e, por fim, adotamos a noção de gênero desenvolvida na teoria da sociorretórica por Bazerman (2011) e Miller (2012) que consideram os gêneros como formas que agem em sociedade e que exercem diversos atos simbólicos que podem ter impactos significativos tanto em uma pessoa civil, como em uma instituição, pois, os gêneros são forças discursivas baseadas em situações tipificadas de uso.

Para a realização desta pesquisa, em primeiro lugar, nossa proposta consiste em descrever os gêneros discursivos que se imbricam dentro das postagens através da intertextualidade intergenérica. Em seguida, discorreremos sobre as transcendências textuais que são constituídas com base nas práticas e *remixes* e *mashups*. Por último, descrevemos as *affordances* que surgem tanto no ambiente digital quanto nas postagens do Sensacionalista a fim de possibilitar aos usuários engajamentos. Em fulcro disto, levantamos os seguintes questionamentos de pesquisa:

- a) Qual a finalidade das imbricações entre os gêneros discursivos na produção de sentido das postagens que emergem na *fanpage* do Sensacionalista no *Facebook*?
- b) Como se dão as divergências e convergências entre práticas de *remix* e *mashup* das práticas de intertextualidades intergenéricas nas postagens do Sensacionalista?
- c) De que maneira as práticas discursivas e as mesclas dos gêneros são possibilitadas nas postagens da *fanpage* do Sensacionalista no *Facebook*?

Com base nestes questionamentos, desencadeamos três objetivos específicos que nortearam e estão interconectados nesta pesquisa. Foram eles:

- a) Analisar o processo de intertextualidade intergenérica que emerge dos *posts* na *fanpage* do Sensacionalista;
- b) Descrever as práticas de *remixes* e *mashups* nos gêneros discursivos (re)elaborados através da apropriação dos humanos das *affordances* disponibilizadas pelo *site* de rede social do *Facebook*;
- c) Descrever, netnograficamente, as *affordances* do ambiente virtual que proporcionam práticas discursivas e mesclas de gêneros nas postagens da *fanpage* do Sensacionalista no *Facebook*.

Em virtude desses objetivos específicos, levantamos três pressuposições de trabalho que nortearam esta pesquisa e estão interconectadas com cada objetivo específico. Foram elas:

- a) O processo de intertextualidade intergenérica, que acontece no *locus* das postagens na *fanpage* do Sensacionalista no *Facebook*, é o indício de que no texto em que ela se manifesta, haverá um processo de mescla de gêneros;
- b) As práticas de *remixes* e *mashups* são estratégias de textualização que transformam e/ou subvertem tanto as imagens quanto os gêneros discursivos que estão vinculados nas postagens do Sensacionalista;
- c) As várias *affordances*, que são disponibilizadas na *fanpage* do Sensacionalista, possibilitam aos produtores de textos na *internet* a viabilidade de manifestar diferentes práticas discursivas por meio da postagem, pois nesta, diversos gêneros advindos de diferentes esferas digitais são (re)elaborados em um *locus* multisemiótico.

A organização desta investigação linguística sobre reelaboração de gêneros e práticas discursivas no *site* de rede social do *Facebook* está organizada da seguinte maneira: no capítulo 1, apresentamos a introdução que mostra a relevância da pesquisa e o porquê deste trabalho ser pertinente, oportuno e necessário em se tratando de mais um estudo sobre os gêneros discursivos no *site* de rede social do *Facebook*. Além disto, problematizamos alguns estudos que nos serviram de base para esta pesquisa, como os de Lima-Neto (2009), Alexandre (2012), Castro (2012) e alguns conceitos, como a emergência de gêneros e a questão das esferas sociais.

No Capítulo 2, discorremos sobre a base epistemológica que abarca a abordagem bakhtiniana e as outras teorias complementares que nos auxiliaram a dar maior coerência analítica ao nosso objeto de estudo. Com base nisto, buscamos apoio nos conceitos de intertextualidades intergenéricas, nas concepções de *remix* e *mashups* e no conceito de *affordance* da psicologia ecológica, pois estas se constituem como categorias analíticas desta pesquisa. Sendo assim, este capítulo é essencialmente teórico. No capítulo 3, discorremos sobre o nosso percurso metodológico, o qual, além de apresentar todos os passos da pesquisa, discorre sobre a metodologia que vem sendo utilizada nas pesquisas em ambientes digitais, a etnografia virtual ou netnografia de Hine (2004).

No capítulo 4, fazemos as descrições analíticas, críticas e reflexivas sobre os dados que compõe o *corpus* da pesquisa, ou seja, as postagens na *fanpage* do portal Sensacionalista no *Facebook*. É neste capítulo que apresentamos ao leitor as discussões das categorias de análise que elencamos nos objetivos específicos desta pesquisa: as intertextualidades intergenéricas, as práticas de *remix* e *mashups* e as *affordances* do ambiente digital.

Por fim, no capítulo 5, apresentamos a síntese dos resultados em forma de conclusão. Além disto, este capítulo, além de trazer respostas conceituais sobre as postagens e as práticas discursivas no *site* de rede social do *Facebook*, ele norteia possíveis caminhos para futuros pesquisadores que venham a se interessar pela temática das práticas discursivas em *sites* de redes sociais.

2 PERCURSO TEÓRICO

O escopo deste capítulo é a discussão teórica dos conceitos basilares desta pesquisa e das categorias de análise que elencamos para investigar e discutir o nosso objeto de estudo, que apresenta três pontos de vista sobre a linguagem que vem sendo utilizada, no século XXI, por produtores que, com a mediação do computador, estão conectados à rede de internet. Para isso, faremos uma problematização do objeto que nos dispusemos a estudar nesta dissertação, o qual é delimitado como: as práticas discursivas realizadas por diferentes estratégias de textualização em gêneros discursivos (re)elaborados nas postagens da *fanpage* do Sensacionalista no *Facebook*. Sendo assim, este capítulo está subdividido em três subseções teóricas que foram criadas com base nos objetivos que traçamos para esta empreitada dissertativa, a saber: os gêneros do discurso e as intertextualidades intergenéricas, as práticas de *remix* e *mashups* e as *affordances* e as práticas discursivas.

2.1 Os gêneros do discurso e as intertextualidades intergenéricas

Ao entendermos os gêneros discursivos como formas relativamente estáveis de enunciados concretos (orais e escritos) que emanam de diferentes esferas da atividade humana (BAKHTIN, 2011), podemos imaginar a multiplicidade de gêneros que emergem em um espaço social de um programa de pós-graduação em linguística e/ou estudos literários, cada um com seus propósitos, seus conteúdos, suas formas recorrentes e com a atuação de forças internas e externas agindo concomitantemente. Sendo assim, seriam gêneros bem variados que apareceriam, a saber: resenha, sinopse, resumos científicos, projeto de pesquisa etc. Agora, imaginemos os gêneros que emergem em um hospital, por exemplo. Observaríamos que muitos gêneros da esfera social citada acima não emergiriam e nem sequer atenderiam a algum propósito do espaço acadêmico. Entretanto, se colocássemos as bulas de remédio, prontuários, receitas, exames e laudos? Certamente, esses textos emergem no espaço hospitalar.

É da sapiência da maioria dos cientistas em Linguística que cada gênero do discurso, em consonância com Bakhtin (2011), emerge de diferentes

esferas da atividade humana e cada um desses enunciados possui um conjunto de características genéricas que, a depender do campo da atividade humana, apresentam diferentes estruturas composicionais, estilos e temáticas. Ainda segundo Bakhtin (2011):

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas por que são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 2011, p. 262).

Com base nisto, podemos dizer que, assim como existem esferas mais complexas do que outras, existem gêneros que se complexificam e evoluem em decorrência de circunstâncias que aparecem no espaço/tempo acrescentada ao estilo individual de quem produz o texto. Sendo assim, não podemos dizer que uma esfera do dia a dia é mais complexa do que uma esfera social de natureza jurídica. Tal afirmação é consistente se pararmos para pensar nos gêneros que surgem na primeira e nos gêneros que surgem na segunda. Poderia um recado ser mais complexo do que uma petição judicial? Evidentemente que não. É sobre isto que Bakhtin (2011) argue sobre a complexificação de gêneros em determinados campos sociais.

Em virtude do que foi dito acima, qual a relação que podemos fazer entre o pensamento bakhtiniano de gêneros discursivos com os gêneros que são reelaborados em postagens, se o que foi pensado pelo autor russo é bem anterior ao surgimento da *internet* e dos novos meios de comunicação? Primeiramente, não podemos afirmar, em consonância com Araújo (2016), que existam esferas digitais. Esta afirmação nos faz pensar que não poderíamos dar um enfoque bakhtiniano aos gêneros que circulam na internet, mas não é correto pensar dessa maneira, pois dentro da *internet* nós vamos ter inúmeras “formas relativamente estáveis de enunciados concretos” que são adaptadas e (re)elaboradas. Mas, surge a pergunta: de qual esfera social elas vieram se não há uma esfera digital?

A questão das esferas sociais sobre a qual Bakhtin (2011) discorreu, no seu célebre ensaio sobre os gêneros do discurso, refere-se aos *locus* concretos da atividade humana, como a acadêmica, a religiosa, a jurídica,

dentre outras. Já no caso das (re)elaborações de gêneros, o que está acontecendo é a saída de gêneros das esferas sociais para adentrar nos ambientes digitais, mais especificamente, em *sítes* de redes sociais. Dentro destes sites, os gêneros passam por, possivelmente, 2 processos, o primeiro refere-se à reprodução na íntegra do gênero, como no caso dos artigos científicos que são disponibilizados em revistas eletrônicas *online*; e, o segundo refere-se aos processos de (re)elaborações que geram um produto textual mesclado com diferentes gêneros oriundos de diferentes esferas. O próprio Bakhtin (2011) advoga em favor da existência das mesclas quando nos diz:

É possível uma reacentuação dos gêneros, característica da comunicação discursiva em geral; assim, por exemplo, pode-se transferir a forma de gênero da saudação do campo oficial para o campo da comunicação familiar, isto é, empregá-la com uma reacentuação irônico-paródica; com fins análogos pode-se misturar deliberadamente os gêneros das diferentes esferas. (BAKHTIN, 2011, p. 284).

Mas afinal, o que seria essa reacentuação? Podemos dizer que seria uma nova (re)utilização do gênero na comunicação discursiva. Ainda assim, o mesmo autor fala no propósito irônico e paródico na utilização de tal reacentuação, porém, sabemos que as misturas que acontecem na atualidade não são usadas somente com propósito irônico e/ou paródico, mas como ação verídica também, ou melhor, com propósitos sérios. Ademais, o autor não imaginava que, no futuro, a internet poderia ser um espaço de proliferação de várias práticas discursiva e que teríamos também diferentes tipos de suportes que podem permitir mesclas genéricas que são advindos de diferentes esferas da atividade humana. Mas o fato é que o próprio Bakhtin (2011) advoga a favor de misturas de gêneros oriundas de diferentes esferas o que nos respalda quanto ao que defendemos a respeito da reelaboração de gêneros.

Ainda com a discussão do pensamento bakhtiano com relação às (re)elaborações dos gêneros discursivos, podemos abordar a ideia de gêneros primários (simples) e secundários (complexos). Os primeiros são entendidos como formas mais fáceis de produção e compreensão, sejam eles na modalidade oral ou escrita da língua; já os segundos são entendidos como gêneros que requerem uma força cognitiva maior tanto na produção do texto, como na compreensão. Ademais, Bakhtin afirma que, “no processo de sua

formação, eles (gêneros complexos) incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples)” (BAKHTIN, 2011, p. 263). Em fulcro da exposição, arriscamo-nos a afirmar que isto acontece também com os gêneros que emergem nos *posts* de *fanpages* no *Facebook*, os quais absorvem os gêneros primários simples, na maioria das vezes, como o bilhete e/ou o recado, e reelaboram esses textos com o auxílio de ferramentas digitais e, dependendo da intenção do locutor que está criando o *post*, ele pode criar inúmeras estratégias de produção de sentidos, como recorrer a intertextos, para alcançar os seus objetivos.

Ainda com base nas discussões, outro conceito bakhtiniano de suma importância e que pode ser trazido para esta pesquisa é o que ele chama de “ativa posição responsiva”, a qual se refere à possibilidade de que alguns gêneros têm de gerar ou exigir algo do outro e dar a possibilidade da audiência/interlocutor aceitar o que é dito ou discordar. Se pensarmos novamente no caso dos *posts* no *Facebook*, eles geram na audiência uma ativa posição de resposta que faz com que outros gêneros sejam reelaborados para atender ao propósito de comentar. Quando alguém compreende uma mensagem nas postagens das *fanpages*, essa pessoa, quando atingida direta ou indiretamente por aquela ação linguística, tem a possibilidade de responder ou não. Ademais, mesmo que o destinatário não responda ativamente com um enunciado concreto e materializado no suporte, ele termina, mesmo assim, mantendo uma “compreensão ativamente responsiva de efeito retardatário”, como chamou Bakhtin (2011). Finalizamos aqui a questão dos gêneros discursivos e entraremos em outra seara terminológica que diz respeito ao rol das intertextualidades.

Sobre as intertextualidades intergenéricas é interessante iniciarmos pelo conceito de transtextualidade proposto por Genette (2010). Este conceito se refere às transformações e às diferentes transcendências que os textos mantêm uns com relação aos outros, o que se reflete significativamente no tema em que investigamos, ou seja, nas postagens satíricas do *Sensacionalista*. O autor francês, para embasar seu posicionamento teórico, cria cinco taxonomias⁶ para codificar os diferentes tipos de transformações.

⁶ Convém enfatizar que estas taxonomias proposta por Genette (2010) foram pensadas *a priori* para textos da esfera literária, mas que também se aplicam aos textos em geral.

Para uma reflexão sobre essas categorias, é interessante entendermos a formação etimológica de cada item lexical para melhor assimilarmos o fenômeno; a começar pelo prefixo “inter” de (inter)textualidade. O “inter” vem do latim e significa “posição intermediária”. Genette (2010) chama de relação de copresença quando temos um texto dentro do outro. Ademais, ele nos traz como exemplo os casos de citação direta, quando o autor/enunciador traz outra voz pra seu texto e cita a sua respectiva fonte, e os casos de plágio, quando o autor/enunciador se apropria, sem citar e sem acordo prévio, das marcas de posicionamento de um autor para si mesmo. Ainda sobre intertextualidade, particularmente, pensamos que este fenômeno depende muito do conhecimento prévio que o leitor tem de mundo e/ou obras, pois a percepção que ele tem de intertextualidade depende disto. Desse modo, o que será intertexto para um leitor X que tem um conhecimento de mundo X pode não ser para um leitor Y que tem o conhecimento Y de mundo. Isto se dá pelo fato, justamente, do conhecimento cultural de ambos não ser igual.

Com relação à (para)textualidade, sabemos que o prefixo “para” vem do grego e significa “proximidade”. Com base nisto, Genette (2010) vai nos mostrar que este tipo textual são aqueles que rodeiam e fazem parte de um conjunto de uma obra específica. Entre estes tipos de textos estão, segundo o autor, os títulos, os prefácios, os posfácios, as epígrafes entre outros.

A outra categoria da transtextualidade chama-se o (meta)texto que o autor francês argumenta ser um tipo de texto que faz comentários de cunho crítico a um outro texto sem fazer necessariamente referência ao mesmo. Desse modo, podemos afirmar que os metacomentários nas postagens podem ser caracterizados como metatexto justamente por esta característica, ou seja, quando os produtores apresentam seus pontos de vista, em forma de comentário, sobre o tema central de uma postagem publicada no *Facebook*.

Já o (arqui)texto, pelo próprio prefixo que vem do grego “arqui”, o qual significa “superioridade hierárquica”, podemos inferir a sua categorização que está acima do gênero, ou seja, é um texto maior que consegue abrigar dentro de si um conjunto de gêneros discursivos. Genette (2010) mostra que esta categoria é genérica e silenciosa. É uma forma de nomear os textos de forma geral, por exemplo, o nome bíblia é um arquiteito, pois codifica de forma genérica um *status* textual de uma série de textos que estão no seu interior.

Outro exemplo de arquitextualidade pode ser encontrado também nos livros didáticos, pois eles conseguem abrigar dentro de si vários gêneros discursivos, como os contos, os poemas, as crônicas, as notícias e as resenhas.

Por fim, o autor traz a última categoria das cinco que compõem os tipos de transtextualidades. Ele discorre sobre o hipertexto que, para ele, é a transformação pela qual um hipotexto A passa para se transformar em um hipertexto B. Ou melhor, para ele, esta transcendência textual é uma espécie de apropriação de um texto fonte para, a partir deste, ser elaborado outro texto. Ademais, podemos até mesmo falar em uma espécie de geração de hipertextos com base em hipotextos. Com relação a isto, como podemos atestar o *status* verídico de que um hipotexto é de fato “puro”? Será que o próprio hipotexto não pode ter sido, outrora, uma espécie de hipertexto que foi elaborado com base em outro texto fonte⁷?

A categoria chamada intertextualidade vem sendo estudada e problematizada por muitos autores como Cavalcante (2006), Koch (2009) e Nobre (2014), que a define como:

Uma estratégia de textualização por meio da qual se recorre a porções ou unidades de texto previamente produzidas para a composição formal de um outro texto quando de seu processo de produção; assim como se necessita, por vezes, que o interlocutor apresente um conhecimento mínimo do(s) texto(s) original(ais) como auxílio na construção do sentido do texto quando de seu processo de compreensão e interpretação. (NOBRE, 2014, p. 13).

É pertinente pensarmos o intertexto como real estratégia de textualização e argumentação na produção dos sentidos dos gêneros discursivos. Desse modo, para a percepção e construção desse entendimento, o autor argumenta com relação ao conhecimento mínimo que os leitores/ouvintes têm que ter para o reconhecimento da intertextualidade. Sendo assim, como é que um leitor/ouvinte vai perceber intertextualidade em uma música que foi criada com base em uma obra literária se o mesmo não conhece o objeto sociocultural que serviu de inspiração para tal transtextualidade de cunho intertextual? Exemplificando, supondo que um

⁷ Convém salientar que a proposta de hipertexto desenvolvida por Xavier (2010) e Marcuschi (2010) é diferente da proposta por Genette (2010), porém, ao observarmos o comportamento dos *posts* do *Facebook*, acreditamos que essas duas abordagens se completam.

leitor/ouvinte que assista à adaptação cinematográfica “A moreninha”, dirigida por Glauro Mirko Laurelli, sem antes conhecer a obra escrita de Joaquim Manuel de Macedo, ele não terá a capacidade de inferir as relações de intertextualidade que a adaptação do cinema evoca da obra que foi fonte.

Ainda no escopo das pesquisas sobre intertextualidade, Nobre (2014) apresenta a dicotomização do trabalho de Piègay-Gros (2010) que trata das relações de copresença e de derivação. Sobre as primeiras, a autora se mantém em consonância com Genette (2010); já na segunda, é a constituição de um texto com base em um texto que serviu de fonte. A autora discorre também sobre a paródia, a qual é classificada como imitação que visa subverter o texto original para o lúdico ou satírico, criando-se assim outro texto.

Nobre (2014), ainda discutindo sobre intertextualidades, traz as classificações propostas por Koch (2009) chamadas de *intertextualidade stricto sensu* e nesta há as intertextualidades explícitas e as implícitas. As primeiras dizem respeito ao fato de um intertexto mencionar de forma clara a sua fonte de origem, e as segundas tratam do fato da não menção do texto ou excerto que serviu de base para outro texto. Outro tipo de intertextualidade que Nobre (2014) aborda, ainda fundamentado em Koch (2009), é *détournement*. Neste, existe um provérbio ou enunciado já conhecido em um dado campo do conhecimento, o qual passa por uma reformulação que guarda marcas e expressões linguísticas que sinalizam o termo de origem. Por exemplo, se pensarmos no salmo bíblico 23 “O senhor é meu pastor e nada me faltará”, e com base neste enunciado for elaborado “O senhor é meu guardador, por isto, nada me afastará de você”, observamos que o último enunciado mantém relações intertextuais com o primeiro; é isto que é chamado de *détournement*.

Outro tipo de intertextualidade que nos interessa é a que Marcuschi (2002) chamou de intertextualidade intergenérica, cujo fenômeno se mostrou muito recorrente dentro das postagens na *fanpage* do Sensacionalista. Ela é entendida quando um gênero discursivo se apropria da estrutura composicional X com a função de um gênero Y. Para exemplificar, imaginemos um casal de noivos que resolve se casar e eles se apropriem da estrutura composicional de uma notícia para construir o seu convite de casamento. Isto poderia ser um exemplo da intertextualidade entre gêneros. Ainda sobre este assunto, primeiramente, é interessante saber que não podemos simplesmente afirmar

que existem gêneros discursivos híbridos sem uma análise exaustiva que o comprove, mas podemos dizer que a linguagem constitutiva dos textos nas postagens dos *sites* de redes sociais é híbrida, pois o verbal se mistura com o não verbal que se mistura com o audiovisual, resultando em um gênero discursivo específico, embora ele não tenha um nome consensual aceito. O fato é que defendemos que os gêneros discursivos, os quais advêm de diferentes esferas sociais, misturam-se dentro de uma postagem ocasionando mesclas genéricas.

Mas afinal, o que são as mesclas de gêneros? Em nível geral, podemos dizer que é a capacidade de imbricação que diferentes gêneros discursivos têm de penetração uns nos outros, porém, será se este fenômeno se enquadra como uma forma de transtextualidade proposto por Genette (2010)? Acreditamos que sim, porque estamos diante de um processo de intertextualidade intergenérica. Desse modo, esta mistura pode ser de diferentes categorias, como, estrutura composicional, conteúdo e propósito comunicativo. Ademais, com o advento da *internet* e dos suportes maleáveis⁸ que podem receber diferentes tipos de linguagens como a verbal, não verbal e a audiovisual, esse fenômeno de mesclas ficou mais produtivo e recorrente.

Lima-Neto (2009) propõe uma classificação para os tipos de mesclas intergenéricas, mas ele nega a influência da transtextualidade e, conseqüentemente, da intertextualidade em sua classificação, com o que não concordamos. Primeiramente, porque o autor afirma que a intertextualidade intergenérica não faz parte da intertextualidade *lato senso* e nem da *stricto senso*. A primeira se refere a todo e qualquer discurso que são enunciações já ditas, tanto na modalidade oral quanto escrita da língua, pois as expressões linguísticas são um aglomerado de enunciados que já foram ditos por alguém, ou seja, nesta concepção, todo discurso é intertextual por natureza. Por sua vez, a segunda se refere aos intertextos que fazem parte da memória social de um povo e estão inseridos uns nos outros por meio de relações de copresença, nesta outra concepção, a intertextualidade pode ser percebida por um interlocutor no momento da interação linguística. Ele argumenta que:

⁸ Entendemos por suportes maleáveis, aqueles no quais quaisquer gêneros discursivos podem se adaptar. Este tipo de suporte pode ser chamado de *post*, pois estas postagens podem assumir formas de inúmeros gêneros como crônicas, poemas, notícias etc.

A intertextualidade intergenérica não se enquadra nem na *lato sensu*, pois, na grande maioria das vezes, a relação se dá entre dois gêneros, não entre dois textos; nem na *stricto sensu*, pois o que permite correlacionar um gênero ao outro são traços de genericidade, como estrutura composicional, conteúdo, estilo ou propósito comunicativo. (LIMA-NETO, 2009, p. 147).

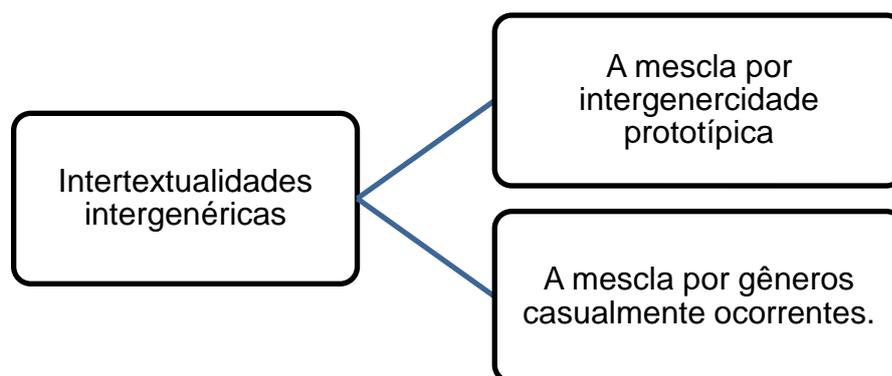
É mais coerente pensarmos, em segundo lugar, em pluralizar o sintagma para “as intertextualidades intergenéricas” como sendo um tipo de intertextualidade *stricto sensu*. Ademais, o autor se contradiz ao dizer que “um gênero nem sempre é reconhecido por um texto, o que significa dizer que a intergenericidade não é garantia teórica para intertextualidade” (LIMA-NETO 2009, p. 149). Ora, se o gênero não é reconhecido por um texto, ele será reconhecido pelo quê? Na verdade, para o reconhecimento de um gênero, vários critérios são elencados, mas todos apresentam, na essência da sua natureza, o texto como unidade central. Depois, o autor afirma que “a intertextualidade é apenas um dos tipos de possibilidade de se misturar gêneros” (LIMA-NETO 2009, p. 149). Se este é um tipo, então se pressupõe que existem outras formas e que esta é apenas uma.

Com base nisso, Lima-Neto (2009) postula uma classificação de tipos de mesclas que apresenta uma visão sobre o fenômeno com a qual não concordamos completamente. Ele discorre sobre três tipos de mesclas, a saber: a) *a mescla por intergenericidade prototípica*, a qual ocorre quando há a fusão das dimensões constitutivas de dois gêneros distintos sem a identificação clara das fronteiras entre ambos, mas, sendo possível, encontrarmos a predominância de traços de um gênero sobre o outro; b) *a mescla por co-ocorrência de gêneros*, a qual acontece quando dois produtores de gêneros distintos misturam, de maneira natural, um gênero discursivo qualquer com um anúncio; e c) *a mescla por gêneros casualmente ocorrentes*, a qual ocorre quando vários gêneros discursivos se misturam intencionalmente, em uma plataforma digital, a fim de atingir um único propósito comunicativo.

Esta classificação, defendida por Lima-Neto (2009), apresenta alguns traços que podem ser problematizados, pois não concordamos, fielmente, com a existência da *mescla por co-ocorrência de gêneros*, porque a mistura entre um anúncio e qualquer outro gênero é uma mistura casual que pode ser tanto

intencional quanto natural, além disso, as possibilidades tecnológicas proporcionam a mistura para que vários tipos de gêneros se mesquem casualmente uns com os outros. Sendo assim, defendemos que estas taxinomias, além de se enquadrar nos casos de intertextualidades intergenéricas, elas devem ser reduzidas para duas classificações. Vejamos o quadro a seguir:

Figura 1: Esquema sinóptico das intertextualidades intergenéricas.



Fonte: Elaboração com base em Lima-Neto (2009).

Este quadro sinóptico organiza esses termos que estavam dispersos, pois as fronteiras teóricas sobre os diferentes conceitos de mesclas de gêneros não estavam bem definidos, tendo em vista as suas manifestações no ambiente digital. Sendo assim, defendemos que as categorizações, proposta por Lima-Neto (2009), devem ser reduzidas para dois tipos de mesclas, a saber: *a mescla por intergeneridade prototípica* e *a mescla por gêneros casualmente ocorrentes*. A primeira continua sendo a imbricação das dimensões constitutivas de dois gêneros distintos sem a identificação clara das suas fronteiras e a possibilidade de um gênero apresentar características mais marcadas com relação ao outro gênero. A segunda mescla será a possibilidade de dois gêneros e/ou mais se misturarem em uma plataforma digital para atingir um propósito comunicativo ou vários propósitos. Ademais, esta última mescla pode ser tanto intencional quanto natural, o certo é que elas são casualmente ocorrentes, pois uma crônica pode se misturar com um comentário *online* ou um anúncio pode se misturar com um poema, porque é permitido devido às possibilidades e às restrições do ambiente digital.

Ainda sobre o assunto, convém ressaltar que o conceito de texto vem sendo rediscutido dentro da Linguística de Texto, o que nos proporciona um novo olhar para os gêneros discursivos que são mesclados nas postagens do Sensacionalista. Com base nisto, Cavalcante (2010) e Custódio filho (2010) postularam que o conceito de texto passou por um processo de evolução que expandiu a noção de texto para além do componente verbal, inserindo o não verbal e destacando o caráter interacionista que os textos possuem quando sujeitos entram em contato com este artefato complexo e verbo-visual. Ainda assim, ambos os autores argumentam sobre a construção do sujeito e a sua reconstrução no ato de interagir com um texto. Sendo assim, é interessante pensar com esses autores para tratarmos os textos que surgem em ambientes digitais, pois a concepção de texto interacional e dialógica que eles trazem são de suma importância para alargar o pensamento analítico do pesquisador que visa analisar gêneros discursivos em ambientes digitais de interação.

A seguir, trataremos de um fenômeno muito recorrente nas postagens do *site* de rede social do *Facebook*, as técnicas que visam misturar diversos tipos de textos, a saber: as práticas de *remixes* e *mashups*.

2.2 As práticas de *remix* e *mashups*

Desde a antiguidade clássica até hoje, no século XXI, o ser humano se apropria e se mistura com culturas de diferentes origens. Os romanos, por exemplo, após conquistarem a Grécia, apropriaram-se de sua cultura grega e se imbricaram (LIMA-NETO 2014); os espanhóis, quando conquistaram os povos Astecas e os Incas, também se imiscuíram com a população autóctone; a cultura indígena brasileira, nos séculos XV/XVI, imiscuiu-se com a cultura do europeu colonizador e, assim, as nações foram se formando e adquirindo autonomia. Baseado nisto, queremos mostrar que as palavras *remix* e *mashup* não são uma prática nova. Pelo contrário, elas são uma operação que vem sendo utilizada ao longo dos tempos como uma espécie de mistura que pode se aplicar às culturas e se estender para outros campos da vida e do saber, como, por exemplo, nos estudos de linguagem e tecnologia. Ademais, para os estudos dos gêneros discursivos estes termos foram trazidos recentemente por

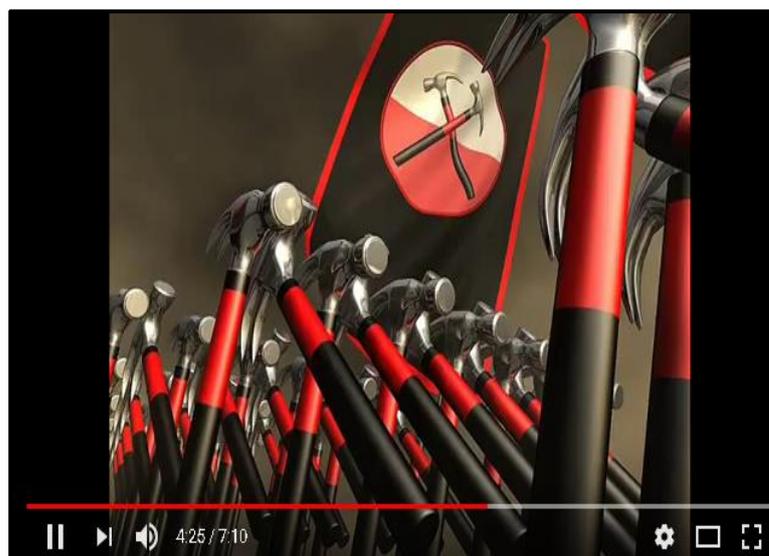
Navas (2010) e Buzato et al. (2013) para os estudos linguísticos e literários. Com relação a isto, Buzato et. al. (2013) nos diz que:

Ao mencionar uma classificação multidimensional, referimo-nos à classificação de *remix* e *mashup* enquanto (i) procedimentos operacionais (ou técnicas), (ii) processos (ou métodos) criativos e (iii) produtos discursivos (objetos semióticos funcionais dentro de uma cultura ou sistema sociotécnico). (BUZATO ET. AL. 2013, p. 1198).

É oportuno destacar que *remixes* e *mashups* são técnicas que visam transformar uma obra fonte original e até mesmo misturar duas obras ou mais com base em possibilidades disponíveis no *layout* de programas específicos de *software* como *powerpoint* e/ou *photoshop*. O resultado final do produto é um objeto discursivo que pode funcionar tanto no campo musical como em diferentes textos em *sites* de redes sociais.

Navas (2010) propõe uma classificação para os diferentes tipos de *remix* que existem. O primeiro é classificado como *Remix* estendido, o qual é concebido quando uma dada obra é aumentada e transformada. Como exemplo disto, podemos citar a obra musical do Pink Floyd, “Another brick in the wall”, que foi aumentada com trechos intercalados da própria música. Confira:

Figura 2: Remix estendido



Fonte: PINK FLOYD; SCAVO, Federico (remix), 2012.

É perceptível que temos, no exemplo acima, retirado do *site* de rede social *YouTube*, a música genuinamente pertencente ao rock progressivo britânico, porém, depois de tal prática, ela se transformou em uma música eletrônica por conta de processos transformacionais que alteraram relativamente a essência da música original. O feito disto é uma música com um maior número de tempo e efeitos sonoros que transcende da fonte original, por isto, temos um *remix* estendido.

Outro tipo de *remix*, segundo Navas (2010), é o seletivo cujo nome já pressupõe uma transformação/subtração de uma dada obra fonte. O autor nos traz como exemplo os filmes que passam por reedições horizontais que visam descaracterizar a obra principal, porém, convém destacar que nem sempre este tipo de *remix* se propõe a isto. Se pensarmos nos *trailers* de filmes que estão disponíveis na *internet*, podemos dizer que eles são *remixes* seletivos das obras fontes, o que não as descaracterizam. Ao contrário, este tipo de *remix* visa à divulgação e a informação sobre a obra através do seu próprio “resumo”. Confiram a figura 3 que foi extraída do *site* de rede social *YouTube* para registrar este caso na ausência de exemplos próprios do autor :

Figura 3: Trailer do filme Keoma.



Fonte: KEOMA, 1976.

O trailer da figura 3 é um filme italiano do ano de 1976 que foi dirigido por Enzo G. Castellari. Este filme de faroeste clássico narra a história do

pistoleiro mestiço de nome Keoma, personagem do ator Franco Nero. O filme retrata ainda algumas questões sociais, como o preconceito entre as etnias da época. É notório que este é um exemplo de *remix* subtrativo, pois reduz a obra para se tornar mais acessível aos interlocutores e aguçar-lhes a curiosidade para entender o desfecho da trama. Além disso, é claro que os *remixes* seletivos propostos por Navas (2010) não ficam presos apenas ao rol dos *trailers*, pois, como sabemos, eles são transcendências textuais que podem atingir os textos imagéticos ou até mesmo canções.

O autor discorre sobre mais um tipo de *remix* que ele chamou de reflexivo, o qual é entendido como aquele que visa, segundo ele, “subverter o texto fonte ao mesmo tempo em que explicita as referências a ele” (BUZATO ET. AL., 2013 p, 1203). Esta é a prática mais comum em postagens do *Facebook*, quando um artista se baseia em uma obra conhecida e, com base nela, cria outra, através de sua criatividade, dando um novo ponto de vista, como podemos constatar no exemplo da figura 4 que segue:

Figura 4: *Remix* reflexivo.



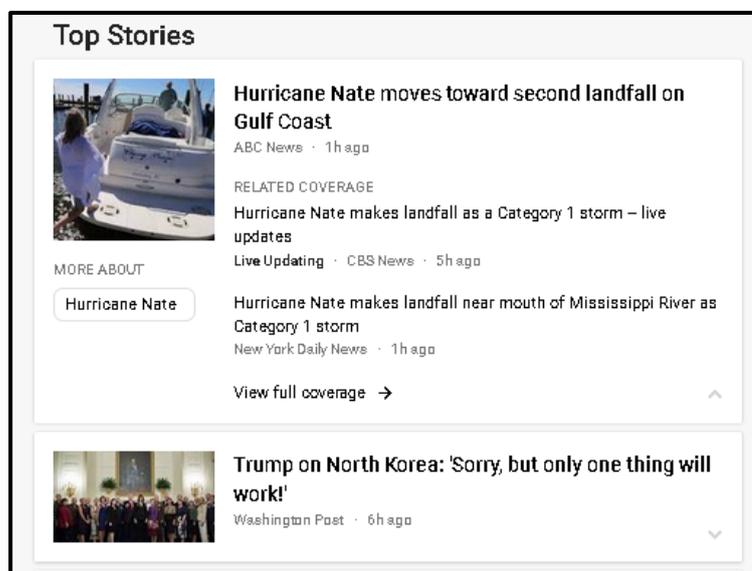
Fonte: BOTTICELLI, Sandro (1483); PENA, Júlio Cesar Leon (2011)

Neste exemplo, é visível a subversão da obra de Sandro Botticelli que foi remixada por outro artista que fez uma releitura mais contemporânea da

obra original. Convém ressaltar que, embora seja uma fotografia da obra do Júlio Cesar, podemos inferir que ele se utilizou de procedimentos artísticos como a modificação de planos de fundo e montagens, caracterizando-se como *remix reflexivo*.

Navas (2010) propõe a última categoria chamada de “*remix regenerativo/mashup reflexivo*”⁹. Os *mashups* de serviço, como propuseram Buzato et al. (2013), subdividem-se em dois, a saber: os *agregativos* são “simples justaposições de conteúdos oriundos de diferentes fontes numa mesma interface” (BUZATO ET. AL. 2013, P. 1204), estes têm como exemplos a plataforma do *Google News*. O outro tipo é o *integrativo* que “são construídos pela articulação de interfaces de programação de aplicação (APIs) de diferentes serviços e dados, requerendo o conhecimento técnico” (BUZATO ET. AL. 2013, P. 1204). Como exemplo, ele nos fala dos serviços integrativos que existem no *google maps*. Particularmente, esta nomeação do autor é bem problemática, porque ele subdivide uma categoria em duas que podem ser nomeadas apenas como “*mashups* de serviço”.

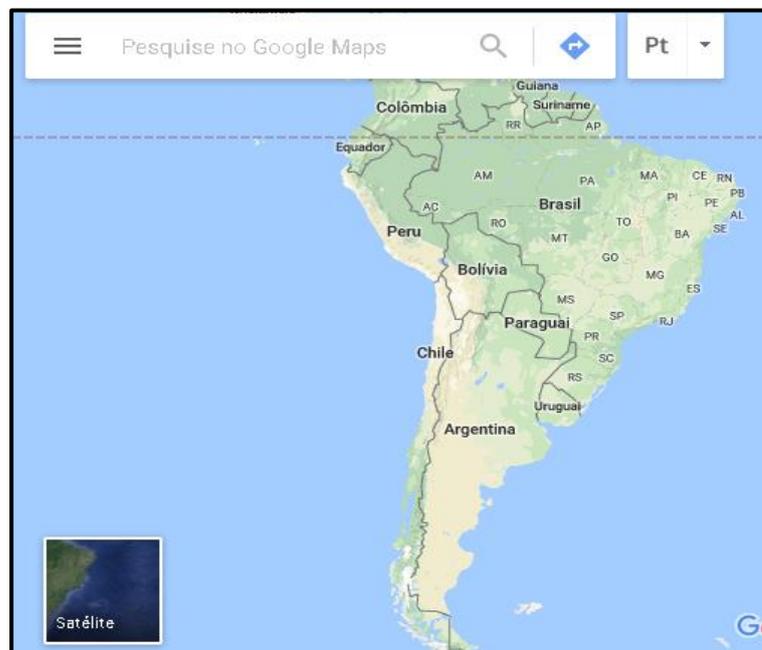
Figura 5: Mashups de serviço agregativo.



Fonte: GOOGLE NEWS (2017?)

⁹ O que Navas (2010) chama de “*remix regenerativo/mashup reflexivo*”, Buzato et al.(2013) chamam de “*mashup* de serviço”, o qual ele ainda subdivide em duas categorias diferentes “*mashup* de serviço integrativo” e “*mashup* de serviço agregativo”. Nesta dissertação, adotaremos o posicionamento de Buzato et. al. (2013) sobre estas categorias de análises, porque consideramos a proposta dos autores mais coerente. Além disso, eles organizam estas categorias que muitas vezes são bem problemáticas.

Figura 6: Mashups de serviço integrativo.



Fonte: GOOGLE MAPS (2017?)

As duas figuras nos apresentam os dois tipos de *mashups* de serviço que fazem parte das transcendências propostas por Buzato et al. (2013). Sobre a figura 5, podemos perceber que ela se assemelha muito às postagens das *fanpages* no *Facebook*, pois temos uma reelaboração de uma notícia que podemos recuperar claramente a sua fonte ao clicar no *link* “Hurricane Nate moves toward second landfall on Gulf Coast”, ou seja, característica de um *mashup* de serviço agregativo. Já na figura 6, é notório que não conseguimos recuperar a fonte da qual vem o *layout* da página, ademais, este *mashup* de serviço integrativo serve para a realização de pesquisas na *internet*. Convém ressaltar que esta categoria não foi encontrada nas análises das postagens do Sensacionalista no *Facebook*, porém, é pertinente buscar entendê-las no rol das transtextualidades.

Por fim, a última categoria proposta pelo autor, os *mashup* de conteúdo se subdividem em mais duas subcategorias, a saber: regressivo e não regressivo. O primeiro diz respeito a duas obras de diferentes semioses que se misturam e suas respectivas fontes podem ser recuperadas. Buzato et. al.

(2013) traz como exemplo o vídeo “System of Dilma” no qual três discursos são imbricados, a música da banda *System of down* “Chop Suey” é misturada com trechos do discurso da ex-presidente Dilma Rousseff e com excertos de um discurso do ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva. Outro tipo é o não regressivo, o qual é entendido, segundo Buzato et al. (2013), quando a mistura envolve várias obras e não é possível recuperar todas, gerando no leitor/ouvinte um falsa impressão de que aquele produto final é uma obra fonte e não uma obra que passou por inúmeros processos de misturas. Como exemplo de *mashup de conteúdo regressivo*, elencamos do nosso *corpus*, um exemplo que ilustra muito bem categoria que acabamos de expor.

Figura 7: *Mashup* de conteúdo regressivo



Fonte: HOMEM (2017)

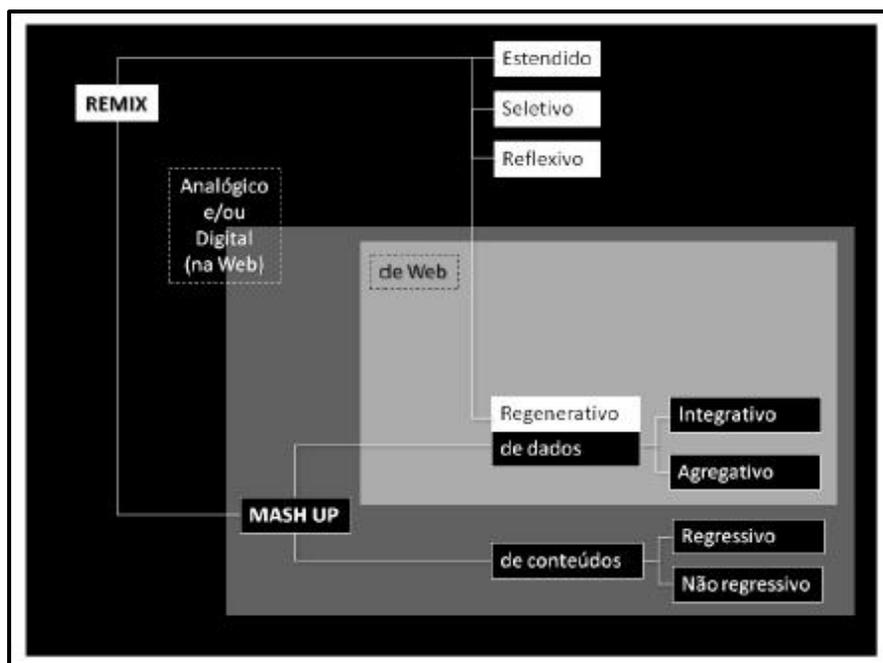
O texto que genericamente podemos chamar de *post* de *Facebook* é uma (re)elaboração de um uma notícia de cunho satírico que foi linkada para o suporte do *Facebook* e lá se configurou como a forma e a função de um gênero codificado aqui por nós como “chamada de notícia”. Ademais, convém deixar claro uma discretização analítica: a postagem é formada por *mashups* de *serviço agregativo*, pois conseguimos recuperar a fonte, a qual é o *site* do portal de notícias do Sensacionalista, porém, o que nos chama atenção, aqui, é o fato do *mashup de conteúdo regressivo*, o qual está dentro do *mashup de serviço*, como uma estratégia de textualização e de construção do sentido, pois

o texto imagético faz alusão/referência ao jogo de celular que ganhou vários adeptos no Brasil e no mundo chamado de “Pokémon Go”, inspirado em um desenho que tinha como principal meta um personagem capturar Pokémon com o propósito de se tornar um mestre com base em duelos.

Com base nisso, o texto recria uma situação do jogo, na qual um administrador de empresa, ao confundir um pombo com um Pokémon, ele cai da janela do seu apartamento. Sendo assim, o *mashup de conteúdo regressivo* cria, na imagem, o *layout* do jogo, como mostram as duas primeiras setas. Além disso, de certa forma, podemos retomar também aspectos do desenho Pokémon, ou seja, duas fontes que se misturam e são recuperáveis (o jogo e o desenho). Ademais, podemos afirmar que esse texto tem uma crítica vinculada àqueles participantes que se viciaram no jogo e que vivem caçando por várias horas do dia esses seres digitais que só existem em uma realidade virtual.

Outra discussão que se convém realizar é que esse texto teve uma repercussão muito grande, pois, até o momento da coleta dos dados essa chamada de notícia teve 13 mil curtidas, como mostra a última seta, e 1204 compartilhamentos. Isto prova que os usuários interagem com esse texto e o disseminam no *Facebook* para provocar uma espécie de sátira aos viciados no jogo. Ainda assim, podemos inferir que um usuário que possui um nível de criticidade insuficiente, conseqüentemente, poderá conceber este texto como verdade e não como uma crítica. Em síntese, todas essas estratégias de transcendência textual e/ou estratégias de textualização podem ser sintetizadas na figura 8 proposta por Buzato et. al. (2013). Confira:

Figura 8: Tipos de remixes enquanto produtos.



Fonte: Buzato et. al. (2013), p. 1202.

De acordo com Buzato et. al. (2013), as taxinomias em questão são uma tentativa de organizar e inserir essas práticas e/ou produtos semióticos dentro dos estudos da Linguística Aplicada. Além disso, é sábia inserir também essas práticas no rol de estudo da Linguística Textual, pois essas transcendências são estratégias de textualizações criativas cuja matéria prima é sempre o texto, seja ele na modalidade verbal, imagético ou verbo-visual. Sendo assim, estes métodos criativos proporcionam diferentes misturas ou mesclas de linguagens e/ou de gêneros discursivos que são muito recorrentes nas postagens da *fanpage* do Sensacionalista no *Facebook*. Estes, como processos técnicos de criação, ajudam na construção dos sentidos dos textos que circulam nos *sites* de redes sociais, porém, o nosso escopo de análise é apenas as postagens do Sensacionalista no *Facebook*. Em fulcro disto, acreditamos que essas práticas de montagem e bricolagem podem ser concebidas como estratégias de textualização, pois ajudam na construção de um texto que será veiculado em uma postagem para atender algum propósito comunicativo.

A próxima subseção deste capítulo teórico da dissertação será apresentar as concepções teóricas sobre as *affordances* que emergem no ambiente virtual desenhado das *fanpages* do *Facebook* partindo de uma base

teórica fundamentada na Psicologia Ecológica de Gibson (1986) e se desdobrando nos estudos sobre os fóruns e os chats realizados por Silva (2015). Além disso, discorreremos também sobre o conceito de práticas discursivas nos estudos dos gêneros discursivos, em consonância com as concepções de Bathia (1999) e Marcuschi (2008).

2.3 As *affordances* e as práticas discursivas

Nesta subseção do capítulo teórico, discorreremos sobre os conceitos de *affordances* e de práticas discursivas para fazermos um elo teórico com as postagens das *fanpage* do Sensacionalista. Esses dois conceitos são inter-relacionados nesta dissertação, porque um proporciona a manifestação do outro, ou melhor, as *affordances*, no *site* de rede social do *Facebook*, possibilita a realização de práticas discursivas com gêneros na *internet*. Ademais, é necessário fazermos alguns refinamentos de ordem teórica para melhor entendermos a ligação entre os dois termos.

Sobre as *affordances*, é pertinente ressaltar que o conceito não tem tradução em língua portuguesa que dê conta do termo, por isso, nós utilizamos o conceito original de língua inglesa postulado por Gibson (1986). Além disso, podemos chamar atenção para a existência de um verbo em língua inglesa que apresenta semelhança morfológica e lexical ao conceito em questão, a forma no infinitivo “*to afford*”, a qual pode ser traduzida para o português como “oferecer”, “dar” e “proporcionar”. Este verbo assemelha-se muito com o item lexical nominal *affordances*, o qual nós compreendemos como as diferentes possibilidades de ação que o meio nos oferece para agir.

Sendo assim, quando falamos no termo *affordances*, pensamos: Qual é a importância dessa possibilidade tecnológica para o estudo dos gêneros discursivos? Primeiramente, o conceito de *affordance* foi discutido em Gibson (1986) para descrever a relação de reciprocidade entre o homem e o ambiente ecológico no qual ele vive e percebe. O autor postula que o meio, as diferentes substâncias, as superfícies e seus *layouts*, os objetos, as pessoas e os animais oferecem, em determinadas circunstâncias, através de seus órgãos sensoriais, possibilidades de ação para os seres animados. Sobre os órgãos de

percepção, Gibson (1986) elege a visão como a mais importante dentro da Psicologia Ecológica para se tratar com *affordances*, pois, como podemos perceber, este conceito está intrinsicamente ligado ao ambiente ecológico no qual os seres humanos interagem norteados pela visão.

Ainda sobre as postulações de Gibson (1986), ele nos alerta sobre as possibilidades negativas e positivas que as superfícies e seus *layouts* podem oferecer aos seres animados que habitam o meio ecológico. O autor nos cita a existência de opções que o meio ecológico nos oferece que podem nos levar a caminhos positivos e negativos, pois, se imaginarmos uma escalada pela Cordilheira dos Andes, é notável que possamos concluir a empreitada sem nenhum problema, porém, há possibilidades de, por algum deslize e/ou falta de atenção, machucarmo-nos em uma queda por conta dos diferentes *layouts* que a superfície acidentada tem. O autor ainda nos chama a atenção para objetos cortantes, como uma faca que pode ser utilizada tanto para cortar alimentos quanto para outras finalidades que podem gerar lesões a depender do seu uso. O certo é que as *affordances*, segundo Gibson (1986), são diferentes propriedades que o um ser humano observador percebe e interpreta no meio ecológico.

Ainda assim, podemos dizer que há uma linha tênue entre o observador e o meio ecológico, pois as *affordances* abrangem duas grandes dimensões que estão tanto na objetividade do meio ecológico quanto na subjetividade do animal que as percebe para se apropriar e agir. Sendo assim, podemos dizer que as propriedades dos recursos a que Gibson (1986) se reportou, fazem parte tanto do social quando do particular, pois há uma interação recíproca entre o espaço ecológico e o ser humano, o qual é guiado principalmente pela faculdade sensorial da visão.

Ainda sobre as concepções de Gibson (1986), podemos dizer que essas possibilidades de ação-interação a que autor se reportou estão voltadas para um *locus* concreto do meio ambiente ecológico e não foi pensado para o ambiente virtual. No entanto, Silva (2015), refletindo sobre as concepções da Psicologia Ecológica, cunhou o termo gibsoniano para aplicá-lo no Solar¹⁰, o ambiente virtual de aprendizagem (AVA) da Universidade Federal do Ceará –

¹⁰ <http://www.solar.virtual.ufc.br/>.

UFC. Ela visa, assim, analisar o engajamento de humanos com as *affordances* do ambiente desenhado mediado por um computador.

Com base nisto, Silva (2015) analisou como se dão os engajamentos e as restrições em duas frentes analíticas; primeiro, nos fóruns de discussões e, depois, nos *chats*. Para isto, a autora tripartiu os três tipos de *affordances* que o ambiente oferece às pessoas que se inserem, a saber: as *affordances* ambientais, as *affordances* tecnológicas e as *affordances* linguísticas. A primeira, ela é entendida como o espaço e o tempo em que os sujeitos se engajam no próprio ambiente virtual de aprendizagem, ou seja, o próprio *site* da plataforma Solar; a segunda, ela é entendida como as possibilidades que surgem dentro do *site* que resultam nos fóruns de discussões e nos *chats*; a terceira, ela é compreendida como as expressões linguísticas que condicionam novas interações por meio da escrita.

Em virtude disto, a autora percebeu que esses ambientes virtuais proporcionavam interação com os humanos, os quais percebem os estímulos, agem e percebem novamente outros estímulos que são criados dentro desses espaços multisemiótico e multifacetados. Com base nisto, ela argumenta:

Defendo a tese de que a percepção de *affordances* está intrinsecamente relacionada ao indivíduo e ao ambiente em que interage e que, conforme se engaja com os *affordances* percebidos, a interação se mantém desenhando uma trajetória na paisagem sistêmica. Defendo a tese de que a percepção de *affordances* está intrinsecamente relacionada ao indivíduo e ao ambiente em que interage e que, conforme se engaja com os *affordances* percebidos, a interação se mantém desenhando uma trajetória na paisagem sistêmica. (SILVA, 2015, p. 9).

É pertinente o que a autora postula ao dizer que uma interação gera outras interações, pois, como sabemos, o ambiente virtual é multifacetado, pois ele vai se desenhando com base nas ações que os humanos realizam ao se engajarem nas *affordances* do meio. Com base nesta alta flexibilidade do ambiente virtual, observamos que a *fanpage* do Sensacionalista no *Facebook* é um exemplo desta “trajetória na passagem sistêmica”, pois, a partir do momento que o usuário interage na *fanpage* para publicar algo, a paisagem sistêmica muda e outras *affordances* vão emergindo para o usuário se engajar.

Os engajamentos com *affordances* que os humanos realizam nos recursos disponíveis na *fanpage* do *Facebook* estão, cada vez mais, contribuindo para atender seus objetivos pessoais e institucionais, sejam eles: os interesses comerciais, os econômicos, os humorísticos, os satíricos e os autopromocionais. Isto se dá tanto pela alta visibilidade que a postagem tem em questão de segundos quanto pela maneira imediata com que as respostas são processadas. Sendo assim, por conta do alto uso da comunicação mediada por computadores, o ser humano passou a se apropriar das possibilidades tecnológicas, ou seja, das *affordances* disponíveis no meio tecnológico desenhado para auxiliá-lo a agir com a linguagem e, por conseguinte, (re)elaborar textos que circulam nas mais diversas esferas da sociedade.

Segundo Miller (2012), a relação entre gênero e meio é importante para entendermos o que é *affordance* para a teoria de gêneros. É por isso que, no contexto digital, as *affordances* do meio são lugares de restrição e interação que podem servir a usos cognitivos e comunicativos retóricos que nos fazem interagir com o meio. Para Miller (2012):

Affordances, ou um conjunto de *affordances*, é direcional, nos atrai ao tornar algumas formas de interação comunicativas possíveis ou fáceis e outras difíceis ou impossíveis, ao nos levar a nos engajar em certos tipos de ações retóricas em vez de outras. (MILLER, 2012, p. 115).

Em fulcro disto, essas *affordances* nos ajudam a construir páginas interativas nos *sites* de redes sociais, nas quais os gêneros discursivos emergem. Ademais, as opções que são proporcionadas pelo meio virtual nos permitem traspor e/ou (re)elaborar os gêneros discursivos em um suporte multisemiótico que nos proporciona a capacidade de executar as nossas ações. O conjunto de *affordances* disponíveis no meio digital nos permite atender os nossos propósitos e, conseqüentemente, a desenvolver diferentes tipos de ações na *internet*, porém, para isto, é preciso conhecer os diferentes caminhos que as interações com o meio podem nos levar. Ainda assim, vale frisar que as atitudes que os produtores tomam para interagir com o meio nem sempre trazem efeitos positivos, é o que Miller (2012) fundamenta em consonância com Gibson (1986). A autora nos adverte que as *affordances*

disponíveis em ambientes digitais nem sempre nos levam para o bem, pois, dependendo de como nos engajamos, elas podem levar tanto ao caminho do bem quanto ao do mal.

Sendo assim, quando pensamos no *Facebook*, muitas terminologias são criadas para nomeá-lo. Lima-Neto (2014), por exemplo, o definiu como um sistema adaptativo complexo. Porém, assumimos, nesta dissertação, o ponto de vista, em consonância com Recuero (2016), que o *Facebook* é um *site* de rede social. Ainda assim, com base neste raciocínio, podemos afirmar que ele possui peculiaridades de um ambiente desenhado, um suporte para gêneros discursivos e é formado por uma constelação de *affordances*. Este *site* de rede social é colocado na grande rede da *internet* e, dentro das suas possibilidades tecnológicas, ele legitima as realizações práticas discursivas que resultam tanto na transposição quanto na reelaboração de gêneros discursivos para atender às exigências sociais que surgem em determinadas instituições sociais que utilizam tal ferramenta, como é o caso do Sensacionalista. Em estudo similar, Miller (2012), sobre o *Site* de Rede Social *blog* afirma:

À medida que a tecnologia evoluiu e que os múltiplos usuários se engajaram em uma incessante experimentação e variação, descobriu-se que o conjunto de *affordances* chamado *blog* satisfaz outras exigências de diferentes maneiras, de tal modo que outros tipos de *blog* proliferaram, outros gêneros — de políticas públicas, de corporações, de apoio técnico, de times esportivos etc. — e a coincidência entre o gênero e o meio dissolveu-se. (MILLER, 2012, p. 117).

Primeiramente, a autora denomina, pertinentemente, o *site* de rede social *blog* como um conjunto de *affordances* por causa das diversas possibilidades de engajamento e de interação que são geradas no seu *layout*. Porém, Miller (2012), embora não cite os termos “reelaborações de gêneros discursivos”, é pertinente compreender que ela advoga a favor do conceito pelo fato da “coincidência entre o gênero e o meio dissolveu-se”, ou seja, não podemos mais confundir gêneros discursivos como suportes semióticos, pois sabemos que os gêneros discursivos saem das esferas sociais da atividade humana e se reelaboram nos *sites* de redes sociais.

Sendo assim, com base no que vem sendo discutido aqui, defendemos a hipótese de que o engajamento dos produtores com as *affordances* da *fanpage* do portal Sensacionalista no *Facebook* proporciona diferentes práticas discursivas com a linguagem que se concretiza em gêneros discursivos vinculados nas postagens.

Os gêneros discursivos são, em consonância com Bathia (1999), artefatos que possuem integridade genérica. Eles são resultados de processos discursivos que se dão nas seleções de expressões linguísticas, de propósitos comunicativos, de temáticas, de contexto de produção e de participantes envolvidos que, no final, as articulações dessas escolhas são materializadas textualmente resultando em gêneros discursivos, os quais são vinculados na postagem da *fanpage* do *Facebook*. Sobre isto, Bathia (1999) argumenta:

Um artefato genérico adquire frequentemente sua identidade típica como resultado de um conjunto de práticas discursivas convencionais, tanto escritas quanto faladas, que os profissionais rotineiramente envolvem como parte de seu trabalho diário. Muitas dessas práticas discursivas têm estágios distintos, com entradas e saídas identificáveis. Essas práticas discursivas são muitas vezes caracterizadas pelo envolvimento de mais de um participante, com, em grande medida, atribui múltiplas autorizações ao artefato resultante e reflete a interação com o leitor. Isso também dá o documento resultante claramente rico em padrões intertextuais e interdiscursivos.¹¹ (BATHIA, 1999, p. 23-24)

De acordo com Bathia (1999), quando pensamos em um conjunto de práticas discursivas, inferimos um processo de criação textual que resultará sempre em gêneros discursivos que podem ser utilizados em sociedade tanto na modalidade oral quanto na modalidade escrita da língua, ainda assim, eles podem ser transpostos para uma postagem no *Facebook*, o que nos legitima a defender que a postagem é uma prática discursiva. Esses gêneros discursivos, os quais são transpostos e/ou (re)elaborados, envolvem os interlocutores em

¹¹ Minha tradução. No original: "A generic artefact often acquires its typical identity as a result of a set of conventionalised discursive practices, both written and spoken that professionals routinely engage in as part of their daily work. Many of these discursive practices have distinct stages, with identifiable inputs and outputs. These discursive practice are often characterized by the involvement of more than one of participant, with, to a large extent, assigns multiple authorships to the resulting artefact and reflects interaction with the reader. This also gives the resultant document distinctly rich in inter-textual and inter-discursive patterning."

diferentes processos de interações, que são possibilitados pelas *affordances* do meio ambiente virtual.

Já Marcuschi (2008) assume que os gêneros discursivos são “institucionalmente marcados”, ou seja, as instituições se apropriam de vários gêneros para realizar ações linguísticas e legitimar suas relações de poder. Com base nisto, podemos afirmar que os produzidos criam as postagens na *fanpage* institucional do Sensacionalista no *Facebook* e se utilizam dos gêneros que surgem em esferas da sociedade para (re)utilizá-los em suas rotinas comunicativas, as quais são majoritariamente virtuais, pois ocorrem tanto no *site* do Sensacionalista quanto nas postagens da sua *fanpage* no *Facebook*.

Em virtude disto, de acordo com as postulações de Bathia (1999) e Marchuschi (2008), defendemos que a postagem (o *post*) é uma prática discursiva hipertextual, pois ela não é um gênero específico, mas pode abrigar para dentro de si um conjunto de gêneros, como notícias, reportagens, comentários *online*s, anúncios e histórias em quadrinhos, os quais podem se imbricar entre si ou não no *post*.

Em síntese, neste capítulo teórico, foram discutidos os conceitos de base que ampararam esta dissertação, como, por exemplo, entramos nas searas dos gêneros discursivos sob um viés bakhtiniano, discutimos as práticas de transcendências textuais, as intertextualidades intergenéricas, as práticas de *remixes* e *mashups* e, por fim, tratamos dos conceitos das *affordances* e das práticas discursivas. Todos esses conceitos foram de suma importância para fundamentarmos, coerentemente, as análises que foram elencadas nesta pesquisa. No próximo capítulo, apresentamos o percurso metodológico que guiou esta pesquisa.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Este capítulo trata, especificamente, da explicitação metodológica adotada nesta pesquisa, cuja área de concentração é Linguística. Dessa maneira, elaboramos quatro subseções que norteiam todo o percurso desta dissertação, a saber: a exposição do método de abordagem, a delimitação do universo da pesquisa, o processo de coleta de dados e a explicação dos procedimentos para a análise dos dados. Ainda assim, convém deixar explícito que trabalhamos aqui com dados da *internet*, os quais são muito sujeitos a mudanças, porém, todo o nosso corpus de análise foi coletado e armazenado em um banco de dados¹². Com isto, preservamos os dados e as fontes em caso de retirada das informações das mídias utilizadas.

3.1 O Método de abordagem e o tipo de pesquisa

A presente investigação se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, descritiva e explicativa de cunho netnográfica (HINE, 2004) sobre os gêneros discursivos que são (re)elaborados nas postagens da *fanpage* do Sensacionalista no *Facebook* por meio de práticas discursivas realizadas por produzíveis. Surgida como um ramo da etnografia¹³, a netnografia se preocupa com a análise de cunho hermenêutico dos comportamentos humanos que se manifestam no ambiente virtual. Com base nisso, nós a utilizamos porque esse método de abordagem é o mais adequado para se tratar das pesquisas que envolvem interações linguísticas de seres humanos na *internet*.

Após um estudo bibliográfico que trata dos gêneros do discurso em uma perspectiva de base epistemológica bakhtiniana, refletimos sobre as transcendências textuais na perspectiva da Linguística de Texto e fomos aos dados gerados na *fanpage* do Portal Sensacionalista no *Facebook*¹⁴, a qual, conforme percebemos, é uma fonte profícua de pesquisa na área de gêneros e um excelente *locus* para a pesquisa netnográfica, porque esta metodologia, em

¹² O leitor pode ter acesso ao corpus desta pesquisa neste *link*: https://drive.google.com/file/d/1qCaF_GVFvSPW0ADdi0J2nJygDVgd8V4x/view.

¹³ Também conhecida como a ciência das etnias, a etnografia é o método de abordagem mais utilizado pela antropologia para descrever as culturas, as etnias, as línguas e as religiões. Ainda assim, para a realização de uma pesquisa etnográfica, é necessário que o pesquisador esteja inserido ativamente dentro do seu campo de estudo para melhor observar os fenômenos e coletá-los.

¹⁴ <https://www.facebook.com/sensacionalista/>.

consonância com Hine (2004), Kozinets (2010) e Martins (2011), vem sendo muito praticada em pesquisas com sites de redes sociais.

A netnografia ou etnografia virtual visa interpretar manifestações linguísticas e visuais da linguagem verbal e não verbal de indivíduos em sites de redes sociais. Contudo, convém destacar que, para lograr êxito nesta metodologia, é interessante que o pesquisador seja um netnógrafo que contenha habilidades intermediárias no manuseio de computadores e participe ativamente na produção e recepção de textos no meio virtual. Para esta inserção do pesquisador no universo da *internet*, foi necessário utilizarmos o perfil pessoal do *Facebook* para estarmos inseridos nessa etnografia virtual, pois esta inserção do pesquisador no ambiente da pesquisa é um dos princípios da Etnografia Virtual de Hine (2004).

Após inserção do pesquisador no ambiente da *fanpage* do Sensacionalista, foi possível a observação empírica, compreensiva, interpretativa e analítica da natureza dos dados, percebendo, assim, a possibilidade de fazer uma descrição das práticas que resultam em gêneros discursivos na perspectiva bakhtiniana (2011). Ainda assim, com base nos pressupostos metodológicos da etnografia virtual (HINE, 2004; KOZINETTS, 2010) discorreremos sobre a emergência e a (re)elaboração de gêneros discursivos nos *locus* das postagens, pois lá existem tanto os processos de intertextualidades intergenéricas que resultam em mesclas de gêneros quanto os processos de *remix* como práticas utilizadas por usuários conectados.

Ainda, pensando com Gil (2002) e com Dieb (2004), com relação ao método de abordagem, podemos classificar esta pesquisa como qualitativa, pois, estamos investigando os significados que os indivíduos constroem em suas práticas sociais languageiras, as quais são carregadas de significações simbólicas. Em virtude disto, ao analisarmos essas construções que os atores sociais dão as suas práticas sociais, estamos, indutivamente, partindo da compreensão e interpretação de um fenômeno em particular para possíveis generalizações em uma escala ascendente. Ainda assim, dentro da pesquisa qualitativa, as hipóteses são construídas após a interpretação do pesquisador, pois, em consonância com Gil (2002), toda pesquisa deve passar por um

delineamento que envolve as previsões de análises, a interpretação de dados e os ambientes em que os dados são coletados para se chegar a um significado. Nesse sentido, em consonância com Dieb (2004), a pesquisa qualitativa desenvolve-se de modo descritivo e explicativo sobre os significados que são construídos com base no ponto de vista que os indivíduos, em sociedade, deixam transparecer na produção dos gêneros discursivos que organizam as suas práticas. Com relação ao descritivismo, entendemos como o estudo do comportamento do fenômeno observado, ou seja, o detalhamento das características que inferimos de um dado objeto. E, com relação à explicação, entendemos como o ato de compreensão, ou melhor, o ato de deixar inteligível um dado fenômeno estudado. Por fim, defendemos que, na pesquisa qualitativa, a netnografia vem para complementar os processos de descrição e de explicação sobre o fenômeno estudado nas postagens do Sensacionalista. Na próxima subseção, faremos um recorte dentro universo do *Facebook* para poder deixar a nossa pesquisa bem delimitada.

3.2 Delimitação do universo da pesquisa

O Facebook é, segundo Recuero (2016), um *site* de rede social que possui milhões de pessoas conectadas em todo momento, sem contar os que possuem uma conta e a utilizam esporadicamente. Este *site* de rede social foi criado na Universidade de *Harvard* por *Mark Zuckerberg* no ano de 2004. Para ter acesso a ele, é necessário que o usuário crie uma conta e, na criação desta conta, organize um perfil para que possa utilizar as inúmeras funções deste *site*, como mandar mensagens, fazer postagens, comentar em postagens, adicionar pessoas, aceitar pessoas, compartilhar textos e criar *fanpages*, esta última de nosso interesse. Com base nisto, inúmeras pessoas realizam várias práticas discursivas neste *site* de rede social e muitos gêneros são (re)elaborados neste *locus* saliente de emergência efervescente de gêneros.

Em decorrência dessa emergência de gêneros e de tantas práticas discursivas no *Facebook*, faz-se necessário um recorte dentro do próprio *site* de rede social em estudo para que pudéssemos atingir o objetivo geral desta pesquisa, o qual pretende analisar as práticas discursivas da postagem na *fanpage* do Sensacionalista no *Facebook*, considerando a intertextualidade

intergenérica dessas práticas, suas manifestações em *remixes* e *mashups* e as *affordances* do ambiente virtual.

Sendo assim, o que nos interessa para a delimitação do universo da pesquisa é elencar não apenas as emergências de gêneros que surgem em postagens de *fanpages*, mas também, a influência do *continuum* de uma emergência para a estandardização de gêneros discursivos, as estratégias de textualização que se manifestam em intertextualidades intergenéricas, como também, práticas de *remix* e *mashups* e, por fim, entender como as *affordances* do ambiente desenhado dos computadores proporcionam práticas discursivas que resultam em gêneros, juntamente, com as suas hibridizações de textos que são possibilitadas no meio virtual em forma de *affordances*.

Para entendermos melhor os passos do nosso processo metodológico, segue abaixo uma figura ilustrativa de uma *fanpage*. No caso, escolhemos a da ex-presidente Dilma Rousseff para apresentar ao leitor que existem inúmeras *fanpages* no *Facebook*, mas esta foi elencada porque é uma amostra de temática sociopolítica, atual e relevante para se pensar de maneira crítica e reflexiva sobre as postagens que nela emergem, para depois, podermos refletir de maneira analítica sobre os *posts* do Sensacionalista.

Figura 9: Amostra da *fanpage* da ex-presidente Dilma Rousseff.



Fonte: ROUSSEFF, Dilma (2016?)

Com base na figura 1, podemos observar a *fanpage* da ex-presidente Dilma Rousseff, na qual há muitos textos que aparecem nesta página do *Facebook*¹⁵. Dessa maneira, é desse espaço demarcado pelos números que extraímos todo *corpus* da nossa pesquisa que está documentado dentro da rede social do *Facebook* e arquivado em nosso banco de dados. Em 1, temos um exemplar do que chamamos de *fanpage* e, neste espaço virtual, temos práticas discursivas que vão da emergência à (re)elaboração de textos que serão parte do nosso objeto de estudo; em 2, temos uma postagem que mostra o lugar no qual os usuários utilizam estratégias de textualização para proliferar diversos gêneros discursivos oriundos de diferentes esferas sociais, local do nosso interesse analítico; em 3, há uma possibilidade de surgir outras (re)elaborações de gêneros discursivos, as quais não serão analisadas de maneira qualitativa nesta dissertação, pois não faz parte dos nossos objetivos teóricos-metodológicos para esta pesquisa sobre práticas discursivas com a

¹⁵ Convém deixar explicitado que essas páginas são muito voláteis e sujeitas a mudanças devido à flexibilidade do suporte. Sendo assim, trabalharemos aqui apenas com o *print screen*, ou melhor, com a parte “fixa” da postagem. Além disso, vale ressaltar que todo o *corpus* desta dissertação foi armazenado em um banco de dados visando proteger esses dados caso eles sejam retirados da rede social.

linguagem na *internet*. Passemos agora para apresentação dos critérios que foram elencados no processo de geração dos dados na *fanpage*.

3.3 O processo de coleta de dados

O corpus para este estudo foi coletado de uma *fanpage* que foi selecionada com base em 4 critérios: i) ser uma *fanpage* que possui acima de um milhão de curtidas; ii) ser uma *fanpage* que possui uma regularidade de postagens semanais; iii) ser uma *fanpage* que apresente mais de 3 anos de criação, porque páginas dessa natureza são geralmente institucionais; iv) conter o critério temático da grande depressão do governo de Dilma Rousseff. Sendo assim, dentre as *fanpages* que se encaixavam neste perfil, escolhemos a do Sensacionalista pela importância de ser um jornal que, embora de cunho crítico-satírico, sempre utiliza uma linguagem que apresenta efeitos de sentido do discurso jornalístico, abordando temas atuais ligados à política; como também, por atender às condições teóricas e metodológicas. Em síntese, a página do portal Sensacionalista apresenta os critérios elencados da seleção, além de evidenciar as regularidades dos fenômenos que pretendemos analisar.

Com relação à coleta das postagens, nesta página, seguimos também critérios de escolhas. Analisamos o número de 50 postagens na página do portal Sensacionalista e cada uma destas postagens teve que atender os critérios: i) ter no mínimo 1000 curtidas; ii) possuir, no mínimo, 1000 compartilhamentos; iii) apresentar discussões (interações de participantes) com base no tema piloto da postagem e iv) ter sido postada entre a data de 1 de janeiro de 2014 até o 1 de janeiro de 2017, correspondendo, no total, 3 anos de práticas discursivas neste perfil.

Os dados desta dissertação foram coletados com base uma ferramenta chamada *print screen*, que está disponível no computador. Esta ferramenta é de suma importância, pois possibilita a coleta de dados verbo-visuais para armazenamento no computador. Passemos agora para a explicação dos passos procedimentais na próxima subseção deste capítulo.

3.4 Procedimentos de análise

Para esta subseção da metodologia, enumeramos os procedimentos de análise em consonância com os objetivos específicos que esta dissertação visou atender. Sendo assim, para cada objetivo específico apresentado, seguimos um procedimento de análise fundamentado na teoria base, pois isto mostra coerência à etapa de análise dos dados da pesquisa. Ademais, seguem as enumerações explicativas:

a) Para analisar o processo de intertextualidade intergenérica presente nos gêneros que emergem nos *posts* das *fanpages*, fizemos, em consonância com Koch e Elias (2008) e Genette (2010), uma (re)discussão sobre o fenômeno das intertextualidades intergenéricas para as quais apresentamos uma reflexão descritiva, compreensiva, interpretativa e explicativa deste fenômeno no ambiente digital das postagens, pois é através desses processos que as mesclas acontecem. Para viabilizar isto, analisamos em nosso *corpus* 50 postagens da *fanpage* do Sensacionalista, das quais fizemos uma seleção de 8 que usamos como exemplos para apresentar ao leitor o que discutimos e defendemos a respeito da manifestação linguística intertextual de gêneros dentro da postagem e a sua relação com outros textos, pois estamos diante de uma estratégia de textualização típica de postagens.

b) Para descrever as práticas de *remixes* e *mashups* nos gêneros discursivos (re)elaborados através da apropriação dos humanos das *affordances* disponibilizadas pelo *site* de rede social do *Facebook*, analisamos, nas postagens da *fanpage* do Sensacionalista, 50 dados dos quais elencamos 8 que tomamos como exemplos que evidenciam a apropriação dos humanos de técnicas de manipulações e edições de textos que geralmente são disponíveis nos próprios *sites* de redes sociais. Com base nisso, descrevemos, netnograficamente (HINE, 2004), como os usuários do *Facebook* fazem recortes e colagens de várias maneiras nesses espaços virtuais. Dessa maneira, utilizamos a ferramenta de *print screen* disponível em máquinas de computadores para categorizar os dados de textos que foram (re)elaborados com base na interação dos usuários com as *affordances* que existem no ambiente digital, ou seja, quando o ser humano está no processo de interação entre o homem e a máquina (computador); como também, mostramos como essa ferramenta, ou possibilidade tecnológica, é parte essencial na construção

e mistura de textos. Por fim, esta técnica denominada de *remix* e *mashups* por Navas (2010) é uma estratégia de textualização importante na criação de novos efeitos de sentido em textos que são publicados no *Facebook*. Como a análise é netnográfica (HINE, 2004), estivemos inseridos dentro da *fanpage* do Sensacionalista, por meio da Conta ou Perfil Pessoal do pesquisador, para podermos expor qualitativamente uma análise com base na vivência dentro desta página.

c) Para concretizarmos o último objetivo específico desta pesquisa, o qual visa descrever, netnograficamente, as *affordances* do ambiente virtual que proporcionam práticas discursivas e mesclas de gêneros nas postagens da *fanpage* do Sensacionalista no *Facebook*; buscamos apoio na concepção metodológica proposta por Hine (2004), a qual visa interpretar qualitativamente as marcas linguísticas verbais e visuais que aparecem no ambiente da *fanpage* e das postagens. Além disso, o pesquisador também se inseriu na natureza da *fanpage* e das postagens para participar das discussões proporcionadas pelas *affordances* e obter melhores descrições analíticas. Ainda sobre este processo metodológico, buscamos fazer as descrições netnográficas não aleatoriamente, mas norteado com base em recorte que fizemos da tipologia de *affordances* proposta por Silva (2015); com base na autora, fizemos uma adaptação, confira:

Quadro 1: Os dois tipos de *affordances*.

Tipo	Fenômeno relacionado
Affordances do ambiente desenhado	A <i>fanpage</i> que foi criada dentro do universo do <i>site</i> de rede social do Facebook. A <i>fanpage</i> proporciona o surgimento de outras <i>affordances</i> .
Affordances das postagens	É uma <i>affordance</i> emergente que é criada dentro da <i>fanpage</i> e proporciona o surgimento de outras

Fonte: Silva, 2015, p. 69 – 70 (Adaptado).

Silva (2015) propõe uma análise de três tipos de *affordances*, a saber: a) as *affordances* do ambiente, b) as *affordances* tecnológicas e c) as *affordances* linguísticas. Em fulcro dessa tipologia proposta e com base nas concepções da psicologia ecológica de Gibson (1986), fizemos um recorte e adaptamos essas tipologias com base na nossa análise de dados, pois, em nosso recorte teórico e metodológico, discorreremos sobre duas tipologias, a saber: a) as *affordances* do ambiente, as quais estão relacionadas à *fanpage* e b) as *affordances* das postagens, as quais advêm das *fanpage*. Ainda assim, convém destacar que, para este último objetivo específico, seguimos uma ordem hierárquica dos dados para descrição, pois, primeiramente, discorreremos sobre as *affordances* ambientais e os seus desdobramentos e restrições; em seguida, discorreremos sobre as *affordances* das postagens e as suas peculiaridades que emergem dentro desse ambiente multisemiótico que é o *site* de rede social do *Facebook*.

No capítulo 4, procedemos à análise de dados com base nas categorias analíticas que selecionamos e discutimos para atingir os objetivos desta dissertação, a saber: as intertextualidades intergenéricas, os usos de *remix* e *mashups*, as *affordances* do ambiente virtual da *fanpage* e da postagem do Sensacionalista.

4 PERCURSO ANALÍTICO

Neste capítulo, são apresentadas as discussões sobre as práticas discursivas realizadas no interior do *site* de rede social do *facebook* na internet e como elas proporcionam o surgimento de gêneros discursivos. Hodiernamente, sabemos que a transformação, manipulação e edição de textos são exorbitantes em decorrência das inúmeras facilidades que existem em celulares e computadores. Somando-se a isto, entra em cena o desempenho do enunciador que se utiliza da criatividade para construir sentidos e utilizá-los em *sites* de rede social, visando algum propósito.

Nesta dissertação, após a análise dos 50 *posts* retirados da *fanpage* do Sensacionalista, foi possível perceber que a postagem do *Facebook* não é um gênero discursivo, mas sim, uma prática discursiva hipertextual que (re)elabora os gêneros já existentes, os quais são advindos de diferentes esferas sociais, como por exemplo: a jornalística, a jurídica, a do cotidiano e a humorística. Além disso, constatamos que as intertextualidades intergenéricas, juntamente com as práticas de *remix* e *mashups*, são estratégias de textualização que constroem os sentidos dos textos que circulam na *internet*. Ainda assim, convém salientar que essas estratégias só são possíveis de se concretizar por causa das *affordances*, ou seja, das possibilidades que o meio digital proporciona aos usuários. Sendo assim, organizamos este capítulo analítico em três subseções, a saber: i) as intertextualidades intergenéricas, ii) as práticas de *remix* e *mashups*, iii) as *affordances* e as práticas discursivas.

4.1 As intertextualidades intergenéricas

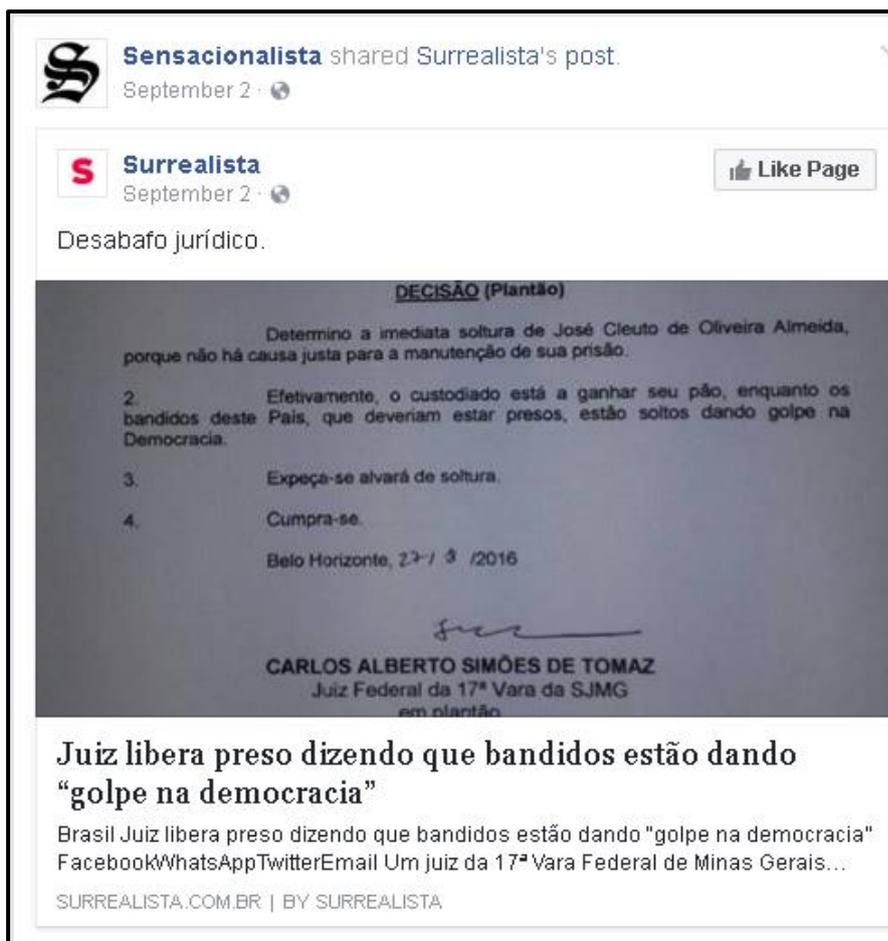
É evidente que a prática intertextual de se utilizar de textos já existentes dentro de outros não é nova, pois os textos mantêm relações entre si na construção dos sentidos que se deseja alcançar. Porém, a prática da intertextualidade intergenérica ficou mais recorrente com o advento das redes sociais *onlines* como o *Twitter*, *Facebook* e *Instagram*, as quais recorrem às postagens ou *posts* para vincular seus textos e fazê-los circular na rede.

É sábio discutir que o conceito de intertextualidade passa por alguns refinamentos de natureza teórica com a evolução dos estudos. Genette (2010),

por exemplo, define-a como uma relação de “copresença entre dois ou vários textos”, ou seja, a manifestação de maneira verbo-visual e efetiva de um texto dentro de outro texto. Ainda assim, o autor advoga a favor da percepção dos leitores para se compreender a presença de intertextualidade em uma obra e/ou em um texto. Além disso, convém salientar que é importante o conhecimento de mundo que o leitor tem para perceber e diferenciar as intertextualidades, pois isto está ligado às compreensões que fazemos quando interagimos com um texto.

Outro conceito pelo qual passa a intertextualidade é a defendida por Koch e Elias (2007), as quais defendem a inserção de um texto em outro e a necessidade do (inter)texto de fazer parte da memória social coletiva. Além disso, as autoras defendem que, dentro da intertextualidade *stricto sensu*, existem mais duas categorias, a saber: as explícitas e as implícitas. Nestas, a intertextualidade ocorre sem a citação do texto fonte e, naquelas, com a citação do texto fonte. Em virtude disto, quando perguntamos sobre as postagens do *Facebook*, qual seria a melhor classificação para elas quando falamos de (inter)textos? Compreendemos que, nos *posts*, há uma recorrência de fenômenos que podem ser inseridos no rol das intertextualidades intergenéricas por causa das facilidades que o meio digital proporciona à transcendência textual. Ademais, julgamos a necessidade científica de explorar a nossa hipótese de pesquisa, a qual defende que as estratégias de intertextualidades intergenéricas, que acontecem no *locus* das postagens em *fanpages* do *Facebook*, é um indício de que no texto em que elas se manifestarem haverá mesclas de gêneros. Observemos o exemplo (1) como se comporta o referido fenômeno:

Exemplo (1)



Fonte: JUÍZ (2016)

Primeiramente, observamos, no exemplar, uma peculiaridade do que acontece nas postagens das *fanpages*. É pertinente diferenciar que publicar é diferente de compartilhar¹⁶, mas que uma ação não exclui a outra, pelo contrário, quando publicamos algo, geramos a possibilidade do texto se espalhar pela rede social para torná-lo mais visível para outros usuários. Sendo assim, essas duas propriedades são peculiares do *site* de rede social do *Facebook*. Neste exemplo, embora ele tenha sido publicado na *fanpage* do portal Surrealista¹⁷, o qual é um portal de notícias verídicas e esquisitas, este dado entrou nesta dissertação porque ele foi compartilhado pelo

¹⁶ O publicar é quando um texto é postado e, por conseguinte, (re)elaborado por um locutor em seu próprio perfil ou página. Com relação ao compartilhar, a própria metalinguística do nome nos indica que é tomar parte de alguma coisa, participar de alguma coisa ou partilhar algo com alguém. Estas duas possibilidades são inerentes a qualquer *post* que circula no *Facebook*.

¹⁷ <https://www.surrealista.com.br/>.

Sensacionalista e, conseqüentemente, além de atender aos critérios elencados, o texto está no mural ou *feed* de notícias do Sensacionalista.

No exemplo 1, um analista de gêneros inferiria que há três gêneros imbricados nessa postagem, a saber: um comentário *online*, um alvará de soltura com um propósito satírico e uma notícia *online*. Alves Filho e Santos (2013) assumem o pressuposto de que os comentários *onlines* são gêneros e isto se deve ao fato de que esses textos manifestam uma opinião de cunho axiológico e não seguem uma estrutura modelo de texto. Ademais, neste gênero, o qual advém da esfera cotidiana de produção da linguagem, é possível se depreender que, no *continuum* fala e escrita, ele tende a se aproximar da modalidade oral da língua. No entanto, quando ele é transposto nos sites de redes sociais, ele assume a forma da modalidade escrita da língua, mas com marcas linguísticas de oralidade.

Com relação ao alvará de soltura, analisamos que ele apresenta um conteúdo satírico que faz alusão crítica ao afastamento da presidente Dilma Rousseff da presidência da República. Ademais, sobre este fato da política nacional, é necessário ressaltar dois lados desse processo que apresentam um ponto de vista ideológico, a saber: o golpe de estado ou o *impeachment*. Assumir uma dessas expressões linguísticas para se referir ao caso é adotar um dos lados ideológicos no que se refere à Esquerda ou à Direita, respectivamente. Sendo assim, é perceptível depreender o juízo de valor que o enunciador da postagem faz do caso ao escrever que “os bandidos deste país estão soltos e dando o golpe na democracia”. Além disso, podemos perceber que este texto possui peculiaridades linguísticas que advêm da esfera jurídica, pois o texto é assinado por um ator social da área do Direito, o juiz Federal Carlos Alberto.

Em virtude do que já discutimos, é perceptível que, no exemplo (1), além dos dois gêneros apresentados, existe, em uma concepção bakhtiniana (2011), mais uma forma relativamente estável de enunciado concreto, a notícia *online*, esta advinda da esfera de produção jornalística. Isto é perceptível pelas características formais do gênero manifestadas linguisticamente na postagem da *fanpage*, como por exemplo, a manchete “Juiz libera preso dizendo que

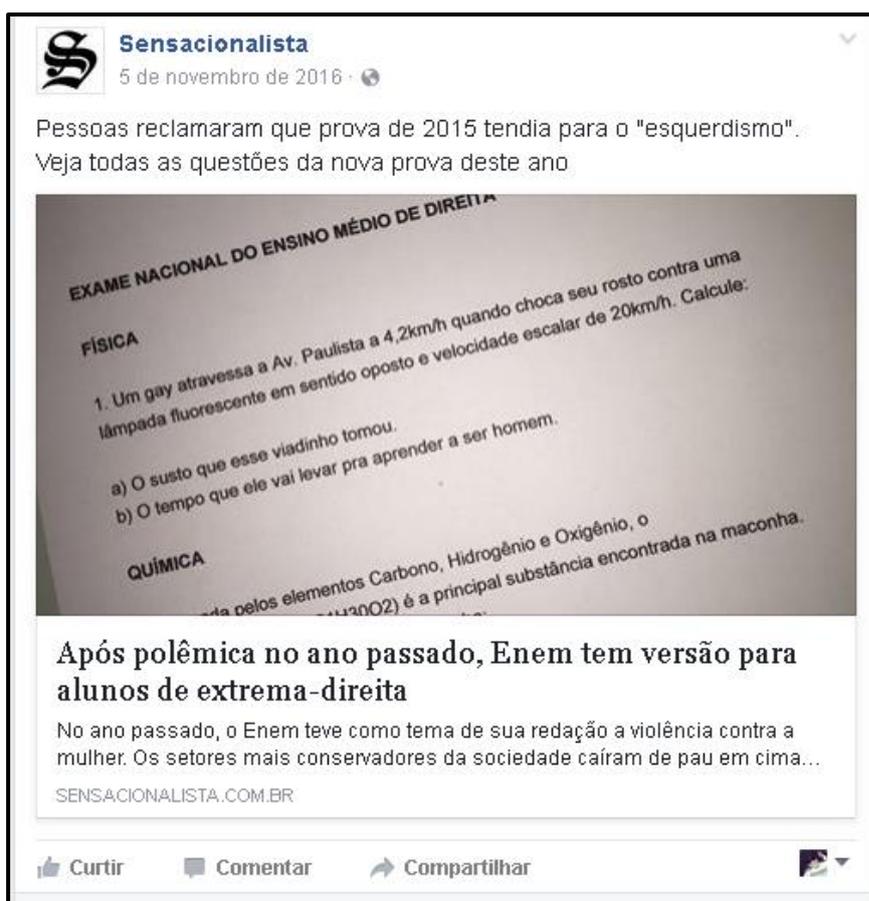
bandidos estão dando ‘o golpe na democracia’” e um trecho do *lead* da notícia. Além disso, convém ressaltar que, embora a notícia no *post* não se manifeste linguisticamente em sua totalidade, um leitor competente consegue inferir, com base nas marcas linguísticas presentes no texto, que ali se trata de uma notícia *online*, porque o interlocutor compreende psicossocialmente as partes de um gênero. Sendo assim, em virtude dos argumentos apresentados, podemos defender que, dentro dessa postagem, há uma série de intertextualidades intergenéricas que ajuda na construção dos sentidos da postagem.

Ainda sobre o exemplo (1), acreditamos que as intertextualidades intergenéricas presentes na postagem proporcionam uma mescla de gêneros discursivos dentro da postagem. Ademais, sobre isto, Lima-Neto (2014), criticando Koch, Bentes e Cavalcante (2007), argumenta que:

Uma das motivações para nós não atrelamos o fenômeno de mesclas genéricas à intertextualidade necessariamente, pois aquelas não são garantia de existência desta, portanto, preferimos chamar esse tipo de relação a que as autoras se referem de *mescla por intergenericidade prototípica*. (LIMA-NETO, 2014, p. 153).

O autor defende um ponto de vista contraditório ao afirmar que as mesclas de gêneros não são garantia da existência das intertextualidades (intergenéricas) e, para isso, ele cria a categoria da *intergenericidade prototípica*, a qual, segundo Lima-Neto (2014), é a fusão de traços de dois gêneros, mas que não se reduz à estrutura de nenhum deles, formando assim um texto inominável. No entanto, sobre o que o autor nos diz, não convém pensar dessa forma, pois defendemos que o fenômeno da intertextualidade intergenérica é o primeiro passo para que exista uma mescla genérica, mas, no caso da postagem do *Facebook* discutida no exemplo (1), acreditamos haver ali uma *mescla de gêneros casualmente ocorrentes*, porque temos, no mesmo *locus* enunciativo, uma série de gêneros atuando em prol de um único propósito comunicativo. Continuando com nossa linha de raciocínio, passemos agora ao próximo exemplo.

Exemplo (2)



Fonte: APÓS (2017)

No exemplo (2), observamos uma postagem que reelabora uma mescla de gêneros na *fanpage* do Sensacionalista com um propósito crítico e, ao mesmo tempo, com um juízo de valor a favor da esquerda política¹⁸, pois faz uma crítica ao posicionamento da extrema-direita política. Sendo assim, no *post*, temos um comentário *online*, que se mescla com um teste¹⁹ ou com uma questão (*quizz*), que se mescla com uma notícia dentro de um suporte virtual do *site* rede social do *Facebook*. É sápie discutir, em consonância com

¹⁸ Entendemos os conceitos de Direita e de Esquerda, do campo da Política, como termos antitéticos que apresentam ideologias divergentes, no entanto, a eficácia desta díade vem sendo problematizada por cientistas políticos. Em virtude disto, para mais informações sobre estas classificações, sugerimos a leitura de Bobbio (1995), *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*.

¹⁹ Na literatura sobre os gêneros discursivos, nenhum pesquisador na área da linguística, até o momento, defendeu que as questões de exames de vestibulares e/ou teste cognitivos (objetivos e/ou subjetivos) sejam gêneros discursivos. Ademais, Lima-Neto (2009) chama esse tipo de texto de “trabalho dirigido”; porém, já em Lima-Neto (2014), o autor chama de teste. Sendo assim, possivelmente, acreditamos que os testes ou *quizz* ou questões de vestibulares seja um gênero na perspectiva epistemológica bakhtiniana, pois, além de possuírem uma estrutura composicional, estilo e temática, esses textos advêm da esfera da atividade humana, seja ela a esfera escolar, seja ela a esfera acadêmica. Em virtude disto, chamaremos aqui de teste de vestibular.

Alves Filho e Santos (2013), que “o gênero comentário *online* possui como tema o posicionamento axiológico do comentador que defende certa ideia de justiça, colocando-se contra ou a favor dos acontecimentos noticiados”. Isto é notório no exemplo (2), pois o enunciador da postagem publica, de maneira crítica e irônica, uma notícia que tem como manchete: “Após polêmica do ano passado, Enem tem versão para alunos de extrema-direita”. Sendo assim, ao enunciar dessa maneira, o enunciador, além de adotar um ponto de vista, critica um posicionamento político-ideológico e defende o seu posicionamento contra ou a favor dos fatos, a depender de sua intenção.

Além disso, é interessante analisarmos o conteúdo do intertexto que é trazido na postagem. Primeiramente, observamos que se trata de um teste de vestibular, mas daí vem um questionamento, seriam os testes de vestibulares um gênero discursivo? Compreendemos, em consonância com Lima-Neto (2014), que é possível pensar que sim. Este teste de vestibular, o qual é um intertexto, traz em sua forma uma pergunta da área de física que faz uma crítica sobre a prática de crimes e preconceitos contra a homossexualidade. Com base nisso, o enunciador da postagem deixa subentendido no texto que militantes da extrema-direita da política brasileira são adeptos de práticas homofóbicas. Por conseguinte, convém destacar que, na notícia fonte da qual adveio essa postagem do Sensacionalista, há outras questões contemplando, de maneira crítica, todas as áreas do conhecimento, como física, química, matemática, biologia, história, português, inglês, geografia e redação. Confira aqui um exemplo na área de linguagens:

6. Leia o trecho abaixo:

“Há soldados armados, amados ou não
Quase todos perdidos de armas na mão
Nos quartéis lhes ensinam uma antiga lição
De morrer pela pátria e viver sem razão

Vem, vamos embora, que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.”

O autor desta canção merece:

- a) fuzilamento
- b) pau-de-arara

- | |
|------------------------------------------------|
| c) eletrochoque
d) cano de descarga na boca |
|------------------------------------------------|

Fonte: APÓS (2017).

Esse teste de vestibular, tirado da notícia que foi reelaborada na postagem da *fanpage* do Sensacionalista, apresenta claramente uma crítica satírica de cunho político-ideológico manifestada na postagem. O texto faz alusão à música “Para não dizer que não falei das flores”, de Geraldo Vandré, criada em 1968, período da ditadura militar no Brasil. Ademais, o teste apresenta a estrutura composicional já consagrada na elaboração de vestibulares, como perguntas e respostas com base em um texto apoio. Além disso, o teste de vestibular traz como possibilidades de resposta alternativas de diferentes tipos de torturas como punição para aquele que criou a canção. Em fulcro disto, defendemos que a postagem nas *fanpages* do *Facebook* é uma prática discursiva hipertextual que reelabora diversos gêneros advindos de diversas esferas sociais e os atualiza em *sites* de redes sociais.

Com base nos argumentos apresentados, defendemos que existem três gêneros discursivos imbricados na postagem do exemplo (2), um comentário *online*, um teste de vestibular e uma notícia *online*. Sendo assim, temos mais uma série de intertextualidades intergenéricas que constituem a textualização dessa postagem. Em virtude disto, acreditamos que a textualização com base em intertextualidades entre os gêneros tem como consequência as mesclas de gêneros, que, neste acaso, é uma *mescla por gêneros casualmente ocorrentes*. Esse tipo de textualização é recorrente nas postagens das *fanpages*, pois os enunciadores dispõem de inúmeros textos de fácil acesso na internet para construir as suas postagens, as quais, embora disponibilizem uma grande capacidade de anexar textos, elas também restringem a quantidade de informação que cada *post* pode ter.

Dando continuidade à análise referente ao nosso objeto de estudo, passamos agora para outra postagem do Sensacionalista que nos traz um exemplo peculiar sobre as práticas languageiras no *site* de rede social do *Facebook*.

Exemplo (3)



Fonte: DESAPARECIDO (2017)

No exemplo (3), a postagem trata de forma crítica e satírica a questão de um possível sumiço do Juiz Sergio Moro após o *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff. O texto, mais uma vez, utiliza-se dos gêneros como estratégias para construir a sua textualização e dar sentido ao que quer ser dito, pois são percebíveis três gêneros mesclados neste *post*: um comentário *online*, um anúncio e uma notícia. No comentário *online*, analisamos um enunciado não tão complexo que instiga o leitor a ler a notícia vinculada no *post* ao dizer que ela foi a “quarta mais lida da semana”, ou seja, é digna de ser lida por aqueles que acompanham o Portal do Sensacionalista, mas é cabível falar que ela entra em conexão de sentido também com o anúncio de desaparecido com o qual se mistura. Por conseguinte, acreditamos que os gêneros que mantêm relações intertextuais uns com os outros fazem parte de um gênero maior que poderíamos talvez chamá-lo de Chamadas de Notícias.

Em virtude do que foi discutido, dentro dessa Chamada de Notícias, há um anúncio, que, na verdade, acreditamos ser um tipo de anúncio, pois existem vários tipos de anúncios, ou melhor, uma constelação de gêneros chamados de anúncios, como defende Sousa (2005), com quem concordamos. Sendo assim, podemos pensar que existem anúncios que visam promover ou

vender algum produto e/ou serviços, mas, por outro lado, nem sempre um anúncio necessariamente está voltado para promover um produto, pois existem outros que possuem carácter mais voltado para o social. Com base nisso, é possível acreditar que estamos diante de um anúncio de desaparecidos, o qual se assemelha muito, no que diz respeito a sua estrutura composicional e estilo, com os anúncios de procurados. Com relação a este último, Rolim (2014), explica que as práticas de utilização de anúncios de procurados são oriundas da Ditadura Militar no Brasil de 1964 que visava exterminar o pensamento político-ideológico de esquerda e do Comunismo. Segundo a autora, visando legitimar tal prática, eram distribuídos e colocados em locais públicos esses anúncios que possuíam nomes, fotografias, codinomes e recompensas. Esses anúncios de procurados apresentavam como propósito comunicativo a mobilização da sociedade para a delação de elementos perigosos que estavam soltos nas ruas e torná-los conhecidos.

Ainda sobre o anúncio de desaparecido veiculado na postagem, acreditamos, em consonância com Sousa (2005), que se trata de um gênero que advém do eixo da propaganda e/ou da publicidade. Sendo assim, no caso do intertexto presente no exemplo (3), temos um anúncio de desaparecido que visa tornar público o sumiço de um juiz que ganhou destaque nas mídias nacionais, porque foi o protagonista no julgamento de uma série de investigações sobre políticos ligados ao Partido dos Trabalhadores – PT no caso da operação Lava Jato²⁰. Ainda assim, o anúncio de desaparecido acima se assemelha à estrutura composicional e ao estilo de um anúncio de procurado para atingir humoristicamente o leitor. Além disso, é interessante destacar que, se pensarmos com Bakhtin (2011), o gênero discursivo anúncio é uma forma relativamente estável de enunciado concreto na qual as forças centrípetas, ou seja, as peculiaridades intrínsecas ligadas ao gênero se chocam com as forças centrífugas, ou melhor, aquelas que visam desestabilizar o gênero. Em fulcro disto, podemos dizer que as forças centrípetas atuam na dimensão da língua, e, por outro lado, as forças

²⁰ Lava Jato é o nome de uma operação deflagrada pela Polícia Federal que investigou um esquema de corrupção que desviava bilhões de reais da Petrobrás.

centrífugas operam na dimensão do estilo, o qual está ligado ao enunciador de todo e qualquer enunciado concreto.

Já no plano das intertextualidades, defendemos que, na chamada de notícia do exemplo (3), foram identificados três gêneros que mantêm uma relação intergenérica entre si, trazendo como consequência uma *mescla de gêneros casualmente ocorrentes*. Essa categoria de mistura genérica, proposta por Lima-Neto (2009; 2014), foi muito recorrente no *corpus* elencado nesta pesquisa sobre as práticas discursivas realizadas através de gêneros veiculados e reelaborados em postagens da *fanpage* do Sensacionalista. Vejamos o próximo exemplo.

Exemplo (4)

Sensacionalista
12 de dezembro de 2016 · 🌐

Vira-casaca?

Marina é líder em todos os cenários de segundo turno, aponta Datafolha

Lula sobe no primeiro turno em relação à pesquisa de julho, mas mantém alta rejeição

SIMULAÇÕES DE 2º TURNO Em %

Candidato	Marina	Outro
Marina vs Lula	43	34
Marina vs Aécio	47	25
Marina vs Aicemin	40	25

Marina ganharia em 2º turno se eleição fosse hoje porque se fosse amanhã ela mudaria de ideia, diz Datafolha

SENSACIONALISTA.COM.BR

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

Fonte: MARINA (2016)

No exemplo (4), temos uma postagem que nos apresenta de maneira irônica a possibilidade de vitória da candidata Marina Silva para presidência da república em um segundo turno. No *post*, ela aparece liderando a pesquisa na

frente de dois políticos do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira) e do ex-presidente Lula do PT (Partido dos Trabalhadores). Além disso, é necessário defendermos, com base no texto, que o efeito de sentido produzido neste exemplo (4) é cômico, pois podemos perceber a manchete que diz: “Marina ganharia em 2º turno se as eleições fossem hoje, porque se fosse amanhã, ela mudaria de ideia”. Esta possibilidade de mudança de ideia em um curto prazo de apenas 24 horas traz a crítica de que a candidata Marina Silva é instável em suas tomadas de decisões com relação à política brasileira.

Além disso, acreditamos que os gêneros que mantêm relações intertextuais entre si dentro da postagem são estratégias de argumentação e textualização de que o enunciador se utiliza para criar efeitos satíricos e cômicos em seu interlocutor. Com relação aos gêneros discursivos imbricados no exemplo (4), temos um comentário *online* “Vira-casaca?” que, mais uma vez, critica o posicionamento da candidata. Além disso, acreditamos que os gráficos apresentados na postagem não seja o gênero discursivo infográfico, pois não percebemos diferentes modalidades semióticas (verbo-visual) que se integram de modo proporcional e coerente, afinal, esta é uma das características composicionais dos infográficos. O que é mais coerente de assumirmos é que temos uma foto de um pedaço de uma notícia na qual estão alocados a ela gráficos numéricos que ilustram Marina Silva liderando as pesquisas.

Neste exemplo (4), foi verificada uma divergência que esperávamos, pois nem sempre haverá uma mescla entre três gêneros, porque, além de textos printados, há fotos que não correspondem a gêneros discursivos. Por conseguinte, convém ressaltar que uma fotografia pode captar um número limitado gêneros que se manifestam na modalidade escrita da língua portuguesa, porém, nem toda captação fotográfica reproduzirá fielmente um gênero, pois há gêneros que são genuinamente praticados na modalidade oral da língua, tornado assim, impossível uma reprodução fiel do texto oral. Por outras palavras, podemos afirmar que um gênero discursivo escrito pode ser captado por uma fotografia, mas nem toda fotografia captará um gênero.

Com relação às intertextualidades intergenéricas, podemos concluir que neste exemplo apresentado, temos uma mistura de apenas dois gêneros, um comentário *online* e uma notícia *online* que traz dentro de si uma segunda notícia como estratégia argumentativa para ajudar a gerar, no interlocutor, o efeito de sentido crítico-satírico. Por último, foi constatada aqui uma *mescla de gêneros casualmente ocorrentes* dentro desta postagem. Mais uma vez advogamos em defesa da nossa hipótese de pesquisa de que as intertextualidades intergenéricas são as causas das mesclas genéricas. Já no próximo exemplo, temos uma peculiaridade que é necessária uma discussão mais criteriosa sobre tal dado. Vejamos o exemplo (5):

Exemplo (5)

Sensacionalista compartilhou a publicação de Surrealista.
22 de out às 12:16 • 🌐

S Surrealista
22 de out às 12:14 • 🌐

Só vendo para acreditar no que o candidato Alexandre Kalil disse

Debate@RedeTV

00:32

Líder das pesquisas para prefeitura de BH diz 'Eu roubo, mas não peço propina' em debate...
surrealista.com.br

👍 😂 🤔 10,452 1,023 comentários 1 compartilhamentos

Fonte: LÍDER (2016)

Na postagem do exemplo (5), temos uma Chamada de Notícia com algumas peculiaridades. Primeiramente, este dado foi publicado na *fanpage* do Surrealista, o qual trata de notícias reais que parecem ser fictícias, e posteriormente, foi compartilhada pela *fanpage* do Sensacionalista. O

conteúdo do texto parece ser de cunho satírico, mas não é, porque nele temos um debate para prefeitura de Belo Horizonte – MG, no qual, de um lado, o deputado João Leite do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira) e do outro, o prefeito Alexandre Kalil do PHS (Partido Humanista da Solidariedade) trocam graves acusações de corrupção no âmbito da política nacional.

O comentário *online* sinaliza para uma mensagem na qual convida o leitor para conferir a veracidade do que foi apresentado na manchete da notícia. Este comentário faz uma crítica velada ao dizer “só vendo para acreditar”, pois se não houvesse o vídeo na notícia fonte do candidato assumindo que “roubou, mas não recebeu propina”, o interlocutor poderia pensar que se tratasse de uma notícia satírica e não daria veracidade para os fatos nela apresentados. Além disso, com relação à imagem que traz a fotografia dos candidatos em posição de debate, convém deixar que claro que, nessa foto, não se caracteriza um caso de intertextualidade intergenérica, pois isto só aconteceria se o que fosse postado no *post* da *fanpage* fosse o vídeo do debate entre os candidatos para concretizar o gênero e um caso de intertextualidade intergenérica. Além disso, é sábio deixar claro que quando fomos à fonte da notícia no portal do Surrealista, lá, foi verificado que há de fato uma mescla de gêneros, pois existia o vídeo do candidato assumindo que “Roubou, mas não recebeu propina”. Mas isto, para este recorte metodológico, não foi relevante, porque estamos trabalhando apenas com a parte linguística materializada no domínio da postagem.

Em virtude do que foi discutido, podemos defender que, nessa reelaboração de gêneros, temos apenas dois gêneros mantendo relações intertextuais entre si: de um lado, o comentário *online* e, do outro, a notícia *online*. Ainda assim, podemos evidenciar que a postagem nas *fanpages* do *Facebook* é uma prática discursiva muito complexa de natureza hipertextual, pois, se pensarmos com Genette (2010), a hipertextualidade é uma transcendência na qual o hipotexto A, que será a notícia no *site* do portal Sensacionalista ou do Surrealista, gera um novo texto, o hipertexto B, o qual se realiza em forma de Chamadas de Notícias em postagens na *fanpage* do Sensacionalista no *Facebook*. Por conseguinte, já no domínio das mesclas,

defendemos que se trata de uma *mescla de gêneros casualmente ocorrentes*.
Analisemos agora o próximo exemplo:

Exemplo (6)



Fonte: TURMA (2016)

No *post* do exemplo (6), temos um texto que ironiza uma possível candidatura do empresário e apresentador do programa “O aprendiz”, Roberto Justus, para o cargo de Presidente do Brasil, pois ele concedeu uma entrevista ao jornal Estadão mostrando interesse no cargo. Ainda sobre o conteúdo do texto, aparece uma alusão à historinha em quadrinho da turma da Mônica fazendo uma premonição da possibilidade de vitória do candidato, pois, nos Estados Unidos da América, Donald Trump, antes de ser eleito presidente, o desenho animado dos Simpsons fez uma premonição na qual o candidato norte-americano se tornava o presidente. Com base nisto, o Sensacionalista, de maneira satírica, fez uma analogia com o contexto nacional, trazendo, na turma da Mônica, o Roberto Justus como um candidato sujeito a vencer as eleições por causa da previsão do HQ.

Com relação aos gêneros que mantêm relações de intertextualidade intergenérica dentro da postagem, defendemos ter um comentário *online* que, embora seja reproduzido em forma de uma citação direta da fala do Roberto Justus, apresenta um sentido satírico porque está vinculado ao Sensacionalista e por conta do conteúdo geral do texto. O outro texto verbo-visual, o qual se mescla com o comentário *online*, apresenta indícios de ser um excerto de uma história em quadrinhos, isto porque aparecem características composicionais e estilísticas que são oriundas das histórias em quadrinho, como, por exemplo, a presença de balões para representar a fala dos personagens, apresentar a mistura de linguagem verbal como a não verbal e reconstruir atividades genuinamente humanas, ainda que possam existir personagens inanimados que apresentem características humanas por meio de uma personificação.

Ainda sobre a postagem, é evidente destacarmos que temos um trecho de uma notícia *online* que ajuda na construção dos sentidos do texto. Dessa maneira, é sábia argumentar que uma notícia apresenta algumas características prototípicas, como a manchete, o *lead* (o quê, quem, onde, como, quando e por que), o episódio e os comentários das vítimas e/ou testemunhas. No caso das reelaborações nas postagens, verificamos que nelas geralmente aparecem apenas a manchete e o *lead* quando há uma mescla de gêneros casualmente ocorrentes. No caso do exemplo (6), teremos a manchete “Turma de Mônica previu possibilidade de Roberto Justus se candidatar a presidente” e um trecho do *lead* que nos diz quem “O empresário Roberto Justus” e o *quê* “o interesse de se candidatar a presidência”. Sendo assim, podemos verificar, em consonância com Araújo (2016), uma reelaboração criadora, porque temos três gêneros discursivos imbricados, os quais mantêm relações de intertextualidade intergenérica, atuando para a criação de outro, as chamadas de notícias. Ainda sobre as relações entre as intertextualidades intergenéricas, as mesclas genéricas e a natureza hipertextual dos gêneros discursivos reelaborados, nós apresentamos os padrões genéricos entre os dois tipos de mesclas que os dados nos apresentaram nesta subseção deste capítulo. Confira as postagens do exemplo (7) e do exemplo (8):

Exemplo (7)

S Sensacionalista
August 25 · 🌐

São consideradas legalmente insanas

Pessoas que pagaram R\$ 290 por jantar com Kim Katagiri poderão ser interdadas pela família

Kim Katagiri, um dos líderes do MBL, movimento que protestou em favor do impeachment da presidente Dilma Rousseff, divulgou hoje material publicitário...

SENSACIONALISTA.COM.BR | BY ZORZANELLI

👍 Like 💬 Comment ➦ Share

👤 Fernando Fontinele and 26K others Top Comments

Fonte: PESSOAS (2016)

Exemplo (8)

S Sensacionalista
16 hrs · 🌐

Celebridades

Nutricionista diz que Alexandre Borges pode comer o que ele quiser e ninguém tem nada com isso

A nutricionista Angelica Matoso, que atende o ator Alexandre Borges, diz que ele está liberado para comer o que preferir. O ator tem sido criticado depois que um...

SENSACIONALISTA.COM.BR | BY NELITO FERNANDES

👍 Like 💬 Comment ➦ Share

👤 Fernando Fontinele and 18K others Top Comments

Fonte: NUTRICIONISTA (2016)

Em fulcro do que já discutimos, faremos agora uma analogia entre os dois tipos de mesclas que podem ocorrer dentro das postagens e as respectivas informações que aparecem dentro dos textos. Sendo assim, com relação ao conteúdo do texto no exemplo (7), temos um *post* que apresenta ao leitor um jantar com o Kim Katagiri, o coordenador do MBL (Movimento Brasil Livre) e ex-colunista da Folha de São Paulo, o qual está sendo satirizado na postagem pelo fato de estar vendendo ingressos por 290 reais para sua companhia em um jantar em Florianópolis. Em (8), com relação ao conteúdo, analisamos um *post* que traz o ator global, Alexandre Borges, podendo “comer o que ele quiser”. Na verdade, isto é uma crítica satírica que faz referência a um episódio da vida pessoal do ator, o qual foi flagrado na presença de transexuais fazendo uso de drogas.

Além disso, no que se refere às mesclas, defendemos que no exemplo (7) há três gêneros discursivos mantendo relações intertextuais e construindo o processo de textualização da postagem, a saber: um comentário *online* que traz um juízo de valor crítico ao dizer que as pessoas que jantam com o Kim Kataguiiri são insanas, ou seja, sem saúde mental; existe também um anúncio, o qual faz uma exposição de venda de um lugar ao lado do ex-colunista; e por fim, um excerto de uma notícia *online* que apresenta um trecho do *lead* e uma manchete dizendo “Pessoas que pagaram 290 reais por jantar com Kim Kataguiiri poderão ser interditadas pela família”. Já no exemplo (8), defendemos que há uma mescla com apenas 2 gêneros, pois como já foi discutido, as fotografias não são gêneros discursivos. Sendo assim, teremos no exemplo (8), um comentário *online* e uma notícia *online* com o propósito satírico que mantêm entre si relações de intertextualidade intergenérica dentro do *locus* das postagens.

Em virtude do que já foi discutido, assumimos que as postagens da *fanpage* do Sensacionalista no *Facebook* são, em consonância com Genette (2010), resultados de uma transcendência textual que se concretiza nas intertextualidades intergenéricas e nos gêneros discursivos de natureza hipertextual, pois temos sempre uma relação de um texto fonte que resultará em outro texto. Além disso, em consonância com Lima-Neto (2014), mostramos que a emergência de gênero(s) é notória nas postagens da *fanpage* do Sensacionalista no *Facebook*. Sendo assim, com base no que foi discutido, passaremos agora para a próxima subseção deste capítulo de analítico que descreveu as práticas de *remix* e *mashup* nos gêneros discursivos (re)elaborados através da apropriação dos humanos das *affordances* disponíveis no *site* de rede social do *Facebook* (RECUERO, 2016).

4.2 As práticas de *remix* e *mashups*

A linguagem que emerge das postagens em *fanpages* no *Facebook* tem, em consonância com Genette (2010), peculiaridades de natureza hipertextual, pois, como discutido na seção anterior, temos, geralmente, um “hipotexto A” que será transformado em um “hipertexto B”, como, por exemplo, quando uma notícia *online* se transforma em uma chamada de notícias. Em consonância

com Xavier (2010) e Marcuschi (2010), postulamos que a linguagem presente nas postagens do Sensacionalista se apresenta de maneira verbo-visual, com a presença de um *link* que possibilita a inserção de textos audiovisuais e uma deslinearização da leitura. Ademais, convém ressaltar que existem as práticas de textualização que ajudam nas construções dos sentidos almejados pelo locutor, a saber: as práticas operacionais de *remix* e *mashups*.

Além disso, sobre as estratégias das construções de sentidos manifestadas linguisticamente nas postagens do Sensacionalista, os *remixes* e os *mashups*, são práticas tecnológicas desenvolvidas com a intervenção da criatividade humana que atua em programas de *softwares* que trabalham com montagem, recorte e colagem de textos verbais e imagéticos. Geralmente, estes textos bricolados e híbridos, quando transformados, fazem alusão aos desenhos animados, a outros sites de redes sociais, às personalidades públicas e aos fatos sociais que são fixados na memória social coletiva. Com a evolução tecnológica e com a alta produção e disseminação de *smartfones* e *tablets* na sociedade atual, as possibilidades de manipulações de textos ficaram mais fáceis e recorrentes, pois a maioria dos telefones celulares, como dos próprios sites de redes sociais, disponibiliza possibilidades para se mexer, recortar, copiar, colar e adulterar textos para novas construções de sentidos. Em virtude do que foi discutido, confira, no exemplo (9), como se apresentam essas estratégias chamadas de *remix* e *mashups*.

Exemplo (9)



Fonte: HUMANOS 2016.

No exemplo (9), o texto que, genericamente, podemos chamar de *post* do *Facebook* é uma reelaboração de uma notícia de cunho satírico que foi *linkada* para o suporte da referida rede social e lá se configurou com a forma e a função de um gênero discursivo denominado de “chamada de notícia”. Porém, o que nos chama atenção é o fato do *mashup de conteúdo regressivo* como uma estratégia de textualização e de construção do sentido, pois o texto imagético faz alusão/referência a um jogo que ganhou vários adeptos no Brasil e no mundo chamado de “*Pokémon Go*”, o qual foi inspirado em um desenho que tinha como principal meta um personagem capturar *Pokémon* (seres não humanos) com o propósito de se tornar um mestre com base em duelos.

Com base nisso, o texto recria uma situação do jogo na qual há uma inversão de valores, pois, como se sabe, no jogo do “*Pokémon Go*”, são os humanos quem procuram os *pokémons* nas ruas para se tornar um mestre. No entanto, de maneira satírica, a postagem faz uma crítica aos jogadores que se viciaram no jogo ao mostrar o *Pikachu*, um personagem do desenho (um pokémon), capturando humanos desaparecidos. Ademais, é claro que esse texto tem uma crítica vinculada àqueles participantes que se viciaram no jogo e que vivem caçando por várias horas do dia esses seres digitais que só existem em uma realidade virtual. Ainda sobre a postagem e com base na etnografia

virtual (HINE, 2004), outra análise que se convém ressaltar é que esse texto teve uma repercussão muito grande, pois, até o momento da coleta do dado, essa chamada de notícia teve 2,559 mil curtidas e 220 compartilhamentos. Isto prova que os usuários interagem com esses textos e os disseminam nas redes sociais para provocar uma espécie de sátira aos viciados no jogo. Passemos agora ao próximo exemplo para discutirmos os conteúdos e as textualizações presentes nos *posts*, confira:

Exemplo (10)



Fonte: TEMER (2016).

Com relação ao conteúdo da postagem do exemplo (10), temos uma crítica satírica que apresenta o atual presidente, Michel Temer do PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), rasgando a Constituição brasileira de 1988, após sua Proposta de Emenda Constitucional (PEC 55), a qual limita os gastos públicos em saúde e educação por 20 anos, ter sido aprovada no Senado Federal. O comentário *online*, o qual ajuda a completar o sentido apresentado na imagem do *post*, traz um jargão dos profissionais de educação física que o utilizam nas práticas de atividades da área da musculação que diz: “No pain, no gain (sem dor, nenhum ganho)”. Esta

expressão ajuda na construção da crítica ao presidente Michel Temer, o qual, metaforicamente, haveria contratado um *personal trainer* para lhe treinar os músculos e fazê-lo conseguir rasgar a Constituição Cidadã de 1988.

Verifica-se, neste *post*, que temos uma combinação de duas plataformas que se intercalam em uma mesma interface formando *um mashup de serviço agregativo*, pois a notícia *online* que está vinculada na postagem da *fanpage* do Sensacionalista advém de uma fonte externa que não é a do *Facebook*, mas sim de outro *site* que, na verdade, é um portal de notícias fictícias. Esta mistura de diferentes plataformas ou de diferentes sites dentro de uma postagem nos legitima a defender, de acordo com Buzato et. al. (2013), que temos uma prática chamada de *Mashup de serviço agregativo* porque, para montá-lo, é necessário apenas um conhecimento mínimo de computação, ou seja, não requer um grande conhecimento de computação e programação de computadores, pois basta copiar o *link* da notícia *online* do Portal do Sensacionalista ou de quaisquer outros portais e colá-lo no espaço adequado da *fanpage* para produzir este tipo de *Mashup*.

Pode-se perceber, ainda, em consonância com Buzato et. al. (2013), que, dentro da notícia *online*, há um *remix reflexivo* que subverte a fotografia do presidente Michel Temer. Ademais, a montagem contém um efeito crítico, satírico e humorístico, pois recria a imagem do presidente rasgando a Constituição de 1988, evento este que seria pouco provável de acontecer na vida real, exceto de maneira metafórica. Essas práticas são essenciais nas postagens do Sensacionalista, pois é através delas que os efeitos almejados são criados, ou seja, é por meio de ferramentas virtuais gráficas que os enunciadores manipulam determinadas imagens para se chegar a novos propósitos e misturá-las em determinados textos. Passemos agora para outro exemplo que foi extraído da *fanpage* do Portal Sensacionalista e que assume características semelhantes desta última análise.

Exemplo (11)



Fonte: LULA (2016)

Analisando o conteúdo da postagem, no exemplo (11), é perceptível uma satirização com relação aos três indiciamentos do ex-presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, pelo Ministério Público Federal. Entretanto, o ápice da sátira no *post* é a possibilidade de Lula ter mudado de partido, filiando-se ao partido a que sempre fez oposição política na sua história política, o qual tem um alto índice de denúncia em se tratando de corrupção no Brasil, o PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira). Além disso, ainda sobre o conteúdo do texto, pode-se inferir que Lula só não foi preso porque agora ele pertence ao partido dos tucanos, ou seja, o não-dito que fica implícito na postagem é: políticos do PSDB, embora sejam acusados e sentenciados com envolvimento em crimes de corrupção, eles não são presos.

Ainda, analisando o exemplo (11), percebemos que ele apresenta características convergentes com relação ao exemplo (10) desta subseção, pois vamos ter a mistura de duas plataformas, uma a serviço da outra. Sendo assim, constatamos que temos uma notícia *online* advinda do Portal do Sensacionalista que está vinculada na postagem da *fanpage*, caracterizando, assim, *um mashup de serviço agregativo*, pois conseguimos recuperar as duas fontes que formam o *post*, a saber: a do *Facebook* e a do *site* do

Sensacionalista. Além disso, podemos ainda argumentar as razões dessas postagens dos exemplos (10) e (11) não serem *um mashup de serviço integrativo*. Para discutirmos este posicionamento, basear-nos-emos em Buzato et. al. (2013), pois eles defendem que, para existir *um mashup de serviço integrativo*, teríamos que ter:

a articulação de interfaces de programação de aplicação (APIs) de diferentes serviços e fontes de dados, requerendo conhecimento técnico não trivial da parte do seu construtor e tornando difícil, pelo mero acesso à sua aparência na sua interface de consulta, determinar quais são suas fontes e de que maneiras foram combinadas. (BUZATO ET. AL., 2013, p. 1204).

Sendo assim, no exemplo (11), não temos uma articulação de diferentes serviços e nem diferentes fontes de dados que nos mostre a incapacidade de resgatá-las. Ainda assim, como sugerem os autores, é necessário um conhecimento especializado por parte do construtor para este tipo de serviço, ou seja, para se realizar *um mashup de serviço integrativo*. Por último, observamos que dentro da postagem há *um remix reflexivo* que nos mostra o ex-presidente, Lula, segurando um formulário de filiação ao PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira). Por meio dessa montagem, é evidente que temos uma transformação de cunho satírico, pois, pela história da política brasileira, o ex-presidente do Brasil jamais passaria a defender uma ideologia política que ele sempre combateu durante a sua vida política. No próximo exemplo, mostramos algumas peculiaridades encontradas nos dados coletados o que justifica uma descrição netnográfica diferenciada. Confira:

Exemplo (12)



Fonte: TRUMP (2016)

A linguagem presente no exemplo (12) contém algumas características que vão divergir das outras postagens presentes nesta dissertação, pois, em primeiro lugar, não temos, neste exemplo, o gênero “chamada de notícia”, porque não existem as possibilidades adequadas para clicarmos na imagem (*link*) e, por conseguinte, sermos direcionados a uma notícia *online*. Em segundo lugar, acreditamos que o gênero que aparece no exemplo possui traços híbridos, pois ele adquire peculiaridades que o torna inominável, ou seja, percebemos características de outros gêneros que advêm de outras esferas sociais, como a da esfera do cotidiano, da esfera jornalística e da esfera humorística. Com relação ao conteúdo da postagem, analisamos um conteúdo satírico e humorístico, pois traz o atual presidente dos Estados Unidos da América, Donald Trump, fazendo inúmeras expressões faciais em forma de narrativas visuais.

Em consonância com Buzato et. al. (2013), o exemplo em tela nos traz traços de um *remix estendido*, pois há uma montagem e uma manipulação de imagens que reproduz várias fotografias de *Donald Trump*, as quais criam uma

extensão de diferentes rostos e cada um com uma significação diferente para o interlocutor. Este tipo de *remix* que foi criado nos faz pensar em um gênero que assume traços híbridos em sua (re)elaboração na postagem, pois, considerando o comentário *online* que está misturado no texto imagético, há traços de, pelo menos, três gêneros que se misturam com base nas bricolagens feitas por um enunciador e pelas possibilidades do universo digital. Sendo assim, tomando o exemplo (12) como escopo de análise, confirmamos o quadro sinóptico que foi proposto por Lima-Neto (2014), o qual (re)elaboramos aqui:

Quadro 2: Síntese analítica.

Gênero de origem	Traços da <i>Archaica</i>	Nomeação do gênero que evoluiu	Traços novos para hibridização
Conversas do cotidiano	-Traços de coloquialismos; -Despreocupação com a prescrição gramatical; - Modalidade oral; - Traço advindo da esfera do cotidiano.	- Comentário <i>online</i> .	-Ser vinculado em um site de rede social; -Apresentar modalidade escrita, mas com traços de oralidade; -Referir-se a outros textos ou a fatos sociais.
Charge	-Caráter crítico e satírico; -Elementos verbais e visuais; -Utilizações de elementos gráficos; - Vinculado a um contexto social atual; - Traço advindo da esfera jornalística.	- Sem um nome consensual.	- Não há consenso na nomeação do texto; - Presença de <i>remix</i> ; - Utilização de fotografias; - Presenças de pessoas públicas; - Elementos intertextuais; - Mesclas de gêneros; - Diversas possibilidades de interações; - Linguagem híbrida.
Piadas e/ou História em quadrinhos	- Narrações visuais; - Efeitos humorísticos; - Elementos verbais e visuais; - Traço advindo da esfera humorística.		

Fonte: adaptado de Lima-Neto, 2014, p. 200.

Com base no quadro acima, foi possível perceber que a postagem do exemplo (12) não é um gênero discursivo, mas reelabora diferentes gêneros oriundos de diferentes esferas da atividade humana em um *site* de rede social, neste caso, no *Facebook*. Ademais, quando falamos em gêneros, é sábio pensar que um estudioso da linguagem consegue distinguir e reconhecer alguns dos gêneros que emergem das e nas esferas sociais, isto por conta das dimensões constitutivas do gênero (estrutura composicional, estilo e tema) e por causa da função sociocomunicativa que existe nestes textos. Ademais, com a evolução da tecnologia, podemos perceber que os enunciadores possuem o conhecimento de mexer com *softwares* que manipulam e transformam os textos imagéticos, fazendo com que eles manifestem características híbridas por causa da fusão de vários gêneros discursivos, como foi o caso do exemplo (12), o qual mistura, por meio de *remix*, o gênero conversas do cotidiano, com a charge e com as histórias em quadrinho dentro de um suporte multisemiótico que fica impossível a nomeação do gênero.

Sendo assim, defendemos que as práticas de *remix* transformam quaisquer textos, sejam eles verbais (modalidade oral ou escrita) ou (verbo-visuais), pois elas são possibilidades de construção de sentidos que ajudam na elaboração da textualidade dos gêneros discursivos (re)elaborados nas postagens da *fanpage* do Sensacionalista. Além disso, é bastante válido ressaltar que os *posts* têm uma circulação muito rápida e instantânea na *internet*, pois a opção de compartilhar é uma ferramenta que, ao mesmo tempo em que dissemina um artefato sociocultural (gêneros), permite que o interlocutor se transforme em produzidor (interlocutor/locutor), isto é, ele interage com a postagem e a (re)enuncia, fazendo, assim, com quem outros potenciais interlocutores reconheçam, aceitem e consumam os textos vinculados nessas postagens. Passemos ao próximo exemplo.

Exemplo (13)



Fonte: CORRENTE (2016)

Sobre o conteúdo do texto, no exemplo (13), é notável uma postagem de cunho mais jocosa, pois apresenta, de maneira descontraída e irônica, a preferência das pessoas pela “Corrente” que mostra, no aplicativo do *whatsapp*, os feriados prolongados do ano de 2017 no Brasil, como por exemplo: o Dia de Tiradentes (21 de abril), o Dia do Trabalhador (01 de maio), Corpus Christi (15 de junho) e o Dia da Independência do Brasil (7 de setembro). Além disso, a postagem destaca que o telefone celular de última geração, *iPhone 7* da marca *Apple*, ficou em segundo plano na preferência dos brasileiros; já em terceiro lugar, está o retorno da telenovela “Avenida Brasil”, a qual foi escrita por João Emanuel Carneiro e apresentada na Rede Globo em 2012. Em virtude disto, podemos perceber, em consonância com o conteúdo do *post*, que os brasileiros estão cada vez mais preocupados com os feriados para descansar do que com a materialidade de um telefone celular ou do que uma trama de telenovela.

Conforme se vem discutindo nesta dissertação, as postagens da *fanpage* do Sensacionalista podem ser classificadas, por um lado, como prática linguageira, que geralmente se forma por meio de *um mashup de serviço agregativo*, pois, como já foi apresentado, é possível recuperarmos a sua fonte de formação. Do outro lado, temos a formação de um gênero discursivo que se manifesta na constituição deste *mashup de serviço agregativo*, as chamadas

de notícias, as quais possuem um alto nível de circulação dentro do *site* de rede social do Facebook e diferentes formas de interação com o interlocutor. Sendo assim, verificamos, neste exemplo (13), que existe outro *mashup* que nós o classificamos, conforme Buzato et. al. (2013), como um *mashup de conteúdo regressivo*, pois temos uma transposição do *layout* do aplicativo *Whatsapp*, que foi colocado dentro da postagem, ou seja, conseguimos resgatar esta fonte por conta de nossa memória coletiva que reconhece a forma desse aplicativo. Além disso, convém destacar que não temos acesso ao serviço desse aplicativo nesta postagem, pois, caso se isso fosse possível, enquadraríamos este exemplo no rol do *mashup de serviço agregativo*. Se relembrarmos o quadro dos *mashups*, em consonância com Buzato et. al. (2013), teríamos esta síntese:

Quadro 3: Esquema sinóptico dos *Mashups*.

<i>Mashups</i>	Serviços	Integrativo
		Agregativo
	Conteúdos	Regressivo
		Não regressivo

Fonte: adaptado de Buzato et. al., 2013, p. 1202.

Como é notório, há uma tipologia de *mashups* no rol da transtextualidade na cultura digital, pois, com o advento de inúmeros dispositivos de montagem e manipulação textual, essas práticas ficaram mais comuns nos processos de textualização. Ainda assim, essas novas maneiras de se fazer transcendência textual ganham alta rotatividade e reconhecimento, porque são utilizadas em *sites* de rede social, como o *Facebook*, o *Instagram*²¹ e o *Snapchat*²². Dessa maneira, pensando com Lima-Neto (2014), esses *sites* são *locus* de reelaboração dos gêneros discursivos, os quais estão em uma linha tênue que vai da emergência a estandardização. Ainda no escopo do nosso objeto de estudo, vejamos mais um exemplo:

Exemplo (14)

²¹ <https://www.instagram.com/?hl=pt-br>.

²² <https://www.snapchat.com//pt-br/>.



Fonte: CRIMINOSO (2016).

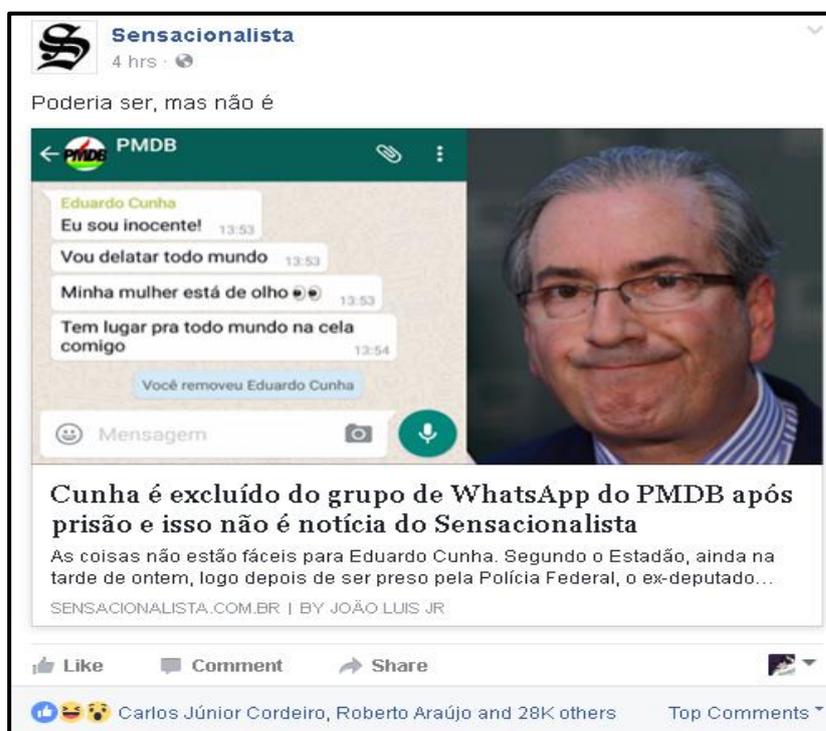
A notícia *online* reelaborada na postagem do exemplo (14) traz um conteúdo satírico sobre um *hacker* que enlouqueceu após ver um “nudes” do atual presidente da República, Michel Temer. Segundo o texto, ele hackeou o telefone celular da esposa do presidente, Marcela Temer, e, após ter tido contato com as supostas fotos do presidente nu, ele afirmou que examinará a possibilidade com seus advogados de cumprir sua pena na ala psiquiátrica. Em virtude do conteúdo que pode ser inferível no texto, podemos crer que o locutor que elaborou este texto parte do pressuposto de que as fotos de Michel Temer pelado são cenas fortes que podem levar o ser humano à loucura, isto pode ser percebido pelo comentário *online* que nos diz “Danos irreparáveis”, ou seja, aqueles que têm acesso a tal conteúdo jamais terão novamente a possibilidade de se recuperar das possíveis sequelas causadas pelas fotos.

No exemplo (14), com relação às práticas de transcedência textual, verificamos a imagem de uma mão que está mexendo em um telefone celular, porém, existe *um remix reflexivo* que transforma a fotografia adicionando o rosto do presidente Michel Temer sem camisa, causando, assim, um efeito sugestivo de que ele envia “nudes” para sua esposa. Esta alusão imagética

gera, no interlocutor, o humor e a curiosidade, fazendo com o leitor clique na chamada de notícia para ser levado à notícia *online* na íntegra.

Ainda sobre os *remixes*, Buzato et. al. (2013) nos mostram que essas técnicas de montagem, de reedição, de colagem, de transformação de um objeto a partir de outro já haviam sido objeto de estudos das Vanguardas Europeias no século XX, principalmente, nas correntes de pensamentos dos dadaístas e dos expressionistas. Estes, os principais nomes foram Edvard Munch (1863 – 1944), Van Gogh (1853 – 1890) e Anita Malfatti (1889 – 1964), os quais desenvolviam uma arte voltada para comportamentos psicológicos e destaque nas cores vibrantes, destacando a expressão; aqueles, o principal nome é o poeta romeno Tristan Tzara (1896 – 1963), o qual defendia a ideia contra-arte para chocar a burguesia do século XX, ou seja, qualquer montagem em qualquer lugar poderia ser uma obra de arte. Em virtude disso, as práticas de *remixes* e *mashups* não são tão novas quanto parecem, pois o que é novo é o método utilizado para (re)editar os textos e as imagens. Passemos para o próximo texto do nosso *corpus*.

Exemplo (15)



Fonte: CUNHA (2016).

Neste exemplo (15), pudemos perceber que o principal objetivo dos textos, que são vinculados no portal do Sensacionalista, são o de reelaborar, nas postagens das *fanpages*, os gêneros, como reportagens e notícias *onlines* de cunho satírico, os quais geralmente trazem um evento deflagrador²³ que não é verídico. No entanto, constatamos que nem sempre os conteúdos informativos dos textos que são reelaborados trazem à tona fatos sociais fictícios, ou melhor, inventados, como é o caso do exemplo (15). Sendo assim, convém ressaltar que existem notícias que, embora sejam verídicas, elas contêm um efeito de surrealidade, pois apresentam nos seus conteúdos fatos inesperados e jocosos que acontecem com as pessoas no mundo, como é o caso do portal de notícias chamado Surrealista²⁴.

Com relação ao conteúdo do *post* do exemplo (15), foi analisada uma desavença, que de fato aconteceu, envolvendo políticos do PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), pois, após a Polícia Federal prender o ex-deputado Eduardo Cunha, ele foi excluído do grupo de *Whatsapp* do PMDB pelo administrador do grupo. O fato, antes de ser publicado no portal do Sensacionalista, foi noticiado por vários portais de comunicação da imprensa brasileira, como por exemplo, o Estadão²⁵. Além disso, com relação ao conteúdo, podemos inferir que a atitude dos membros do partido foi de se preservar e de eliminar possíveis pistas que comprovassem o possível envolvimento de outros políticos do mesmo partido em casos de corrupção, pois é sábio se pensar que a Polícia Federal investigaria conversas documentadas no aplicativo do *Whatsapp*.

Com relação às transcendências textuais que foram trazidas na composição deste exemplo (15), foi verificável mais uma prática de dois tipos de *mashups* na composição desta postagem, a saber: *um mashup de serviço agregativo* e *um mashup de conteúdo regressivo*. Neste, existe o fato de podermos fazer, segundo Buzato et. al. (2013), a recuperação “mais clara e explicitamente suas fontes, criando um efeito metasemiótico importante”, ou

²³ Em consonância com Alves Filho (2011), entendemos o evento deflagrador como um acontecimento social e/ou fato social que é o ponto de partida para o desencadeamento de gêneros discursivos, ou seja, este evento é uma transição do social para o textual.

²⁴ Conferir: <https://www.surrealista.com.br/>.

²⁵ Conferir: <http://www.estadao.com.br/>.

seja, podemos resgatar mais uma vez o *layout* de um grupo do *whatsapp* no qual Eduardo Cunha foi excluído; naquele, há o fato de, em consonância com Buzato et. al. (2013, p. 1204), para constituir uma postagem “basta copiar partes do código-fonte e colocá-los nos locais adequados do código gerador da apresentação na interface”, ou seja, podemos defender que, geralmente, os *posts* na *fanpage* do Sensacionalista são formados por *mashups*. No último exemplo, teremos um caso mais peculiar sobre tais fenômenos.

Exemplo (16)



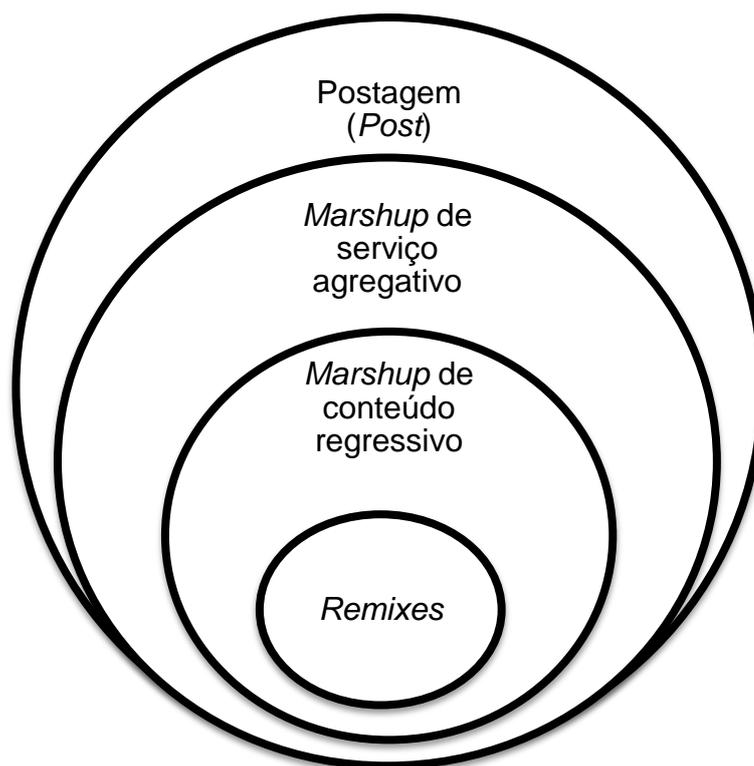
Fonte: MONTAGENS (2016).

Com relação ao conteúdo da postagem, no exemplo (16), é perceptível o atual presidente da República, Michel Temer, fantasiado em 1959, na tradicional festa da “Peruada” da Faculdade de Direito da USP, onde ele estudou. A notícia, a qual não é fictícia e/ou fantasiosa, foi divulgada, primeiramente, pelo “*Buzzfeed*”, um *site* de notícia norte-americana que possui sede também no Brasil, e depois foi retextualizada no portal de notícias do Sensacionalista, para depois ser (re)elaborada na postagem na *fanpage* do *Facebook*. O texto verbo-visual é composto por um conjunto de montagens que ajudam na construção do sentido irônico da postagem ao deixar subentendido que, naquela ocasião, o reitor da Universidade Estadual de São Paulo – USP

estaria sendo alvo de um possível processo de impeachment no qual Michel Temer estaria encabeçando. Em fulcro disto, podemos dizer que um dos comentários feitos por um dos internautas faz alusão crítica e implícita ao processo de impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, a qual, outrora, fora aliada de Temer.

Conforme já vem sendo discutido nesta dissertação, defendemos, com base nas análises aqui propostas, que as postagens da *fanpage* do Sensacionalista não são gêneros discursivos, mas sim práticas discursivas que (re)elaboram os gêneros discursivos que advêm de várias esferas, como por exemplo, da esfera jornalística, da esfera do cotidiano, da esfera escolar etc. Ademais, estas postagens, por serem hipertextuais, elas são formadas, composicionalmente, por algumas estratégias de textualização que verificamos de maneira satisfatória, como: os *remixes* e os *mashups*. Sendo assim, no exemplo (16), verificamos que, dentro do *mashup de serviço agregativo*, que traz a notícia *online* para dentro do *post*, temos duas outras categorias que se imbricam na formação de um sentido, ou seja, temos *um mashup de conteúdo regressivo*, que faz alusão a outras duas postagens que possuem características referenciais do *layout* do *Facebook*, ambas feitas por dois produtores, um chamado “Herry Wolpert” e a outra chamada “Juliana Teixeira”; e, dentro deste último *mashup*, verificamos alguns *remixes* que fazem montagens (Michel Temer com o desenho infantil das “Bananas de pijamas”) e sinalizações (um círculo ao redor da cabeça do Temer) que ajudam na construção de todo sentido da postagem. Esta relação entre os *remixes* e os *mashups*, conforme apresentamos aqui, pode ser compreendida com base no esquema abaixo. Vejamos:

Quadro 4: As estratégias de transcendência textual em *posts*.



Fonte: Elaboração própria.

De acordo com o que foi explicitado no exemplo (16), podemos visualizar melhor as imbricações entre os *remixes* e os *mashups* dentro das postagens no esquema apresentado, pois, como é perceptível, essas estratégias não se excluem, pelo contrário, elas podem ocorrer uma dentro da outra, como foi perceptível no dado apresentado no exemplo em questão. Além disso, convém salientar que nem sempre essas estratégias serão encadeadas conforme apresentamos neste quadro sinóptico, pois, como se sabe, as postagens assumem peculiaridades composicionais que variam de acordo com as intenções do locutor que está criando o *post*, pois ele pode simplesmente pegar um notícia *online*, ou uma reportagem, ou uma piada, ou um poema etc. e (re)elaborá-lo(s) sem precisar recorrer a *remixes* e/ou *mashups*, como também, ele pode apenas postar um comentário *online* sem nenhuma dessas novas estratégias de textualização que ajudam nas transcendências textuais na *internet*.

Por fim, após discutir as práticas de transformação textual com base em Navas (2010) e Buzato et. al. (2013), partimos para a última subseção deste capítulo analítico, a qual irá discorrer de maneira netnográfica acerca das

possibilidades tecnológicas que o meio digital oferece aos locutores e aos interlocutores, ou seja, discutimos as *affordances*. Além disso, buscamos entender como as *affordances* se relacionam com as práticas discursivas que têm como consequência possibilitar o surgimento de gêneros discursivos e as diferentes formas de interações. Por último, na próxima subseção deste capítulo analítico, descrevemos, em consonância com Gibson (1986), Hine (2004) e Silva (2015), as *affordances* do ambiente desenhado da *fanpage* e da postagem no *Facebook* e as suas relações com os gêneros discursivos.

4.3 As *affordances* e as práticas discursivas

Em consonância com Gibson (1986), as possibilidades que um meio proporciona são dimensões muito extensas, mas que também podem ser delimitadas. O autor apresenta a teoria das *affordances* fundamentada na área da psicologia ecológica, ou seja, voltada para o meio ambiente no qual os animais vivem e se adaptam por uma questão de resiliência. Para Gibson (1986), no ambiente, existem diferentes *affordances* que proporcionam diferentes possibilidades para ação, porém essas possibilidades são limitadas. Em virtude disto, como *affordances* do ambiente ecológico temos, a saber: o meio, as substâncias, as superfícies com seus *layouts*, os objetos e as pessoas com os animais. Todas essas possibilidades são percebidas pelos homens com base em seus órgãos sensoriais que interpretam os estímulos do meio para agir.

Apoiada em Gibson (1986) e na sua teoria da psicologia ecológica, Silva (2015) cunhou o conceito de *affordances* para descrever a interação proporcionada pelas possibilidades disponíveis no ambiente virtual de aprendizagem para o ensino de língua estrangeira, com base na interação mediada pelo computador em espaços desenhados. Sendo assim, em consonância com a autora, defendemos que a *fanpage* do Sensacionalista no *Facebook* é também um ambiente virtual desenhado que proporciona diversas possibilidades de percepção e ação para os usuários conectados no *Facebook*. Ademais, convém ressaltar que o *Facebook* é um *site* de rede social (RECUERO, 2016) e a *fanpage* é uma página que é criada dentro deste sítio, porém, ela possui peculiaridades que proporcionam o engajamento dos

interlocutores com as *affordances* de seu meio para a realização de práticas discursivas com a linguagem, e, como é perceptível, essas práticas proporcionam as formas relativamente estáveis de enunciados concretos (BAKHTIN, 2011), ou seja, em gêneros discursivos que são reelaborados no ambiente virtual.

As práticas languageiras a que nos referimos aqui são realizadas por meio das postagens, as quais proporcionam a possibilidade, com base no engajamento com *affordances*, de reelaboração de gêneros discursivos (MARCUSCHI, 2010), que são utilizados em situações tipificadas das esferas sociais para a realização de uma ação social (MILLER, 2012), no caso do Sensacionalista, uma ação com propósito satírico e humorístico. Em fulcro disto, podemos pensar que, se os gêneros discursivos são formas relativamente estáveis de enunciados concretos e estes são as unidades básicas da comunicação discursiva, em uma perspectiva bakhtiniana, inferimos que as práticas discursivas com a linguagem podem ser realizadas, em consonância com Costa (2016), por um conjunto de enunciados que são articulados por sujeitos enunciadorees que utilizam a língua tanto na modalidade oral como escrita, resultando dessa maneira, em gêneros que são transpostos e/ou reelaborados em postagens por meio das possibilidades do ambiente virtual.

Apresentamos, de maneira hierárquica, a categorização e a descrição netnográfica das possibilidades de ação, interação e restrição encontradas, primeiramente, nas *fanpage*, que nomeamos como *affordances do ambiente desenhado*; posteriormente, descrevemos as *affordances das postagens* e as suas relações com os gêneros discursivos. Neste momento da dissertação, confirmamos a nossa hipótese de pesquisa, a qual defende que as várias *affordances* disponibilizadas nas *fanpages* possibilitam aos produtores de textos na internet a viabilidade de manifestar diferentes práticas discursivas por meio da postagem, pois, nesta, diversos gêneros discursivos advindos de diferentes esferas sociais são reelaborados em um *locus* multisemiótico e desenvolvem ações sociais.

4.3.1 As *affordances* do ambiente desenhado

A *fanpage* do Sensacionalista no *Facebook* é utilizada por um administrador que se apropria de notícias e reportagens para atualizá-la todos os dias no intuito de satirizar fatos políticos, econômicos, sociais e históricos. Com base nisto, para se concretizar tais efeitos críticos, o administrador se apropria dos gêneros discursivos que advêm da esfera jornalística, da humorística e do cotidiano e os utiliza para alcançar seu escopo comunicacional. Ainda assim, ele interage com um ambiente que lhe proporciona várias possibilidades de percepção e ação, desde o ato da criação da *fanpage* até a manutenção desta com as postagens. Este ambiente desenhado é criado dentro do *site* de rede social do *Facebook* para atingir o seu público alvo, o qual se autovincula e/ou faz uma assinatura digital da página na *affordance* de curtir.

Em consonância com Gibson (1986) e Silva (2015), sabemos que as possibilidades para a percepção e ação existem tanto no meio ambiente ecológico quanto no ambiente desenhado de uma *fanpage*. Este ambiente virtual tem um *layout* muito extenso e diversificado que proporciona um grande número de interações tanto para seu administrador quanto para os produtores que se engajam nas *affordances* disponíveis na *fanpage* do *site* de rede social do *Facebook*. Porém, convém ressaltar que assim como há possibilidades para ação, existem também restrições que impedem o produtor de agir naquele meio virtual, como por exemplo, se um usuário leigo se confundir e desejar publicar no guia de busca, representado em 1, na figura abaixo, um capítulo de um romance histórico, o qual contenha elementos verbais e visuais em sua estrutura, ele não logrará êxito, pois as possibilidades para isto o impediria, ou seja, o próprio *Facebook* desconheceria tal comando. Sendo assim, confira agora a descrição netnográfica do ambiente desenhado de uma *fanpage* em que o próprio mestrando esteve inserido com seu perfil pessoal.

Figura 10: O ambiente virtual desenhado da *fanpage*



Fonte: Elaboração própria com base no Facebook.

Como é perceptível, na figura acima, a *fanpage* do Sensacionalista é uma página que emerge dentro do *Facebook*, a sua natureza é composta de um conjunto de *affordances*, ou seja, um conjunto de possibilidades que o meio oferece para os usuários se engajarem e agirem com a linguagem manifestada em gêneros discursivos. Cada espaço enumerado no ambiente desenhado acima é um recurso que o *Facebook* possibilita aos usuários para que eles possam tomar as suas decisões, e cada decisão tomada o levará para um caminho diferente.

No espaço 1, temos a parte encarregada de fazer diferentes tipos de busca dentro do *site* de rede social do *Facebook* que pode ir de perfis pessoais aos institucionais no geral; em 2, temos outras opções que o perfil oferece, como por exemplo, dizer que o usuário curtiu a página, assim como salvá-la ou compartilhá-la aos outros leitores da rede; em 3, encontramos as notificações que sinalizam as mensagens que chegam, como também os amigos que nos adicionam; em 4, temos outro recurso que serve para baixar o aplicativo do Sensacionalista em *smartphones* e *tablets*; em 5, temos um *link* que é característico das chamadas de notícias e pode nos levar ao *site* no qual há notícias e reportagens de cunho satírico, ou seja, ao portal Sensacionalista; em 6, temos diferentes opções dispostas de maneira vertical que o perfil do

Sensacionalista disponibiliza de forma documental para o leitor navegar e resgatar dados que possam interessá-lo; em 7, o internauta pode manter uma interação com base no tema piloto da postagem e assumir diferentes emoções (*emotions*) perante o texto lido, assim como, fazer compartilhamentos para que o texto tenha uma maior visibilidade e alcance para os outros usuários; em 8, o *Facebook* direciona os usuários para criar um perfil de *fanpage* a depender dos propósitos que ele queira atingir e, por fim, em 9, temos os *chats* (bate-papos) que permitem que o usuário troque mensagens em um tempo síncrono e assíncrono com os seus amigos que possuem uma conta e estejam vinculados ao *Facebook*. Com base nisto, podemos dizer que o perfil chamado de *fanpage* é uma página no *site* de rede social do *Facebook* que possui, em sua natureza, um conjunto de *affordances* que não o transforma em um gênero discursivo digital, mas proporciona a transposição e a reelaboração de gêneros discursivos, os quais assumem uma natureza hipertextual.

Com relação ao administrador, ao criar um texto na *fanpage*, ele se dispõe de uma série de possibilidades e restrições disponibilizadas pelo ambiente desenhado que o norteiam por meio da percepção óptica do meio para a ação. Ele se insere em um ambiente digital que contém *layouts* flexíveis que podem se modificar a cada interação realizada com base no engajamento com *affordances*. A figura a seguir apresenta ao leitor as configurações internas das possibilidades que são proporcionadas ao administrador de uma *fanpage* para sua ação.

Figura 11: As *affordances* internas da *fanpage*.



Fonte: Elaboração própria com base no Facebook.

O *post*, antes de ser publicado, é apenas uma possibilidade de postagem, pois o administrador/enunciador, primeiramente, irá decidir a importância e a relevância do texto que será lançado na rede para depois criar os enunciados finais. Ademais, existe uma infinidade de gêneros discursivos que poderiam ser transpostos e/ou reelaborados na opção disponível em “Escreva algo...”, porém, cabe ao enunciador decidir qual será a natureza da sua postagem. É essa possibilidade quase infinita de opções para se postar que nos legitima a defender a hipótese de que as postagens são práticas discursivas que são concretizadas em gêneros discursivos ou em reelaboração de práticas sociais²⁶. Ainda assim, com base na figura acima, é sábio afirmar que existem diferentes opções que podem resultar em práticas discursivas com a linguagem, pois as próprias *affordances* do ambiente desenhado nos apresentam possibilidades para construir e agir por meio de diversas atividades que são inerentes ao *site* de rede social do *Facebook* e que vão além dos gêneros, a saber: compartilhar uma foto ou um vídeo, anunciar o seu negócio, iniciar um vídeo ao vivo, receber mensagens, criar um evento, criar uma oferta e escrever uma nota.

²⁶ Entendemos o conceito de prática social ou *práxis* como “o conjunto de atividades humanas que engendram não só as condições sociais, mas, de um modo geral, as condições de existência de uma sociedade”. (BLIKSTEIN, 1990, p. 54.)

Essas diversas atividades ou possibilidades de ação que são proporcionadas pelo ambiente desenhado da *fanpage* fazem com que gêneros discursivos se mesquem e assumam formas híbridas em um *locus* multisemiótico que consegue abrigar diferentes semioses que vão do verbal e não verbal até o audiovisual. Na próxima subseção, descrevemos as *affordances* que emergem das postagens, pois sabemos que elas advêm da *fanpage* do Sensacionalista.

4.3.2 As *affordances* da postagem

O *post* do Sensacionalista é o resultado e/ou produto da interação entre o administrador e o ambiente desenhado da *fanpage*. Depois de a postagem ser publicada, o usuário poderá interagir com ela por meio das *affordances* que ela proporciona para interação, pois é através da percepção óptica desses estímulos do meio que podemos interpretá-los, gerar um ponto de vista sobre a interpretação e agir. Conforme já vem sendo discutido, podemos afirmar que a postagem é uma espécie de arcabouço genérico que realiza práticas linguageiras em um ambiente virtual, pois, além de abrigar dentro de si diversos gêneros discursivos, o *post* se modela no mesmo tempo em que adapta os gêneros discursivos advindos das diversas esferas em seu suporte multisemiótico. Além disso, convém destacar que a postagem não exerce ação social com a linguagem, mas sim, os gêneros que lá estão vinculados que realizam esta função.

Em consonância com os pensamentos de Gibson (1986) e Silva (2015), postulamos que uma *affordance* do meio virtual pode gerar outras *affordances* emergentes no mesmo meio, como é o caso da *fanpage*, a qual gera as postagens e, estas, por sua vez, geram outras *affordances* para interação. Em virtude disto, descrevemos as possibilidades que o *post* oferece aos seus leitores ou usuários. Confira a figura abaixo:

Figura 12: As *affordances* da postagem.



Fonte: Elaboração própria com base no Facebook.

A figura acima nos apresenta as *affordances* das postagens que emergem da *fanpage* do Sensacionalista no *Facebook*. Quando criamos e postamos enunciados nas redes sociais, há uma disseminação da informação com uma velocidade grandiosa, pois existem pessoas conectadas 24 horas por dia na *internet*. Em fulcro disto, o leitor, ao receber a postagem na tela de seu computador, *smartphone* ou *tablet*, a primeira interação com *affordance* que sua percepção óptica se depara são com as possibilidades de “Curtir”, “Comentar” e “Compartilhar”.

Primeiramente, o botão de curtir, vulgarmente chamado pelos usuários de “Joinha”, é uma manifestação de apreço e simpatia por algo que foi publicado na postagem, no entanto, com as evoluções que acontecem, esporadicamente, nos *sites* de rede social, essa *affordance* assumiu novas roupagens, como a manifestação de diversas emoções sobre os fatos que são tratados nos *posts*, como por exemplo, as opções: “Amei”, “Haha”, “Uau”, “Triste” e “Grr”. Estes botões ecoam como avaliadores das práticas discursivas que são expressas nas redes, pois os leitores julgam os conteúdos dos textos em uma escala que vai do “curtir” ao “indignado”. Ainda assim, existem outras manifestações que expressam o estado de espírito do usuário ao interagir como: “Amei”, para expressar a emoção de aprovação máxima; o “Haha”, para manifestar o sentimento de jocosidade; o “Uai”, para expressar o espanto ou êxtase; o “Triste”, para marcar o sentimento de infelicidade e, por fim, o “Grr”, para caracterizar o sentimento de desaprovação, repúdio ou fúria com relação ao conteúdo manifestado nos gêneros discursivos vinculados na postagem.

Outra *affordance* que é possibilitada para o engajamento dos leitores no ambiente das postagens é o botão de realizar comentários. Estes são possibilidades que o produzido tem para desenvolver outras práticas linguageiras que podem ou não manter um vínculo de coerência com o tema piloto do *post* central, pois assim como há pessoas que mantêm uma linha de coerência na construção de um metacomentário, há outras que simplesmente quebram esta linha, desviando, assim, da temática da postagem. Na opção de comentar, é concernente defendermos que é possível também praticar uma transposição de gêneros ou até mesmo uma reelaboração de gêneros discursivos, pois as próprias possibilidades do *locus* da postagem legitima isto.

Outra possibilidade de *affordance* muito utilizada também nas postagens e que faz parte de sua própria natureza é a prática de “compartilhar” com outros leitores diferentes conteúdos que estão vinculados na rede social dentro dos *posts*. Esta *affordance* em análise é a responsável pela rápida disseminação, em um curto intervalo de tempo, de informações de várias naturezas, sejam elas notícias e reportagens de cunho verídico ou satírico. O ato de compartilhar é típico dos produzidos que estão conectados e desejam torna público determinadas informações com o propósito de informar, caso a notícia seja verídica, ou satirizar e causar humor, caso a notícia seja fictícia, isto se comprova pelo número de usuários que compartilharam a notícia da figura acima, um total de 3,568 compartilhamentos.

Ainda sobre as *affordances* da postagem, defendemos que existe outra possibilidade para a percepção e ação dos produzidos. Esta possibilidade aparece em forma de *link*, que é característico dos hipertextos que circulam nos *posts* de *sites* de rede social no *Facebook*. Confira na figura a seguir:

Figura 13: O *link* como uma *affordance* dos *posts*.



Fonte: MARCELO (2015)

De acordo com a figura, é pertinente defendermos que os gêneros discursivos que emergem na postagem do Sensacionalista são ocasionados por meio de interações entre os humanos e o computador (comunicação mediada). Ademais, eles podem aparecer de duas maneiras nas postagens: ou os gêneros são postados diretamente no *locus* multisemiótico de um *post* ou eles podem ser linkados de outros *sites* para os *posts* da *fanpage* no *Facebook*, como no caso da figura (13), na qual é perceptível o segundo caso, por causa do próprio endereço do *site* que aparece no canto esquerdo do *post*: www.sensacionalista.com.br. Em virtude disto, defendemos que os gêneros não perdem o seu *status* de gêneros discursivos por aparecerem em forma de *links*. Em fulcro disto, postulamos que os *links* são apenas *affordances* do meio desenhado, neste caso, das postagens que, ao serem acionados com um clique, levam o leitor para outro caminho, ou melhor, para outro endereço eletrônico.

Sobre o conteúdo dessa chamada de notícia, presente na figura (13), primeiramente, um leitor poder facilmente acreditar no que está informado linguisticamente neste *post* pelo fato de não recorrer à reportagem satírica da qual foi gerada esta publicação. Ademais, um leitor, com ponto de vista crítico,

logo infere que esta publicação não tem o mesmo propósito de outras que aparecem em seu *Facebook*, levando-o, desta maneira, a interagir com a *affordance* e buscar compreender o que foi informado na fonte de origem da notícia. Conforme discutimos, o *link* é uma *affordance* que proporciona a interação dos usuários com o ambiente desenhado das postagens. Ele pode trazer qualquer gênero de qualquer esfera social para dentro de uma postagem, sendo assim, defendemos, em consonância com Araújo (2016) e Lima-Neto (2014), que não há esferas digitais, mas sim, transposição de gêneros ou reelaboração de gêneros, os quais advêm de esferas da sociedade que podem se misturar ou não com outros gêneros. Com base nisto, apresentamos a seguir uma figura que caracteriza a possibilidade desta mistura gêneros advindos de diferentes esferas sociais no Facebook.

Figura 14: A imbricação de esferas sociais no *post*.



Fonte: Elaboração própria

Na figura (14), ilustramos didaticamente algumas esferas sociais que podem ocorrer no locus multisemiótico de uma postagem. O *post* consegue abrigar dentro de si todo e qualquer gênero discursivo advindo das mais diversas esferas da atividade humana, porém, é sábio pensar que não é pelo fato de as postagens possuírem alta flexibilidade de se adaptar aos

gêneros e vice-versa que podemos misturar um número relativamente alto de gêneros na postagem, pois as restrições do suporte impedirão. O fato principal é que os gêneros discursivos, que estão dentro do *post*, desenvolvem enunciações que possuem peculiaridades de um discurso jornalístico com efeitos satíricos e humorísticos que se inicia na *fanpage* do Sensacionalista, mas que, ao serem compartilhados pelos produtores por meio da *affordance* de “Compartilhar”, dissemina-se por todo *Facebook*. Sendo assim, assumimos o posicionamento de que estes gêneros discursivos, os quais são transpostos e/ou reelaborados na postagem, são resultados de vários eventos e ações que acontecem em situações da vida de diferentes pessoas e os textos materializam essas informações, caracterizando, assim, uma prática discursiva com a linguagem.

Ainda em consonância com a figura (14), assumimos o posicionamento de que as ações sociais (MILLER 2012) que os gêneros discursivos, vinculados nos *posts* de cunho satírico, podem gerar são as mais diversificadas possíveis, pois um dado texto no *Facebook* pode constranger, humilhar, difamar e ridicularizar alguém, porque a sua força linguística e simbólica são muito grandes devido ao alto índice de visualização que pode ter. Sendo assim, imagine que uma pessoa receba na sua página pessoal do seu *Facebook* uma série de calúnias e/ou difamações de uma pessoa conhecida ou desconhecida; a circulação dessa informação é vista por todos aqueles que possuem uma conta e estiverem conectados, ou seja, até o atingido provar sua inocência, através da contra argumentação, ele já terá uma face social prejudicada pelas ações sociais dos gêneros na postagem. Sendo assim, foi pensando justamente neste poder da ação social desses textos que o *Facebook* adotou como medida de segurança a *affordance* de triagem de postagens que podem ou não aparecer quando alguém posta algo em sua linha do tempo.

Por fim, entendemos que são diversas as práticas discursivas que emergem dentro da *fanpage* no *Facebook*. Nesta pesquisa, a postagem nos mostrou que não é um gênero do discurso, mas uma prática discursiva hipertextual complexa, pois os produtores, conectados à rede de *internet* e interagindo por meio de uma máquina de computador, podem se utilizar de quaisquer gêneros, advindos de quaisquer esferas sociais para realizar suas

intenções comunicativas em um *site* de rede social. Ao longo desta pesquisa, estivemos inseridos no universo de *Facebook* e descrevemos, netnograficamente (HINE, 2004), esses fenômenos linguísticos e interacionais que ocorrem, hodiernamente, em sociedade. Por fim, chegamos ao final desta seção de análise dos dados que tratou de explicar, sob um viés linguístico, as práticas discursivas que são utilizadas por produzidos com o auxílio do computador. Com relação ao próximo capítulo, apresentamos os resultados e as hipóteses desta pesquisa com bases nos objetivos que atingimos.

5 CONCLUSÃO

“As críticas são como as pedras que, quando são atiradas contra nossa fortaleza, elas vêm para fortificar a nossa muralha interna e externa”. (Pad. Fernando Guanabara).

Apresentamos agora os resultados finais que obtivemos nesta dissertação que atendeu o seu objetivo geral de analisar as práticas discursivas da postagem na *fanpage* do Sensacionalista no *Facebook*, considerando a intertextualidade intergenérica dessas práticas, suas manifestações em *remix* e *mashups* e as *affordances* do ambiente desenhado virtual, as quais legitimam a interação entre os humanos e os computadores ou *tablets*.

Em primeiro momento, chegamos a pensar que a postagem do Sensacionalista no *Facebook* fosse um gênero digital. No entanto, este conceito não se sustentou em uma base epistemológica bakhtiniana, pois Bakhtin (2011) postula que os gêneros são formas relativamente estáveis de enunciados concretos que emergem das esferas sociais da atividade humana. Sendo assim, ao longo da dissertação, defendemos que não existem esferas digitais, logo, não existem gêneros digitais, mas, existem gêneros discursivos com características hipertextuais. Ainda assim, o que defendemos é o ponto de vista de que os gêneros podem ser transpostos e/ou reelaborados para o ambiente virtual desenhando, mas eles estão vinculados a uma esfera da atividade humana concreta no mundo físico.

Dentre os processos de reelaboração, encontramos um gênero discursivo que emerge no locus das postagens e se encontra em um *continuum* que vai da emergência à relativa standardização, como é o caso das chamadas de notícias da *fanpage* do portal Sensacionalista no *Facebook*. Este gênero é resultado de um processo de transcendência textual que, em consonância com Genette (2010), chamamos de hipertextualidade, pois uma notícia ou uma reportagem transcende para uma chamada de notícia, a qual nós postulamos estar vinculada à esfera de atividade jornalística.

Com relação aos resultados da pesquisa, verificamos que as hipóteses que postulamos foram todas confirmadas, a saber: a) O processo de intertextualidade intergenérica, que acontece no *locus* das postagens na *fanpage* do Sensacionalista no *Facebook*, é o indício de que no texto em que ela se manifesta, haverá um processo de mescla de gêneros; b) As práticas de *remixes* e *mashups* são estratégias de textualização que transformam e/ou subvertem tanto as imagens quanto os gêneros discursivos que estão vinculados nas postagens do Sensacionalista; c) As várias *affordances*, que são disponibilizadas na *fanpage* do Sensacionalista, possibilitam aos produtores de textos na *internet* a viabilidade de manifestar diferentes práticas discursivas por meio da postagem, pois nesta, diversos gêneros advindos de diferentes esferas digitais são (re)elaborados em um *locus* multisemiótico.

Por fim, organizamos três subseções deste capítulo conclusivo que apresenta respostas para alguns questionamentos, a saber: apresentamos o que é uma postagem com base em ponto de vista de um linguista; o que são as práticas discursivas sob a ótica dos estudos de gêneros e as sugestões de continuação desta pesquisa.

5.1 Afinal, o que é uma postagem (ou um *post*)?

A postagem (ou o *post*) do Sensacionalista no *Facebook* vem sendo utilizada por diversas pessoas que se conectam em computadores para atender as mais diversas demandas discursivas. Porém, para realizar a ação de postar, o usuário conectado necessita de habilidades cognitivas e linguísticas para gerar um evento sociocomunicativo que atenda às suas intenções e objetivos. Sendo assim, chegamos à conclusão de que a postagem não é um gênero digital, pois gêneros digitais não existem (ARAÚJO, 2016). Em virtude disto, assumimos, de maneira mais geral, o ponto de vista de que a postagem, no *site* de rede social do *Facebook*, é uma prática discursiva hipertextual que (re)elabora e vincula diversos gêneros advindos de diferentes esferas sociais e os misturam em um suporte multissemiótico que legitima isto. Além disso, postulamos, de maneira mais específica, que a postagem das *fanpages* do Sensacionalista é construída com base em estratégias de *remix* e *mashups*, ou seja, novas estratégias de textualização que são partes

integrantes da postagem e auxiliam na construção de sentidos em textos elaborados no *Facebook*.

Em síntese, podemos defender que a postagem do Sensacionalista (o *post*) é uma prática discursiva hipertextual que ora transpõe gêneros discursivos advindos das esferas de atividade humana, ora os reelabora em seu suporte. Além disso, ela é formada por 4 categorias que a compõem, a saber: os *remix*, os *mashups*, as intertextualidades intergenéricas e as *affordances*. Esta última, para diferentes tipos de interações. Partimos agora para próxima subseção deste capítulo conclusivo.

5.2 Afinal, o que são Práticas Discursivas e Reelaborações?

O ser humano, em sociedade, apropria-se da língua (seja na modalidade oral, seja na modalidade escrita) e exerce sobre ela diversas escolhas linguísticas e intenções que são textualizadas. O resultado dessas apropriações são gêneros discursivos que exercem ações sociais e relações de poder sobre as pessoas e/ou instituições. Em virtude disto, o resultado das seleções linguísticas, das estratégias de textualizações, dos propósitos comunicativos, das intenções e ações é o que chamamos de práticas discursivas, sendo estas vinculadas a uma esfera da atividade humana, na qual é elaborada ou reelaborada por um produtor profissional (BATHIA, 1999; MARCUSHI, 2008). Em fulcro disto, este conceito, nos estudos dos gêneros discursivos, foi cunhado para esta dissertação para dar conta das postagens do Sensacionalista, as quais desempenham a função de prática discursiva por conta de os gêneros estarem vinculados em seu suporte.

Além disso, uma prática discursiva realizada por gêneros envolve certo número de participantes que deixam transparecer seus estilos individuais na criação de um gênero específico. Já no caso das postagens, elas possibilitam *affordances* aos produzíveis que gera uma liberdade criadora que pode resultar na mescla de um grande número de gêneros discursivo, porém, limitada. Sendo assim, o *post* é uma prática discursiva, pois é produzido pelos usuários que, na elaboração, envolvem escolhas linguísticas e tomadas de decisões, criam intenções, o(s) propósito(s) comunicativo(s), uma estrutura

composicional genérica, uma temática, uma ação social, abriga para dentro de si gêneros discursivos e possibilita a interação com os interlocutores.

Destarte, sendo a postagem uma prática discursiva que reelabora gêneros, convém entender o conceito de reelaboração, o qual faz parte de uma concepção bakhtiniana e é uma terminologia chave para a conclusão desta dissertação, porque o entendemos como uma desestabilização da estrutura composicional de um gênero discursivo por conta de forças centrípetas (dimensão da língua) e centrífugas (dimensão do produtor de gênero). Sendo assim, assumimos o ponto de vista a favor de que os gêneros discursivos vinculados nas postagens da *fanpage* do Sensacionalista no *Facebook* são casos de (re)elaborações de gêneros, pois temos notícias, reportagens, anúncios e histórias em quadrinhos que perdem a sua integridade genérica, ou seja, as suas estruturas composicionais e propósitos comunicativos são alterados ou subvertidos para o nascimento de dois novos gêneros emergentes. Destes dois, o primeiro, denominamos de chamadas de notícias e outro, não existe uma nomeação consensual por conta da alta hibridização que ocorre neles. Na próxima subseção, discorreremos sobre algumas sugestões que podem dar continuidade a esta pesquisa sobre linguagem em *sites* de rede sociais.

5.3 Sugestões de continuidade da pesquisa

Apresentamos aqui algumas possibilidades que esta dissertação gerou para outros pesquisadores que venham a se interessar pelos estudos dos gêneros discursivos, das estratégias de textualização e das práticas discursivas que ocorrem na *internet*. Estas sugestões são interessantes tanto para a criação de novas problematizações que surgem hodiernamente na ciência linguística, quanto para resolução de aporias que surgem nos estudos de gêneros em ambientes virtuais, pois sabemos que os *sites* de redes sociais são muito flexíveis e sujeitos a mudanças constantes. Enfim, enumeramos em forma de questionamentos algumas inquietações que podem ser pesquisadas na área de linguística a partir desta dissertação.

1) Como funciona a postagem em outras *fanpages* do *Facebook* e/ou até mesmo em outros *sites* de redes sociais como *Instagram* ou *Whatsapp*?

A presente dissertação fez um recorte que abrangeu apenas as postagens da *fanpage* do portal Sensacionalista no *Facebook*, porém, outros estudos podem buscar uma descrição netnográfica de como os gêneros discursivos se relacionam com as postagens de outras redes sociais. Tanto o *instagram* quanto o *Whatsapp* são *locus* profícuos para estudos de práticas discursivas e estratégias de textualizações, pois hodiernamente os humanos estão misturando os textos para atender suas necessidades, individuais ou sociais.

2) Como que se dá as interações síncronas e assíncronas nos metacomentários que emergem da/na postagem?

Uma descrição netnográfica dessas interações é bastante relevante, oportuna e necessária tanto para os estudos de reelaboração de gêneros discursivos quanto para o estudo de leitura e coerência, pois o analista iria ter uma tomada de decisão na hora de categorizar os dados obtidos. Sendo assim, ele iria defender como se dá essas interações que não possuem um espaço físico bem delimitado, pois sabemos que estamos em rede conectada, ou seja, diferentes pessoas se apropriando dos gêneros e interagindo em vários pontos do planeta terra.

3) Como se dá compreensão e interpretação dos produtores que realizam práticas discursivas em *sites* de redes sociais?

Isto seria também seria de grande investimento para uma pesquisa linguística, saber se eles entendem o peso das suas ações sociais na internet e o alto poder simbólico que uma postagem representa em uma sociedade conectada. Esta questão apresentada pode ir muito mais além, ou seja, buscar o entendimento, com base na analogia, de como um estudante do curso de letras compreende essas práticas e como um produtor mais leigo no assunto se percebe nas postagens. Ainda assim, Seria interessante também descobrirmos como que esses produtores nomeiam essas práticas e se eles têm sapiência que estão se apropriando dos gêneros discursivos.

Por fim, nesta dissertação, que se insere no campo de pesquisa da Linguística de Texto, ativamos apenas um fio condutor de uma discussão que poderá ser pesquisada em outros *sites* de redes sociais conforme enumeramos acima. Dessa maneira, postulamos que as categorias analíticas chamadas intertextualidades intergenéricas, as práticas de *remix* e *mashups* são estratégias de textualização que ajudam na produção de sentido e na (re)elaboração de diversos gêneros discursivos, como foram os casos apresentados nesta pesquisa; no entanto, essas práticas só são legitimadas por conta das possibilidades do ambiente desenhado, ou seja, por conta das *affordances* do meio digital.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, Leila Rachel Barbosa. **O perfil fake como um gênero do Twitter**. 2012. 184 f. Dissertação (Mestrado em Letras) — Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012.
- ALVES FILHO, Francisco. **Gêneros jornalísticos**: notícias e cartas do leitor no Ensino Fundamental. São Paulo: Cortez, 2011.
- ALVES FILHO, Francisco; SANTOS, E. P. O tema da enunciação e o tema do gênero no comentário online. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, SC, v. 10, p. 78-90, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/19848412.2013v10n2p78/25542>>. Acesso em 07/11/2017.
- APÓS polêmica no ano passado, Enem tem versão para alunos de extrema-direita. In: **Sensacionalista**, 2017. Disponível em: <<https://www.sensacionalista.com.br/2015/10/27/exclusivo-veja-as-propostas-da-direita-para-as-questoes-do-proximo-enem/>>. Acesso em: 01/01/2017.
- ARAÚJO, J. C. **Chat na web**: estudo de um gênero hipertextual. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.
- ARAÚJO, J. C. Reelaborações de gêneros em redes sociais. In: _____; LEFFA, V. (Orgs.). **Redes Sociais e ensino de línguas**: o que temos que aprender?. 1.ed. São Paulo: Parábola, 2016. Cap.3, p. 49-64.
- ASKEHAVE, Inger; SWALES, John M. Identificação de gênero e propósito comunicativo: um problema e uma possível solução. In: BEZERRA, Benedito Gomes; BIASI-RODRIGUES, Bernadete; CAVALCANTE, Mônica Magalhães (Org.). **Gêneros e sequências textuais**. Recife: Edupe, 2009. p.221 – 247.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, [1953] 2011.
- BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**; Angela Paiva Dionísio e Judith Chambliss Hoffnagel (Org.). Tradução e adaptação de Judith Chambliss Hoffnagel. 3 ed.. São Paulo: Cortez, 2011.
- BHATIA, Vijay. A análise de gêneros hoje. Tradução de Benedito Gomes Bezerra. In: BEZERRA, Benedito; BIASI-RODRIGUES, Bernardete; CAVALCANTE, Mônica. (Org.). **Gêneros e sequências textuais**. Recife: Edupe, 2009. p. 159-195.
- BHATIA, V. K. Integrating products, processes, purposes and participants in professional writing. In: CANDLIN, C. N.; HYLAND, K. (Eds.). **Writing**: texts, processes and practices. London: Longman, 1999. p. 21-39.
- BLIKSTEIN, I. **Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

BOBBIO, N. **Direita e esquerda**: razões e significados de uma distinção política. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

BOTICELLI, Sandro (1483); PENA, Júlio Cesar Leon (2011). Altura: 600 pixels. Largura: 375 pixels. 133 Kb. Formato JPEG. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=bith+of+venus+por+julio+cesarr&ie=utf8&oe=utf-8&client=firefox-b+ab&gfe_rd=cr&ei=Wy9GWMOsG4OlwQTZhJPYBg>. Acesso em 06/12/2016.

BUZATO, M. E. K. et al. Remix, *mashup*, paródia e companhia: por uma taxonomia multidimensional da transtextualidade na cultura digital. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 13, n. 4, p. 1191-1221, 2013.

CASTRO, Bruno Diego de Resende. **Apropriações institucionais do twitter**: uma análise sociorretórica dos perfis de universidade piauienses. 2012. 242 f. Dissertação (Mestrado em Letras) — Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012.

CAVALCANTE, M. M. Referenciação e intertextualidade. In: JORNADA NACIONAL DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS, 2006, JOÃO PESSOA. **Anais...** João Pessoa: Gelne, 2006. v. 1. p. 2250-2260.

CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V. Revisitando o estatuto do texto. Revista do **Gelne**, Natal – RN, v. 12, n. 2, 2010, p. 56-71.

CORRENTE no WhatsApp com feriados de 2017 já é mais desejada que iPhone 7. In: **Sensacionalista**, 2016. Disponível em: <<http://www.sensacionalista.com.br/2016/11/15/corrente-no-whatsapp-com-feriados-de-2017-ja-e-mais-desejada-que-iphone-7/>>. Acesso em: 01/01/2017.

COSTA, R. R. **A interface como prática discursiva em redes sociotécnicas: um estudo no youtube**. 2016. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

CUNHA é excluído do grupo de WhatsApp do PMDB após prisão e isso não é notícia do Sensacionalista. In: **Sensacionalista**, 2016. Disponível em: <<http://www.sensacionalista.com.br/2016/10/20/cunha-e-excluido-do-grupo-de-whatsapp-do-pmdb-apos-prisao-e-isso-nao-e-noticia-do-sensacionalista/>>. Acesso em: 01/01/2017.

CRIMINOSO que hackeou celular de Marcela quer ir para ala psiquiátrica após ver nudes de Temer. In: **Sensacionalista**, 2016. Disponível em: <<http://www.sensacionalista.com.br/2016/10/26/criminoso-que-hackeou-celular-de-marcela-quer-ir-para-ala-psiquiatrica-apos-ver-nudes-de-temer/>>. Acesso em: 01/01/2016.

DESAPARECIDO: Sérgio Moro desaparece e ninguém sabe se morreu ou foi para a Record. In: **Sensacionalista**, 2017. Disponível em: <

<https://www.sensacionalista.com.br/2016/04/26/sergio-moro-desaparece-e-ninguem-sabe-se-morreu-ou-foi-para-a-record/> >. Acesso em: 10/10/2016.

DIEB, M. H. **Educação infantil e formação docente**: um estudo em representações sociais. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

GENETTE, G. **Palimpsestos**: a literatura de segunda mão. Extratos traduzidos por Cibele Braga; Erika Viviane Costa Vieira; Luciene Guimarães; Maria Antônia Ramos Coutinho; Mariana Mendes Arruda; Mirian Vieira. Belo Horizonte: Viva Voz, 2010.

GIBSON, J. J. **The ecological approach to visual perception**. Hillsdale: Lawrence Erlbaum. 1986.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOOGLE Maps. Escalas variam, 2017?. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps>>. Acesso em 8/10/2017.

GOOGLE News. Escalas variam, 2017?. Disponível em: <<https://news.google.com>>. Acesso em 8/10/2017.

HINE, Christine. **Etnografía virtual**. Barcelona: Editorial UOC, 2004.

HOMEM cai da janela após confundir pombo com Pokémon. In: **Sensacionalista**, 2016. Disponível em: <<https://www.sensacionalista.com.br/2016/08/04/homem-cai-da-janela-apos-confundir-pombo-com-pokemon/>>. Acesso em 06/12/2016.

HUMANOS go: pokémons criam aplicativo para caçar jogadores sumidos. In **Sensacionalista**, 2016.

JUIZ libera preso dizendo que bandidos estão dando “golpe na democracia”. In: **Surrealista**, 2016. Disponível em: <<http://www.surrealista.com.br/2016/09/juiz-libera-presos-dizendo-que-bandidos-estao-dando-golpe-na-democracia/>>. Acesso em 07/12/2016.

KEOMA. Direção: Enzo G. Castellari. Produção: Manolo Bolognini. Itália, 1976. 1 DVD (105 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Sk6Fm45Jg>>. Acesso em 10/06/2017.

KOCH, I. G. V. **Introdução à linguística textual**: trajetória e grandes temas. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

KOCH, I.G.V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. **Intertextualidades**: diálogos possíveis. São Paulo: Contexto, 2007.

KOCH, Ingedore V.; ELIAS, Vanda M. **Ler e Compreender os Sentidos do Texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

KOZINETS, R. **Nethnography**: doing ethnographic research online. Online Communities. Net. (2010). Disponível em: <<http://www.nyu.edu/classes/bkg/methods/netnography.pdf>>. Acesso em 23/05/2017.

LÍDER das pesquisas para prefeitura de BH diz 'Eu roubo, mas não peço propina' em debate. In: **Surrealista**, 2016. Disponível em: <<https://www.surrealista.com.br/2016/10/lider-das-pesquisas-para-prefeitura-de-bh-diz-eu-roubo-mas-nao-peco-propina-em-debate/>>. Acesso em: 10/10/2016.

LIMA-NETO, V. **Mesclas de gêneros no Orkut**: o caso do *scrap*. 2009. 213 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

LIMA-NETO, V. **Um estudo da emergência de gêneros no facebook**. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

LULA é indiciado pela 3ª vez sem ser preso e surgem suspeitas de que ele tenha se filiado ao PSDB. In: **Sensacionalista**, 2016. Disponível em: <http://www.sensacionalista.com.br/2016/12/15/lula-e-indiciado-pela-3a-vez-sem-ser-presos-e-surgem-suspeitas-de-que-ele-tenha-se-filiado-ao-psdb/>>. Acesso em: 10/11/2016.

MARCELO Bonfá confessa que estava batendo tambor para Renato Russo descer. In: **Sensacionalista**, 2015. Disponível em: <<http://www.sensacionalista.com.br/2016/07/05/marcelo-bonfa-confessa-que-estava-batendo-tambor-para-renato-russo-descer/>>. Acesso em: 10/10/2015.

MARCUSCHI, L.A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L.A. & XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3.ed. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros Textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

MARCUSCHI, L. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. Rio de Janeiro: Parábola Editorial, 2008.

MARINA ganharia em 2º turno se eleição fosse hoje porque se fosse amanhã ela mudaria de ideia, diz Datafolha. In: **Sensacionalista**, 2016. Disponível em: <<http://www.sensacionalista.com.br/2016/12/12/marina-ganharia-em-2o-turno-se-eleicao-fosse-hoje-porque-se-fosse-amanha-ela-mudaria-de-ideia-diz-datafolha/>>. Acesso em: 05/08/2016.

MARTINS, C. C. L. **Gêneros digitais e a escrita no Orkut**: reconfiguração do gênero bilhete. Dissertação (Mestrado em ciências da linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina, tubarão, 2007.

MARTINS, T.M.O. A netnografia como metodologia para conhecer o trabalho de professores da cultura digital. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE. 10º, 2011, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2011.

MILLER, Carolyn R. **Gênero textual, agência e tecnologia**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

MONTAGENS: As 15 melhores montagens, legendas e memes com a foto do Temer na faculdade feitas por nossos leitores. In: **Sensacionalista**, 2017. Disponível em:< <http://www.sensacionalista.com.br/2016/10/19/as-x-melhores-montagens-legendas-e-memes-com-a-foto-do-temer-na-faculdade-feitas-por-nossos-leitores/>>. Acesso em: 01/01/2017.

NAVAS, E. **Remix**: the bond of repetition and representation. 2008. Disponível em: <http://remixtheory.net/?p=361>. Acesso em: 15 julho. 2016.

NAVAS, E. **Regressive and reflexive mashups in sampling culture**. SONVILLA-WEISS, STEFAN (Ed.) Mashup Cultures, 2010. Springer Wien/New York. Book was published in May 2010.

NOBRE, K. **Crerios classificat6rios de processos intertextuais**. 2014. 119 f. Tese (Doutorado) – Programa de P6s-gradua76o em Linguística, Universidade Federal do Cear6, Fortaleza, 2014.

NUTRICIONISTA diz que Alexandre Borges pode comer o que ele quiser e ningu6m tem nada com isso. In: **Sensacionalista**, 2016. Disponível em:<<http://www.sensacionalista.com.br/2016/09/16/nutricionista-diz-que-alexandre-borges-pode-comer-o-que-ele-quiser-e-ninguem-tem-nada-com-isso/>>. Acesso: 01/12/2016.

PESSOAS que pagaram R\$ 290 por jantar com Kim Kataguri poder6o ser interditadas pela fam6lia. In: **Sensacionalista**, 2016. Disponível em:<<http://www.sensacionalista.com.br/2016/08/25/pessoas-que-pagaram-r-290-por-jantar-com-kim-kataguri-poderao-ser-interditadas-pela-familia/>>. Acesso: 07/09/2016.

PI6GAY-GROS, N. Tipologia da intertextualidade. **Intersec76es – Revista sobre pr6ticas discursivas e textuais**, S6o Paulo, Ano 3, n. 1., p 220-244, 2010.

PINK FLOYD. **Another brick in the wall (Filme)**. Remix de Frederico SCAVO. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=nh78dkeVI0g>>. Acesso em 07/10/2017.

RECUERO, R. Discurso mediado por computador nas redes sociais. In: ARAÚJO, J. C.; LEFFA, V. (Orgs.). **Redes Sociais e ensino de línguas: o que temos que aprender?**. São Paulo: Parábola, 2016. Cap.1, p. 17-32.

ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, A. e MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros: Teorias, Métodos, Debates**. São Paulo: Parábola, 2005. Cap. 9, p. 184-207.

ROLIM, A. P.. 'Ajude a proteger sua vida e a de seus familiares: as práticas públicas de delação e caça ao inimigo objetivo na doutrina de segurança nacional, através dos cartazes de procurados. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA- HISTÓRIA, VERDADE E ÉTICA. XII, 2014, São Leopoldo. **Anais...**, 2014.

ROUSSEF, Dilma, Fanpage política. In: **Sensacionalista**, 2016. Disponível em: < <https://www.facebook.com/DilmaRousseff/?fref=ts>>. Acesso em 06/12/2016.

SILVA, A. T. **Affordances e restrições na interação interpessoal escrita online durante a aprendizagem de inglês como língua estrangeira**. 2015. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

SOUSA, M. M. F. de. **A organização textual-discursiva dos anúncios de turismo no Ceará**. Recife, 2005. 212p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

TEMER diz que treinou com personal trainer para conseguir rasgar Constituição cidadã de 88. In: **Sensacionalista**, 2016. Disponível em: <<http://www.sensacionalista.com.br/2016/12/13/temer-diz-que-treinou-com-personal-trainer-para-conseguir-rasgar-constituicao-cidada-de-88/>>. Acesso em: 09/10/2016.

TRUMP: Em uma escala Donald Trump, como você está se sentindo hoje?. In: **Sensacionalista**, 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/sensacionalista/>>. Acesso em 01/01/2017.

TURMA da Mônica previu possibilidade de Roberto Justus se candidatar à presidência. In: **Sensacionalista**, 2016. Disponível em: <<http://www.sensacionalista.com.br/2016/11/21/turma-da-monica-previu-possibilidade-de-roberto-justus-se-candidatar-a-presidencia/>>. Acesso em: 01/01/2017.

XAVIER, A. C. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3.ed. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

